

ÉPOCA



www.epoca.com.br



AS CONEXÕES INTERNACIONAIS DA CORRUPÇÃO



A Lava Jato pede colaboração da polícia e do Ministério Público de **Portugal** para investigar o petrolão e o mensalão



O Ministério Público da **Suíça** rastreia as contas da Odebrecht e investiga a propina para ex-diretores da Petrobras



APESAR DA CRISE

Os empreendedores brasileiros que conseguem exportar – com todas as dificuldades

E A CRISE SE APROFUNDA

Recessão longa, dólar alto, rebaixamento da nota do Brasil. As prováveis consequências da nova meta fiscal

EXCLUSIVO

APARECE O PRIMEIRO INDÍCIO DE UMA CONTA DO PT NO EXTERIOR

SÓ APOIO MORAL NÃO VAI FAZER A SUA EMPRESA CRESCER.

CHEGOU SANTANDER NEGÓCIOS & EMPRESAS

Quando a sua empresa cresce, o banco cresce junto.
Uma relação simples, pessoal e justa é assim.
Por isso, mais que serviços financeiros, a gente oferece
a experiência de um banco global para o seu crescimento.

Santander Negócios & Empresas dá apoio para
a internacionalização e a construção de equipes,
além de capacitação para o empresário
e os funcionários com parceiros reconhecidos.



**Conheça melhor o que essa proposta pode fazer por você
em santander.com.br/negocioseempresas e abra sua conta.**

 **Busque por “Santander Negócios e Empresas”.**

Os produtos são contratados de forma independente e estão sujeitos à aprovação de crédito e de cadastro.

Central de Atendimento Santander: 4004-3535 (regiões metropolitanas); 0800-702-3535 (demais localidades);
0800-723-5007 (atendimento a pessoas com deficiência auditiva e de fala). **SAC:** 0800-762-7777;
Ouvidoria: 0800-726-0322 (ambos atendem também pessoas com deficiência auditiva e de fala).



Santander

Negócios
& Empresas



Pedestre, use sua faixa.

LANCER 2016.

QUEM GOSTA DE CONFORTO E DESIGN
NÃO VAI QUERER SAIR DELE POR NADA.



**NOVO CONJUNTO DE
SUSPENSÃO COMFORT
ORIENTED E RODA
DE LIGA LEVE ARO 16".**



**SENSORES AUTOMÁTICOS DE LUZ
PARA ACENDIMENTO DO FAROL
E DE CHUVA PARA ACIONAMENTO
DO LIMPADOR DE PARA-BRISA.**



**MOTOR DE ALUMÍNIO 2.0 L
MIVEC DE 16 VÁLVULAS COM
160 CV: ECONOMIA E POTÊNCIA
NO MESMO MOTOR.**



**PORTA-MALAS COM
413 LITROS E ABERTURA
PANTOGRÁFICA, QUE NÃO
DANIFICA AS BAGAGENS.**

NOVOLANCER.COM.BR

AFRICA



A PARTIR DE
R\$ 68.990,*
AVISTA (FRETE INCLUSO)

DRIVEYOURWORLD

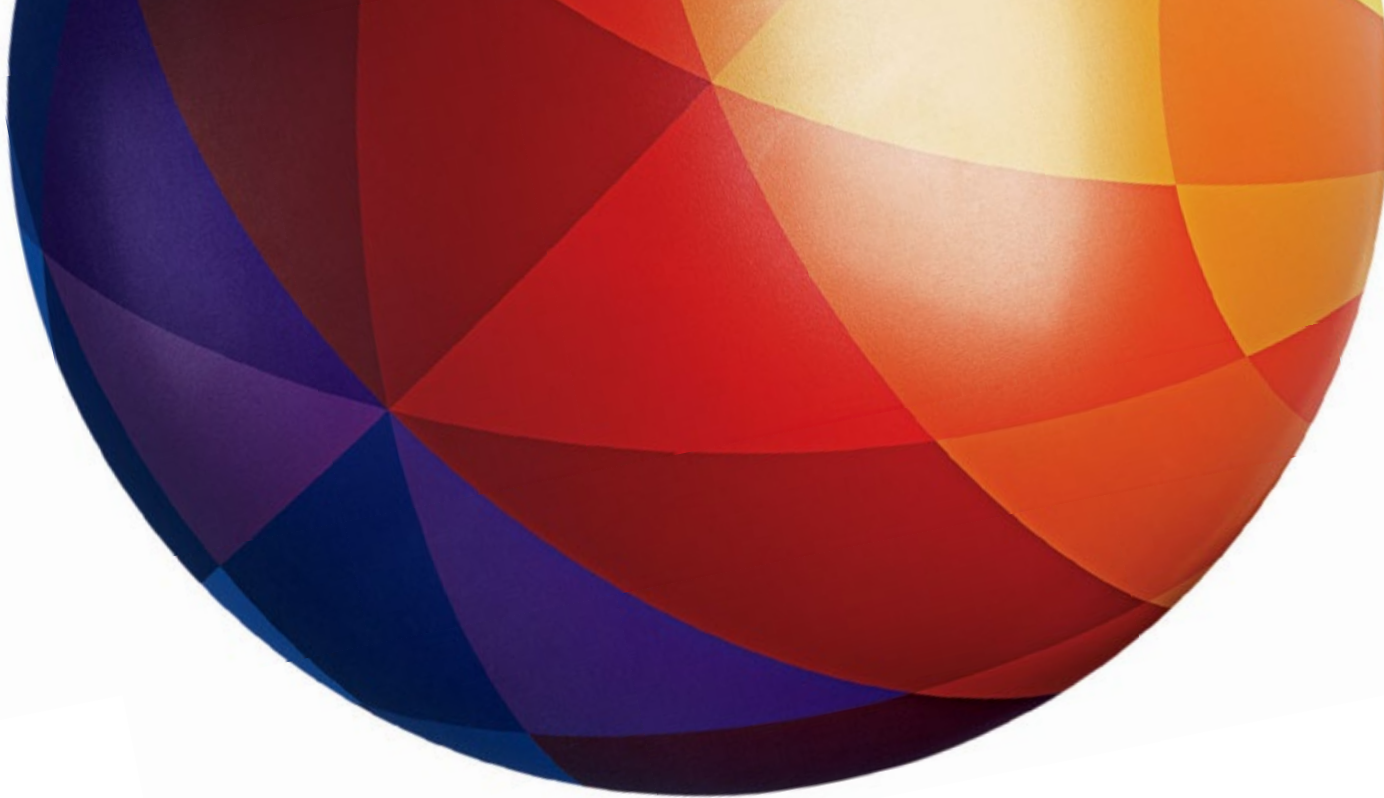


**QUEM É
BATALHADOR
E SÉRIO VAI
LONGE.
VAMOS.**

**VENHA
TRABALHAR
NA BRF.**



Francine Rosatti
Vendas – Jundiaí



DM9

Se você quer crescer do jeito certo e acredita em um caminho sem atalhos, venha trabalhar com a gente.

A 7ª maior empresa de alimentos do mundo, presente em mais de 120 países, nos 5 continentes.

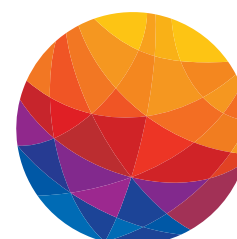
Nós somos uma das 100 empresas mais inovadoras do planeta, com 104 mil pessoas construindo o futuro juntas.

Sim, somos grandes, mas queremos ser muito mais com você.

Envie seu currículo pelo www.sonhadoresbrf.com.br

Vamos juntos realizar o sonho de uma BRF ainda maior.

vivABRF



brf

SUMÁRIO

EDIÇÃO 894 | 27 DE JULHO DE 2015

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 16

PERSONAGEM DA SEMANA 17

Hisao Tanaka, o executivo da Toshiba que se envolveu em um esquema de fraude – e pediu desculpas

A SEMANA EM NOTAS 20

A SEMANA EM FRASES 22

EXPRESSO 24

A Procuradoria-Geral da República já tem a “bala de prata” para denunciar Eduardo Cunha na Lava Jato

GUILHERME FIUZA 26

O Proibidão do Porto

SUA OPINIÃO 28

NOSSA OPINIÃO 30

TEMPO

TEATRO DA POLÍTICA

As investigações da Lava Jato no exterior 34

Surgem indícios de uma conta do PT no exterior 36

Para Eduardo Cunha, a melhor defesa é o ataque 40

O jogo de ganha-ganha entre Geraldo Alckmin e Dilma Rousseff 42

Joaquim Levy sofre – e os brasileiros sofrerão junto 44



CARTA DE HAVANA 48

Cuba está ansiosa com a chegada dos americanos

ENTREVISTA 52

O sociólogo **Brasílio Sallum Jr.** lança um livro sobre o processo de impeachment de Collor e avalia o cenário atual da presidente Dilma

IDEIAS

OBSERVADOR

DO JORNALISMO 56

O jornal *O Globo* completa 90 anos

MOVIMENTO EMPREENDA 62

Pequenos e microempresários driblam a crise e exportam para o exterior

HELIO GUROVITZ 67

Em *Os limites do possível*, André Lara Resende provoca ao questionar se o crescimento rápido da economia é a melhor opção

VIDA

ROMANCE URBANO 68

Na era digital, terminar um relacionamento ficou mais fácil. A psicologia explica

ENTREVISTA 72

Elza Berquó, demógrafa brasileira, fala da homossexualidade depois dos 60 anos

BRUNO ASTUTO 76

Roberta Rodrigues viverá uma ninfomaníaca na nova novela das 9

WALCYR CARRASCO 80

O book rosa

MENTE ABERTA 82

ÉPOCA ouviu o primeiro álbum solo de Keith Richards em duas décadas

JAIRO BOUER 86

Por que ainda não erradicamos o HIV

12 HORAS 88

RUTH DE AQUINO 90

Eduardo Cunha é o inimigo dos sonhos de Dilma



DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE Alexandre Barsotti
DIRETOR DE MERCADO LEITOR Luciano Touguinha de Castro

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima epocadir@edglobo.com.br

Editor-Chefe: Diego Escosteguy

Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas

Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Marcos Coronato

Editor-Colunista: Bruno Astuto

Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Danilo Venticinquê, Flávia Yuri Oshima, João Luiz Vieira, Marcela Buscato, Marcelo Moura, Rodrigo Turrer

Repórteres Especiais: Cristiane Segatto, José Fucs

Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyr Carrasco

Repórteres: Flávia Tavares, Grazielle Oliveira, Júlia Azevedo Korte, Leopoldo Mateus, Marcelo Sperandio, Nina Finco, Pedro Marcondes de Moura, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa, Thais Lazzeri, Vinicius Gorczeski

Estagiários: Ana Helena Rodrigues, Arianne Teresa de Freitas, Felipe Hideki Yatabe, Gabriel Lellis, Gabriela Varella, Harumi Visconti, Igor Utsumi, Patrícia Peres

SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br

Praça Floriano, 19 – 8º andar – Centro – CEP 20031-050

Diretora: Cristina Grillo; Repórteres: Acyr Méra Júnior, Daniela Barbi, Marcelo Bortoloti, Sérgio Garcia; Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Raphael Gomide; Samantha Lima

Estagiária: Lívia Cunto Salles | BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br

SRTVS 701 – Centro Empresarial Assis Chateaubriand – Bloco 2 – Salas 701/716 – Asa Sul

Diretor: Luiz Alberto Weber; Editor: Leandro Loyola;

Repórteres: Filipe Coutinho, Murilo Ramos, Thiago Bronzatto

FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; Assistente: Sidinei Lopes

DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; Editora Assistente: Aline Chica

Designers: Alyne Tanin, Daniel Graf, Renato Tanigawa;

Editor de Infografia: Marco Vergotti; Infografistas: Luiz C.D. Salomão

SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel

REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; Revisores: Alice Rejailli Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Vergínia Helena Costa Rodrigues

ÉPOCA ONLINE | epocaonline@edglobo.com.br

Editora: Liuca Yonaha; Editora Assistente: Isabela Kiesel;

Repórteres: Bruno Calixto, Marina Ribeiro, Rafael Ciscati; Vídeo: Pedro Schimidt;

Web Designer: Giovana Tarakdjian; Estagiária: Marina Salles Teixeira

CARTAS À REDAÇÃO: Nathalia Bianco epoca@edglobo.com.br;

Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno; Assistentes: Nathália Machado Garcia, Victória Miwa; Pesquisa: CEDOC/Globopress;

INOVAÇÃO DIGITAL: Diretor de Inovação Digital: Alexandre Maron;

Gerente de Estratégia de Conteúdo Digital: Silvia Balieiro;

Gerente de Tecnologia Digital: Carlos Eduardo Cruz; Gerente de Interfaces

Digitais: Valtér Bicudo; Designers: Janaina Torres, Sheyla Amaral; Esley Henrique e Marcella Maia (estagiários) Desenvolvedores: Bruno Agutoli, Everton Ribeiro, Jeferson Mendonça, Leonardo Turbiani, Marcio Esposito, Tcha-Tcho, Victor Hugo Oliveira da Silva

MERCADO ANUNCIANTE: Diretoria de negócios multiplataforma: Emiliano Morad Hansenn, Marcia Soter; Executivos de negócios multiplataforma: Fabio Ferri, Cristiane Paggi, Selma Pina, Ciro Hashimoto, Ana Silvia Costa, Milton Luiz Abrantes; Gerente de negócios multiplataforma Pequenas e médias agências e Grupo Casa, Galileu e Monet: Sandra Melo; Executivos de negócios multiplataforma Grupo Casa, Galileu e Monet: Ana Silvia Costa, Marco Antônio Costa Gandares, Milton Luiz Abrantes, Cristiane Nogueira, Valquíria Blasoli Leite, Keila Ferrini; Gerente multiplataforma Pequenas & Médias Agências e Grupo Moda: Andreia Santamaria; Executivos de negócios multiplataforma Moda: Eliana Lima Fagundes, Neusi Maria Brigano, Rosa Maria Martini Barreira; Gerente de negócios multiplataforma Marie Claire: Graziella Daiuto; Diretora de Negócios Digitais: Renata Simões de Oliveira; Executivos de negócios digitais: Andressa Bonfim, Lillian Ramos Jardim, Bianca Ramos Piovezana; Consultora de marcas EGCN: Olívia Cipolla Bolonha; Diretor de negócios multiplataforma Regional, PEGN, AE, GR e Época Negócios: Renato Augusto Siniscalco; Executivos de negócios multiplataforma: Andressa Aguiar, Diego Fabiano; Gerente multiplataforma: Sandra Regina de Melo Pepe; Executiva multiplataforma: Alexandra Caridade Azevedo; Diretor de negócios multiplataforma cursais RJ e BSB: Ricardo Rodrigues; Gerente de negócios multiplataforma RJ: Rogério Pereira Ponce de Leon; Executivos de negócios multiplataforma RJ: Andrea Muniz, Daniela Lopes, Maria Cristina Machado, Katia Correia, Pedro Paulo Rios, Suellen de Aguiar; Gerente de negócios multiplataforma BSB: Fernanda Requena; Executivas de negócios multiplataforma: Barbara Costa, Camila Amaral; Diretor Estúdio Globo: Rafael Kenski; Gerente: Eduardo Watanabe; Gerente de eventos: Daniela Valente; Opec on-line: Rodrigo Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Henrique Fermino, Rodrigo Pecoschi, Thiago Previero; Opec off-line: José Soares, Carlos Roberto Alves de Sá, Douglas Vieira da Costa

MERCADO LEITOR: Diretor de Marketing: Cristiano Augusto Soares Santos;

Ger. de Vendas de Assinaturas: Reginaldo Moreira da Silva;

Ger. de Operações e Planejamento de Assinaturas: Ednei Zampese



ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. – Av. Jaguaré, 1.485, São Paulo (SP), CEP 05346-902. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações GRÁFICAS: Log & Print Gráfica e Logística S.A. – Rua Joana Foresto Storani, 676 – Distrito Industrial – Vinhedo, São Paulo, SP – CEP 13280-000.

Atendimento ao assinante

Disponível de segunda a sexta-feira, das 8 às 21 horas, e sábado, das 8 às 15 horas.

► Internet: www.editoraglobo.com.br/atendimento

► São Paulo: 11 3362-2000

► Demais localidades: 4003-9393*

► Fax: 11 3766-3755 (notificações da Justiça devem ser enviadas para 11 3767-7292)

*Custo de ligação local. Serviço não disponível em todo o Brasil.

Para saber da disponibilidade do serviço em sua cidade, consulte sua operadora local

Para anunciar ligue: SP: 11 3767-7700/3767-7489

RJ: 21 3380-5924, e-mail: publiepoca@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, Época, Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 – São Paulo, SP Fax: 11 3767-7003 – e-mail: epoca@edglobo.com.br

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. Época reserva-se o direito de selecioná-las e resumí-las para publicação. Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Edições anteriores: O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.



Momento Suíço



TISSOT PRC200. CAIXA EM AÇO INOXIDÁVEL 316L, COROA E FUNDO ROSQUEADOS, RESISTÊNCIA A ÁGUA ATÉ 200 METROS (20 BAR / 660 PÉS). INOVADORES POR TRADIÇÃO.

TISSOT.CH

SAC 11 3746 2899



TISSOT

LEGENDARY SWISS WATCHES SINCE 1853

Vivo

Na gaveta,
seu aparelho
antigo
se perde.



Telefônica

O desconto adquirido deve ser utilizado imediatamente e será proporcional ao modelo e ao estado de conservação do aparelho usado. 6/6 Plus através do Vivo Renova receberá um desconto adicional no valor final do aparelho adquirido até 30/9/2015. Para saber

Na Vivo,
ele se renova.

Powered by



AFRICA



VivoRenova

Traga seu aparelho antigo e
ganhe até **R\$ 2.100 de desconto**
na compra de um novo.

Confira lojas e aparelhos participantes em vivo.com.br/vivorenova

vivo Conectados vivemos melhor.



Cliente que comprar os aparelhos Samsung Galaxy S6/S6 edge, Samsung Galaxy S5, Samsung Galaxy A5, LG G4 e iPhones 5S, aparelhos e lojas participantes consulte www.vivo.com.br/vivorenova. Serviço disponível em todo o Brasil, com exceção do ES.

NO DIA DOS PAIS,
DÊ MOTIVOS PARA ELE INVENTAR
UMA NOVA COMEMORAÇÃO.



PO

Só o melhor.



A woman with dark, wavy hair, wearing a red button-down shirt and a heart-shaped necklace, smiles while holding a large ham sandwich. She is in a bakery, with shelves of bread visible in the background. Her left hand holds the sandwich, and her right hand is open, palm up, as if presenting it. The sandwich is made with a long, golden-brown roll and filled with a thick layer of pink ham and white cream.

SAIA DO AUTOMÁTICO.
EXPERIMENTE O PRESUNTO SEARA.
A QUALIDADE VAI TE

SURPREENDER.



50% Menos Gordura*

36% Menos Sódio*



*Se comparado à antiga formulação do presunto Seara.

E a polícia não parou de cantar

Lucia está apaixonada por Edgardo. Enrico, irmão de Lucia, é contra o casamento. Enrico se aproveita de uma viagem de Edgardo ao exterior para forjar um documento – uma carta de Edgardo a Lucia, em que ele diz que já a esqueceu e está com outra. Desiludida, Lucia concorda em se casar com Arturo, pretendente escolhido por sua família. Na hora do casamento, Edgardo volta de viagem. É tomado pela ira – assim como Enrico, por razões diferentes. Lucia se apavora, assim como Arturo. O derramamento de sangue parece inevitável. E, quando chega o momento mais tenso...

...O alvoroço cessa de repente e todos começam a cantar. Trata-se do famoso sexteto “Chi mi frena in tal momento?”, “Quem me detém neste momento?”, da ópera *Lucia di Lamermoor*. A ação se interrompe, e ouvem-se os monólogos dos personagens, que refletem sobre o que estão prestes a fazer. *Lucia di Lamermoor* é uma ópera cheia de momentos criativos como este, de autoria do compositor Gaetano Donizetti (1797-1848). É ambientada entre a nobreza da Inglaterra e cantada em italiano. Foi inevitável lembrar dela nos últimos dias no Brasil – que, infelizmente, vem se tornando o país da ópera-bufa.

Por aqui, o Ministério Público e a Polícia Federal fizeram operações de busca e apreensão na casa de congressistas. Alguns deles, como o senador Collor, reclamaram de perseguição ao Legislativo (se fosse uma ópera, aqui entraria um coro masculino em fortíssimo). O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, se juntou à cantilena depois que um lobista o acusou de recebimento de propina (na partitura, o momento em que a voz do barítono solista se sobrepõe ao coral). O ex-presidente Lula também se queixou da Justiça, depois que o Ministério Público abriu investigação criminal contra ele, por suspeita de tráfico de influência internacional (ária de baixo profundo, em tom menor). E, no momento em que parecia que o país ia explodir...

...Veio o recesso parlamentar. A versão, na vida real, do sexteto “Chi mi frena in tal momento?”. Fazendo as vezes

de maestro, o vice-presidente Michel Temer congelou os braços no alto da cabeça, indicando a longa pausa. Disse que as duas semanas de folga seriam boas para que se esfriasse a cabeça. Nem todos, no entanto, obedeceram à ordem. Incógnito no fosso da orquestra, o barítono Eduardo Cunha tocava discretamente seu trombone, depois de aplicar-lhe uma surdina para abafar o som (*leia na página 40*). Alguns músicos acompanharam a rebelião. Ou-

tros, sob a batuta do maestro Temer, dedicaram-se a acompanhar o tradicional momento, comum nas óperas, do idílio pastoral. Na plácida Piracicaba, em rústicos trajes camponeses, a contralto Dilma e o tenor Alckmin exaltaram a paz e trocaram delicadas juras de amor (*leia na página 42*).

Mas a polícia não entrou em recesso. Nem a Justiça. Indiferentes à parada dos políticos em Brasília, elas continuaram investigando, indiciando, condenando e prendendo. Empreiteiros e executivos de construtoras foram os principais alvos. Entre os políticos e empresários poderosos, ainda há quem ache que é possível controlar as investigações. Se já era difícil – há no Brasil, ainda bem, crescente independência dos Poderes e das instituições –, agora ficou quase

impossível. As investigações da Lava Jato entraram em fase de estreita colaboração com polícias e instituições jurídicas internacionais, notadamente da Suíça e de Portugal (*leia mais a partir da página 34*). Aos que tentarem se opor à marcha da verdade, só restarão as árias melancólicas. Se a ópera da Lava Jato chegar a um final feliz, elas serão abafadas, na última cena, pelo coro triunfante da Justiça.



ÓPERA
**Cena de *Lucia di Lamermoor*.
Às vezes a ação se interrompe.
Mas não para todos**

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

HISAO TANAKA

Na terra da tolerância zero

O executivo que fraudou ou permitiu a fraude nas contas da Toshiba, num esquema que prejudicou mais de 400 mil investidores, pede desculpas e renuncia do cargo. Enquanto isso, no Brasil...

“PERDÃO”
Tanaka, na entrevista em que renunciou ao cargo. A empresa inflou os lucros em US\$ 1,2 bilhão



Marcos Coronato com Gabriel Lellis

Os guerreiros samurais do Japão feudal viviam para proteger os interesses de seus senhores. Agiam sob um austero código moral não escrito, que estabelecia obrigações de servir com sinceridade, bravura e lealdade. Burlar essas regras era um caminho para a perda da honra, e o guerreiro poderia pagar a falha com a vida. Não se exige de ninguém que siga, hoje, o antigo código samurai. Mas ele ainda tem algum efeito sobre como reagem, ao ser pegos no flagra, os japoneses corrompidos de quem se esperava conduta exemplar. Na terça-feira da semana passada, Hisao Tanaka, de 65 anos, presidente executivo da Toshiba, renunciou ao cargo, após ser pego em um escândalo de falsificação de contas da empresa. Junto com ele, pediram demissão o vice-presidente, Norio Sasaki, e o consultor Atsutoshi Nishida, ex-presidente da Toshiba. Sasaki também renunciou ao posto num grupo de conselheiros empresariais do primeiro-ministro, Shinzo Abe. Os três executivos curvaram-se por vários segundos em frente a dezenas de câmeras. “Peço desculpas de coração a todas as partes interessadas (*na companhia*) por ter causado esses problemas”, disse Tanaka. “Trata-se do episódio mais prejudicial para nossa marca nos 140 anos de história da empresa.” Ainda não se sabe qual é a extensão da culpa pessoal do executivo – se ele maquiou contas ou se manteve um ambiente propício para que elas fossem maquiadas. A Toshiba, ao comunicar a demissão do executivo, divulgou um comunicado com teor semelhante: “Revelou-se que tem havido contabilidade imprópria por muito tempo, e pedimos perdão aos interessados por ter causado esse sério problema”.

O escândalo é que, durante as gestões dos últimos três presidentes da empresa, os lucros foram inflados num total de cerca de US\$ 1,22 bilhão. A fraude foi descoberta por um comitê investigativo independente que refez cálculos dos últimos seis anos. Desde a formação do comitê, em abril, as ações da Toshiba na Bolsa de Tóquio caíram 20%. A Bolsa deverá multar a Toshiba pela fraude.

Pelo que se sabe até agora, a maquiagem de contas começou em 2008, ápice da crise econômica mundial, ano em que a empresa japonesa acumulou prejuízos de aproximadamente US\$ 3,5 bilhões. Em meio a um cenário instável, contenção de gastos, corte de pessoal e enxugamento de atividades, os executivos começaram a exigir de seus funcionários metas inalcançáveis. De forma repentina, a empresa passou a divulgar projeções de lucro cada vez mais altas. A pressão interna e externa por resultados, a ausência da possibilidade de questionamentos de subordinados a superiores e a falta de sistemas de controle resultaram no esquema de falsificação de dados. O caso escancarou a falência do sistema de rigidez hierárquica presente em muitas corporações japonesas, que facilita a

SÓ O INÍCIO
Graça Foster,
ao renunciar à
Petrobras. O
Brasil começa
a fiscalizar
contas públicas
e empresariais

corrupção nos cargos mais altos. “Na Toshiba, havia uma cultura corporativa que não permitia contrariar as vontades do alto escalão. Quando a alta direção apresentava as metas, os funcionários do segundo escalão realizavam práticas contábeis inadequadas para cumprir esses objetivos”, afirma o relatório do comitê.

O consumidor brasileiro conhece a marca por meio da parceria com a Semp (antiga Sociedade Eletromercantil Paulista), que em 1977 deu origem à Semp Toshiba, fabricante de eletrônicos, como computadores e aparelhos de TV. Após viver um período de sucesso até os anos 2000, com faturamento anual acima de R\$ 2 bilhões, a empresa passou a apresentar resultados piores. Desde 2011, registra prejuízo. Mas a participação da Toshiba na parceria no Brasil não dá a real dimensão da companhia, fundada em 1875 e até agora considerada um exemplo de ética corporativa. Hoje, a empresa tem 200 mil funcionários distribuídos por mais de 590 operações em 30 países. Em 2014, tinha mais de 400 mil acionistas. Além de computadores, tablets e monitores, o grupo fabrica equipamento hospitalar (uma área aberta por Tanaka) e sistemas para geração, transmissão e distribuição de energia.

Tanaka chefiava esse colosso desde 2013, quando a maior parte dos grupos de tecnologia do Japão sofria com a crise econômica. O executivo assumiu a missão de superar a fase



A cultura da empresa impedia que se contrariasse o alto escalão. A solução era falsificar os resultados

adversa. Era cria da casa – trabalhava na Toshiba havia 42 anos e fez carreira internacional no setor de vendas. Como convém à imagem de um executivo moderno, praticava arte marcial, era considerado um homem focado, apreciador de leitura e golfe. Era um pregador das virtudes da comunicação e afirmava sempre ouvir os funcionários. Pelo jeito, ouvia apenas os que não revelavam verdades incômodas.

A sociedade japonesa, como todas as outras, sofre com corrupção, nas empresas e no governo. A diferença em relação a sociedades menos desenvolvidas, como o Brasil, é que por lá há menos impunidade e uma forte intolerância com os corruptos. “Quando estoura um escândalo desse tipo, toda a cúpula da empresa convoca a imprensa, pede desculpas fazendo uma reverência e pede perdão para a sociedade, em seguida pedindo demissão”, afirma Wataru Kikuchi, pesquisador no Centro de Estudos Japoneses da USP. “A pressão da opinião pública é enorme e não cessa até ocorrer esse ato que se poderia dizer até ‘ritualístico’. A mídia veicula 24 horas a notícia, muitas vezes de forma sensacionalista, e contribui para aumentar essa pressão.” No caso da Toshiba, nada ainda indica que haverá processos judiciais e prisões. Mesmo sem a ação da Justiça, a pressão da opinião pública serve como punição. A retaliação social pode levar o indivíduo ao suicídio. Em 2007, o então ministro da Agricultura, Toshikatsu Matsuoka, enforcou-se com uma coleira de cachorro, após ser acusado de favorecer em licitações empreiteiras e construtoras que fizeram doações a sua campanha eleitoral.

No Brasil, os casos de fraude tomam a cena com maior frequência que no Japão. Entre os casos em investigação atualmente estão a compra de trens de metrô superfaturados pelo governo paulista, entre 1998 e 2008, e a contratação de obras pela Petrobras em troca de pagamento de propina e doações de campanha. A presidente da Petrobras no momento em que veio à tona o escândalo, Graça Foster, esperou meses até renunciar ao cargo. Hoje, a Petrobras estima ter perdido R\$ 6,1 bilhões por causa da corrupção. Segundo Jurivan Vieira, doutor em ciências jurídicas, o brasileiro deveria se indignar com os malfeitos em empresas tanto quanto no governo. “A sociedade brasileira não dá a importância adequada à corrupção empresarial, porque pensa não haver consequências. Mas, quando um grupo econômico que aparenta solidez comete fraude, engana o Estado e os investidores, gera descrença e afeta outras empresas”, diz. Esperemos que os culpados por fraudes, por ação ou omissão, em qualquer país, enfrentem na Justiça as consequências de suas decisões. ♦



Onda de mortes em Manaus

Manaus passou a semana em estado de alerta após a ocorrência de ao menos 35 homicídios em quatro dias. O governador do Amazonas, **José Melo** (Pros), admitiu falhas no combate à violência e afirmou que a Secretaria de Segurança Pública foi “pega desprevenida”. A onda de assassinatos começou após a morte de um policial na sexta-feira, dia 17. Pelo menos 17 mortes foram causadas por armas de fogo de posse exclusiva de policiais. Os investigadores suspeitam que membros da Polícia Militar podem ter participado dos crimes.



Pacote aprovado

Na madrugada da quinta-feira, dia 23, o Parlamento grego aprovou a segunda parte de um pacote de austeridade que abrirá as portas do país para as negociações de um terceiro resgate financeiro. As medidas aprovadas incluem uma lei de reforma bancária e mudanças no código civil grego.



FINANCIAL TIMES VENDIDO

O tradicional jornal britânico *Financial Times* foi vendido para o grupo asiático Nikkei por

1,3
US\$ BILHÃO



Canadá acusa atleta brasileiro


O goleiro Thyê Bezerra, da seleção brasileira de polo aquático, foi acusado de abuso sexual pela polícia de Toronto. Ele é suspeito de abusar de uma mulher de 22 anos enquanto ela dormia. O atleta estava no Canadá disputando o Pan e deixou o país em 16 de julho, rumo à Croácia. O Canadá emitiu um pedido internacional de prisão de Bezerra.



O presente de Haddad ao papa

Em um seminário no Vaticano que reuniu prefeitos do mundo inteiro, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), causou polêmica ao presentear o papa Francisco com um LP autografado do grupo de rap Racionais MC. O nome do disco é *Sobrevivendo no inferno*.



 **O MAIS ANTIGO EXEMPLAR DO CORÃO** Cientistas britânicos identificaram a data de raríssimos fragmentos do *Corão* que faziam parte de uma coleção da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Os manuscritos datam de 568 a 645 d.C., menos de 20 anos depois da morte de Maomé, o profeta do islã.



Dólares ao ar

O presidente da Fifa, Joseph Blatter, foi alvo de uma “chuva de dólares” na segunda-feira, dia 20, durante uma entrevista coletiva. O dinheiro, falso, foi jogado pelo comediante inglês Simon Brodtkin. O humorista também fez piada com a compra de votos para a escolha do país sede da Copa do Mundo de 2026. “Essa vai para a Coreia do Norte”, disse.



Um planeta como a Terra

O telescópio Kepler fotografou um novo planeta, o Kepler-452b, que orbita uma estrela parecida com o Sol. O planeta fica na zona habitável, ou seja, a uma distância de seu sol que facilita a existência de vida

Planetas são difíceis de descobrir porque não têm luz própria. Para encontrá-los, devem-se observar estrelas

Quando o planeta passa em frente à estrela, o brilho estelar diminui. Com essa técnica, foram identificados mais de 1.000 planetas

O Kepler-452b é parecido com a Terra, gira em torno de uma estrela parecida com o Sol e está na “zona habitável” de seu sistema

Órbita da Terra



ONZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

“Se você está procurando um público diferente, posso te levar a uma boate de striptease”

Charlize Theron,

atriz. O convite inusitado foi feito ao presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. Ela reconheceu depois que foi uma “piada imbecil”



“Até existe uma crisezinha política, mas institucional não”

Michel Temer,

vice-presidente da República, sobre as consequências do rompimento do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, com o governo

“Temos o melhor comandante possível, mas ele sozinho não vai ganhar a guerra”

Beny Parnes,

ex-diretor do Banco Central, sobre a atuação do ministro Joaquim Levy. Na semana passada, o governo reduziu a meta de *superavit* fiscal de R\$ 66,3 bilhões para R\$ 8,7 bilhões (leia Nossa Opinião, na página 30)

“Seria útil se ele renunciasse ao mandato”

Miro Teixeira (Pros-RJ),

deputado federal, sobre Eduardo Cunha

“Estou perto da santidade. Não cometo mais pecados, nem em pensamento”

Silvio Berlusconi,

ex-primeiro-ministro da Itália. Famoso por promover orgias, ele já foi condenado por crimes de fraude fiscal e, mais recentemente, corrupção

“Disseram que era a cabeça de um infiel”

Yahya,

menino iraquiano de 14 anos sequestrado pelo Estado Islâmico. Ele fugiu de um campo de treinamento onde era forçado a treinar decapitações com uma boneca

“Gosto de me comparar a outros tipos de artistas, como Picasso”

Madonna,

cantora, revelando que anda com a autoestima em alta

“Não precisamos de egoarquitetos, precisamos de ecoarquitetos”

Jaime Lerner,

urbanista, em debate promovido por ÉPOCA no Fórum Internacional de Arquitetura e Urbanismo

“Não sei por que o mundo tem de girar em torno de artigos científicos”

Bela Gil,

chef de cozinha e apresentadora. Ela defendeu a substituição da pasta de dente por cúrcuma, o que, segundo Bela, “ofendeu a comunidade odontológica”

“Está tudo tão ruim que estou propenso a aceitar”

José Luis Datena,

apresentador de TV, sobre possível candidatura à prefeitura de São Paulo em 2016. Ele diz já ter sido convidado a se candidatar por pelo menos dois partidos



TOMATE DA SEMANA

“Será possível ver se um bebê no útero tem tendências à criminalidade, e, se tiver, a mãe será impedida de dar à luz”

Laerte Bessa (PR-DF),

deputado federal e relator do projeto de redução da maioria penal

LIDERANÇA PARA TEMPOS DE GRANDES DESAFIOS

Como desenvolver líderes capazes de resolver “Equações Impossíveis” a partir de ideias fora da caixa e inovações radicais de forma altamente participativa?



APG AMANA-KEY

Programa de Gestão Avançada

PREPARANDO OS LÍDERES PARA CRIAR O INÉDITO

Somente na sede da Amana-Key, em São Paulo.

Informações completas em:

amana-key.com.br/apg



AMANA-KEY

atendimento@amana-key.com.br

Telefone: 0800 770 2328



Próximos capítulos

Bala de prata

Investigadores da Lava Jato afirmam ter encontrado a “bala de prata” – apelido dado ao conjunto de provas – capaz de sustentar a denúncia contra o presidente da Câmara dos Deputados, **Eduardo Cunha**. O que mais lhes agrada é o depoimento do ex-diretor de informática da Câmara **Luís Eira**. Ele foi ao Ministério Público informar que requerimentos supostamente usados para pressionar uma empresa a manter o pagamento de propina ao PMDB saíram do computador de Cunha. A versão de Eira corrobora informações do doleiro **Alberto Youssef**. A bala de prata de **Renan Calheiros** ainda não foi encontrada, mas ele será denunciado de qualquer jeito.

Deixa disso

Depois de seis meses apanhando de **Eduardo Cunha**, não são poucos os deputados petistas que adorariam pedir sua cabeça em público. Só que o ex-presidente **Lula** tem agido para esfriar os ânimos. Não que **Lula** nutra simpatia por **Cunha**, mas avalia que se o PT, desgastado do jeito que está, tentar ir à forra, **Cunha** poderia até se fortalecer.



Vingança amarga

Aliados de primeira hora de **Eduardo Cunha**, políticos do nanico PSC estão revoltados com o deputado pernambucano **Sílvio Costa**, que pediu o afastamento do presidente da Câmara. A cúpula do partido se reunirá em agosto para enquadrar o polêmico **Costa**. Há quem defenda sua expulsão do partido.

Doce espera

O senador **Fernando Collor de Mello** poderia ter sido denunciado em março pela Procuradoria-Geral da República, tamanha a quantidade de provas de seu envolvimento nas ilegalidades. Só que a espera dos investigadores foi boa – apareceram muito mais. “Saiu de um delito de R\$ 50 mil para delitos de R\$ 5 milhões”, dizem.

Caixa-forte

O volume de documentos gerados na Lava Jato cresceu de forma tão rápida que obrigou a Procuradoria-Geral da República a comprar mais um cofre. Agora são dois por lá. Assim, caberão documentos sobre **Edinho Silva** e **Aloizio Mercadante**, delatados pelo empreiteiro **Ricardo Pessoa**.

Pavor e pânico

Um funcionário do Planalto que trabalha próximo de **Dilma** está assustado com os desdobramentos da Lava Jato. É que ele mantinha estreito relacionamento com **Otávio Azevedo**, ex-presidente do Conselho de Administração da **Andrade Gutierrez**.

Fantasminha

O Pão de Açúcar acaba de entregar ao Ministério Público Federal um relatório mostrando que o ex-ministro da Casa Civil Antonio Palocci não entregou o trabalho de consultoria pelo qual faria jus a R\$ 5,5 milhões. Os procuradores usarão a informação numa investigação para apurar improbidade administrativa do ex-ministro.

Fantasminha 2

O Ministério Público de São Paulo abriu investigação para apurar enriquecimento ilícito de funcionários do Sesi que não costumavam aparecer. Marlene Araújo, nora de Lula, está no rol.

Sem rumo

As informações sobre o pagamento de propina da Odebrecht a diretores da Petrobras no exterior sepultaram de vez o ânimo dos funcionários da cúpula da empreiteira. Até a reação às acusações mudou. Em vez de gritaria, silêncio.

Feirão ameaçado

A corrida do presidente da Petrobras, Aldemir Bendine, para vender ativos e reforçar o caixa da estatal está ameaçada. Em breve, o Tribunal de Contas da União vai fazer observações contra o que considera uma “liberalidade” excessiva da empresa.

Sabe nada, inocente

Quem se surpreendeu com a revisão do *superavit* primário de 1,1% para 0,15% do PIB por pouco não se assustou mais ainda. Durante horas e mais horas de reunião para definir o resultado, os ministros da equipe econômica chegaram a analisar a possibilidade de zerar a meta fiscal.

Volta que o mundo dá



Memórias do cárcere

Sabe o agente da Polícia Federal que aparece em quase todas as fotos (*acima*) ao lado dos presos da Lava Jato que chegam à superintendência da PF em Curitiba? Pois é, o nome dele é **Newton Ishii**. Ingressou na corporação em 1976. Em 2003, sofreu um grande baque. Foi preso pela própria PF durante a Operação Sucuri, suspeito de integrar uma quadrilha que realizava contrabando na fronteira do Brasil com o Paraguai. Acusado de corrupção, chegou a ser expulso da PF. Ishii responde a processos criminal e civil, além de uma sindicância. Reintegrado, a Polícia Federal diz que Ishii goza de confiança da direção e é um excelente profissional.

Poço fundo

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, sabe que a inflação vai piorar um pouquinho mais no início deste segundo semestre com o aumento de algumas tarifas, como energia elétrica e, quem sabe, combustíveis.

Estica e puxa

A situação financeira do governo está tão feia que o Ministério das Cidades negociou o alongamento dos prazos de pagamento do Minha Casa Minha Vida. Antigamente, o dinheiro era repassado para as construtoras em até 20 dias. Agora, as pequenas receberão em 30 dias, as médias em 45 dias e as grandes em 60 dias.

Ressacada

As importadoras de bebidas já sentiram o impacto da crise econômica. O faturamento caiu 5% no primeiro semestre em relação a igual período do ano passado. Os consumidores estão trocando, por exemplo, vinhos de R\$ 70 por vinhos de R\$ 40.

É ouro

Entre todas as TVs estrangeiras que cobrirão a Olimpíada de 2016, a canadense CBC, que é pública, terá o maior espaço no centro internacional de transmissão: 1.000 metros quadrados.

Anjo Gabriel

Ministros adoram quando Gabriel, neto de **Dilma**, vai a Brasília visitar a avó. Ela fica mais doce, mais serena com os assessores? Nada disso. É que, ao cuidar de Gabriel, Dilma tem menos tempo para ligar para os auxiliares cobrando resultados e previsões.





GUILHERME FIUZA

O Proibidão do Porto

O gigante está sambando. Num ataque crônico de sonambulismo, ele vem requebrando freneticamente – em formidáveis acrobacias para manter Dilma Rousseff no Planalto. A cada novo petardo da Lava Jato expondo a indústria de corrupção montada pelo PT no topo da República, o gigante mostra seu poder de esquiva. No melhor estilo Ronaldinho Gaúcho, ele olha sempre para o lado em que a bola do petrolão não está. E acaba de contrair um doloroso torcicolo, em sua guinada para não ver a literatura explosiva dos bilhetes de Marcelo Odebrecht na cadeia.

O Brasil já mostrara toda a sua ginga ao virar a cara, numa pirueta radical, para o encontro secreto de Dilma com Lewandowski em Portugal. A presidente da República e o presidente do Supremo Tribunal Federal, irmãos de credo, reúnem-se às escondidas fora da capital portuguesa, no momento em que o maior escândalo de corrupção da história do país (envolvendo o governo dela) tem seu destino nas mãos da instância judiciária máxima (presidida por ele). Normal. No que o encontro vazou, a dupla explicou tudo: a reunião foi para discutir o reajuste dos servidores da Justiça.

Perfeitamente compreensível. Não há outra forma de discutir salário de funcionários públicos a não ser cruzando o Oceano Atlântico para um cafezinho clandestino. No Brasil, é mais fácil uma aberração dessas virar rap – o Proibidão do Porto – do que acordar a plateia para os riscos que rondam a Operação Lava Jato. Como os brasileiros se cansaram de ver no mensalão – ou pelo visto não se cansaram –, esse gato se esconde com o rabo de fora.

A inabalável posição de Lewandowski pró-mensaleiros, em harmonia com a inabalável lealdade de Dilma aos companheiros apanhados em situação de roubo, é a sinfonia que se repete no petrolão. Entre as cenas que se seguiram ao Proibidão do Porto está o cerco ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha – personagem venenoso que fustiga o governo. Surgiram oportunamente indícios, embalados por declarações providenciais do procurador Janot – um homem providencial – empurrando Cunha para o STF de Lewandowski. O presidente da Câmara respondeu que não vê problema em ser investigado no Supremo, desde que Dilma seja também.

É esse tipo de comentário que faz o gigante rebolar. Como assim, investigar Dilma? Por que investigar a presidenta mulher, mãe, avó e que até tem um cachorro? Que foi perseguida pela ditadura? (Embora hoje não se saiba ao certo quem persegue quem.) De sua cela, Marcelo Odebrecht mandou a resposta: porque ela recebeu dinheiro sujo do petrolão diretamente de uma conta na Suíça para sua campanha presidencial. Que tal? Essa informação foi captada pela Polícia Federal de um celular do empreiteiro preso, em forma cifrada, mas bastante clara. Como já vinha se desenhando com clareza nas delações premiadas, praticamente todas apontando para financiamento de Dilma e do PT com propinas do petrolão, através do ex-tesoureiro Vaccari.

Por uma enorme coincidência, a empreiteira é a mesma em favor da qual Lula é suspeito de fazer tráfico internacional de influência, conforme investigação em curso no Ministério Público. O Instituto Lula diz que vários ex-presidentes viajam para defender interesses das empresas de seus países. Resta saber se algum deles recebe cachês estratosféricos das empresas que defendem ou se viaja com uma bolsa BNDES a tiracolo para fazer brotar instantaneamente qualquer obra em qualquer lugar.

O gigante se contorce inteiro para não ver que o petrolão, como o mensalão, é parte de um processo de pilhagem – aí incluídas outras táticas parasitárias como as pedaladas fiscais, tudo a serviço da transfusão de dinheiro público para um grupo político bonzinho se eternizar no poder. O Brasil está comendo o pão que o diabo amassou, mergulhando numa recessão que não segue o panorama mundial, nem continental – e ouve numa boa o companheiro Ricardo Lewandowski declarar, após o Proibidão do Porto, que a derrocada econômica nacional é decorrente da crise de 2008 nos Estados Unidos...

Claro que ninguém perguntou nada ao presidente do STF sobre a conjuntura econômica. Mas não precisa, porque eles estão ensaiadinhos e são desinibidos. A ópera-bufa não tem hora para acabar, enquanto a plateia estiver dormindo. ♦

Guilherme Fiuza é jornalista. Publicou os livros *Meu nome não é Johnny*, que deu origem ao filme, *3.000 dias no bunker* e *Não é a mamãe – Para entender a Era Dilma*. Escreve quinzenalmente em ÉPOCA. gfiuza@edglobo.com.br

Qualicorp. 18 anos de história de uma empresa que continua com a cabeça de um jovem de 18 anos.

A história da Qualicorp é a história de uma inovação. Uma ideia que transformou o mercado dos planos de saúde do Brasil. Em 1997, a Qualicorp trouxe para milhões de brasileiros a chance de ter um plano coletivo de qualidade a preços baixos. E, mais do que isso, se tornou uma defensora dos interesses do cliente. 18 anos depois a Qualicorp continua com a mesma inquietação e o espírito inovador de uma start-up. Pensando à frente do seu tempo e se reinventando todos os dias. Pronta para contribuir para a próxima evolução no mercado dos planos de saúde.



Qualicorp

Sempre do seu lado.

SUA OPINIÃO



Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

UMA OPERAÇÃO CONJUNTA

Em “Um terremoto. Que seja para o bem” (893/2015), ÉPOCA mostrou a ação da Polícia Federal em conjunto com a Procuradoria-Geral da República

Uma coisa é certa: Brasília virou um jogo de poder descarado. Ninguém, sem exceção, está pensando nos interesses do país e da população. Todos querendo apenas salvar a própria pele e perpetuar essa vida mole.

Luis Tibir Lar,
via Facebook



O país vive uma grave crise institucional, pois é necessário restaurar o poder presidencial com reformas políticas, econômicas e sociais.

Luiz Roberto Da Costa Jr.,
Campinas, SP



Absurdo decretar sigilo de algumas operações. O povo tem o direito de acompanhar passo a passo as investigações se assim o quiser.

Raquel do Nascimento,
via Twitter

UMA TENTATIVA FALHA

“Capitalismo de compadrio” (893/2015) defende que a política dos campeões nacionais é um fiasco



A reportagem distorce a interpretação de dados do relatório de efetividade do BNDES para atacar a ação do Banco. A análise de seis indicadores de grandes empresas industriais que tiveram apoio financeiro do BNDES mostrou que em três deles houve resultados superiores aos observados nas companhias não apoiadas. Para os outros três, não foi possível chegar a uma conclusão. A revista, então, qualificou o resultado como “fiasco” e foi além: atribuiu o diagnóstico ao próprio BNDES. Mas, diferentemente do pu-



COMENTÁRIO DA SEMANA

“

Por muito tempo os políticos apenas empurraram a sujeira para debaixo do tapete com a certeza de que ninguém veria. Agora estamos vendo o começo da limpeza”

Andressa Marques,
São Paulo, SP

O
>
vivo

Você perde o momento,
mas não perde o post?

usar bem

A Vivo acredita que a conexão é importante e aproxima as pessoas, mas a sua vida virtual não pode atrapalhar a sua vida real.

blicado, em nenhum momento o Banco disse considerar sua política “um fiasco” ou afirmou que a política de apoio a grandes indústrias não proporcionou os resultados esperados. Ao contrário: a conclusão geral do relatório é que a contribuição do BNDES ao desenvolvimento tem sido positiva. Também é incorreto dizer que o relatório foi “publicado sem alarde”. O Banco divulgou a informação em 2 de junho, informando também as mudanças no BNDES Transparente, que mostrou a efetividade dos financiamentos. O relatório está disponível no site do Banco e pode ser consultado por qualquer cidadão.

Paulo Braga, chefe da assessoria de imprensa do BNDES

ÉPOCA mantém o que publicou.

UM NOVO CONHECIDO

“Um coração que flutua no espaço” (893/2015) narrou a missão New Horizons, que depois de nove anos chegou a Plutão

✉ A chegada “humana” a Plutão é fantástica. Logo poderemos vislumbrar toda forma solitária de todo o Universo.

Carlos Fabian Seixas,
Campos dos Goytacazes, RJ

✉ Um grande passo para a ciência e para o conhecimento humano. Depois de uma longa viagem, a New Horizons traz boas notícias, e imagens.

Celso Moka,
Rio de Janeiro, RJ



CALOROSO
Plutão visto de perto.
O “coração” é formado por montanhas de gases congelados

MAIS COMENTADAS

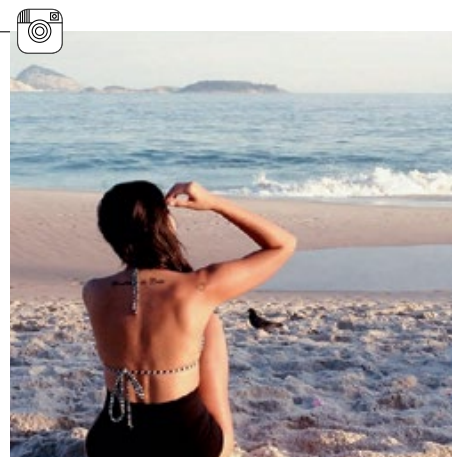
- 1 **Presidente da Câmara anunciará rompimento...**
(Coluna Expresso)
- 2 **Houve canibalismo em presídio, diz funcionário...**
(Coluna Expresso)
- 3 **Haddad, o Professor Pardal e as marginais**
(Coluna Blog do Fucs)
- 4 **Graça Foster não foi encontrada por oficiais...**
(Coluna Expresso)
- 5 **Um dia da caça, outro do caçador**
(Coluna de Ruth de Aquino)

MAIS LIDAS

- 1 **Água de coco no cabelo e dormir de maquiagem...**
(Coluna de Bruno Astuto)
- 2 **Houve canibalismo em presídio, diz funcionário...**
(Coluna Expresso)
- 3 **Um terremoto. Que seja para o bem**
- 4 **Haddad, o Professor Pardal e as marginais**
(Coluna Blog do Fucs)
- 5 **O HPV e a geração que compartilha tudo**
(Coluna de Cristiane Segatto)

MAIS COMPARTILHADAS

- 1 **Presidente da Câmara anunciará rompimento...**
(Coluna Expresso)
- 2 **Lula pede sigilo sobre inquérito de lobby...**
(Coluna Expresso)
- 3 **Lula vai depor na Justiça?**
- 4 **Cunha avisa Temer que nome de vice-presidente...**
(Coluna Expresso)
- 5 **“Cunha deve acionar a bomba-relógio do impeachment”, diz...**



INSTAGRAM DO LEITOR

@mel_bussmann venceu o tema “Mar”. Confira mais fotos e o tema da próxima edição no site de ÉPOCA: glo.bo/bombou

pegabem

Acesse usarbempegabem.com.br

vivo Conectados vivemos melhor.

Levy não pode ficar só

A presidente Dilma Rousseff precisa reforçar, sem qualquer ambiguidade, o apoio ao ajuste feito pelo ministro da Fazenda

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, é um homem conhecido pela obstinação. Ele não desiste facilmente de seus desafios. No Ministério da Fazenda, suas jornadas de trabalho atravessam o dia e avançam pelas madrugadas. Desde que ele assumiu a Fazenda com a missão de tentar arrumar a bagunça feita por Dilma I na economia brasileira, sabia-se que sua tarefa de promover um ajuste fiscal que colocasse as contas públicas numa rota sustentável seria árdua. Na semana passada, ficou claro que o tamanho do desafio, apesar dos esforços empreendidos por Levy desde o início do ano para cortar despesas e melhorar receitas, aumentou. O governo federal anunciou oficialmente que a meta de *superavit* primário (o *superavit* do governo federal, excluídas as despesas com o pagamento dos juros para rolagem da dívida pública) foi reduzida de 1,2% para 0,15% do PIB (Produto Interno Bruto). Ou seja, ela foi praticamente anulada. O governo federal até admitiu que as contas públicas poderão fechar com *deficit* em 2015 – o que significaria contas no vermelho pelo segundo ano consecutivo.

Depois de redução tão drástica da meta, o ministro da Fazenda tratou de desmentir, em entrevista à jornalista Miriam Leitão, transmitida pela Globonews, que havia jogado a toalha. Nem a redução da meta, disse o ministro, significa que o governo resolveu moderar a contenção de gastos. Segundo argumentou Levy, a política fiscal tem de ser realista para dar previsibilidade aos agentes econômicos. “Isso (*a redução da meta*) permite que as pessoas tomem decisões com mais segurança”, disse. É verdade. Diante da queda de arrecadação federal, por causa da recessão econômica, que está sendo muito maior do que os planos originais do governo, o cumprimento da meta de *superavit* de 1,2% se tornara irrealista



– ainda mais porque o Congresso, nas votações do ajuste fiscal, se deixou levar pelo populismo inconsequente. A redução da meta, sem dúvida, torna a política fiscal mais transparente.

Apesar das explicações de Levy, o mercado reagiu mal à medida. É fácil de entender por quê. Dias antes do anúncio da nova meta, Levy dava entrevistas contra uma redução tão drástica. Segundo relatos que saem de dentro do próprio governo, Levy foi vencido numa queda de braço interna pelos que defendem uma política fiscal mais frouxa. Num governo cheio de ambiguidades, que só abraçou o ajuste fiscal por força das circunstâncias, Levy parece isolado numa luta que não deveria ser só sua. Quanto mais prolongado o ajuste, maiores serão as dificuldades para todos os brasileiros. Por mais obstinado que Levy seja, ele não vencerá esse desafio se não tiver apoio político. A responsabilidade maior é da presidente da República. No nosso sistema político (*como lembra o cientista político Brasílio Sallum Jr., em entrevista na página 52*), seu papel é insubstituível. ♦

SOLIDARIEDADE
Joaquim Levy
e o ministro
do Planejamento,
Nelson Barbosa
(à dir.), no anúncio
da redução da
meta. O ministro
da Fazenda
precisa mais que
tapinhas nas costas

**PETRONAS SPRINTA.
A ALTA TECNOLOGIA QUE
VAI PROTEGER A SUA MOTO
NO DIA A DIA.**



ATOMO

**PETRONAS
SPRINTA**



Com PETRONAS SPRINTA e seu avançado sistema de aditivação, o seu motor fica totalmente protegido. Isso mantém os pistões limpos até mesmo nas condições mais severas do dia a dia.

PETRONAS. PRESENTE NO MUNDO. NO BRASIL. NA SUA VIDA.

Trabalhamos muito para
melhorar nossa marca por dentro.
**Agora podemos mudar
nossa marca por fora.**



Unir. Ser o elo entre a saudade e um abraço, entre a pontualidade e o compromisso, entre a tecnologia e o atendimento.

Entre o pedir e o servir. Antes de mudar o lado de fora dos aviões, a GOL trabalhou muito para ficar mais prática onde mais importa para você: do lado de dentro. A GOL modernizou procedimentos, aumentou o espaço e o conforto nos aviões, aprimorou o atendimento e os serviços pela internet.

A GOL está mais simples. Mais humana, mais eficiente e ainda mais inteligente. Esse é o elo que vai nos unir a você.



Quem voa só vai
querer voar GOL.

GOL

Linhas aéreas inteligentes

TEMPO

TEATRO DA
POLÍTICA

A POLÍCIA SE TO

POLICIAIS E PROCURADORES DE DIFERENTES PAÍSES COLABORAM PARA CAÇAR CORRUPOTOS INTERNACIONAIS.

A vida dos corruptos mundo afora se torna cada vez mais difícil. A globalização – a mesma que abriu mercados, criou oportunidades de prosperidade e também de corrupção internacional – chega, aos poucos, à Justiça. Com isso, os agentes da lei de cada país podem caçar malfeitos além de suas fronteiras. O primeiro movimento nesse sentido ocorreu na Comunidade Europeia. Nos anos 1990, os Ministérios Públicos e as polícias dos diferentes países começaram um intenso intercâmbio. A integração foi crucial para uma investigação importante no início deste ano: o caso SwissLeaks, em que a filial de Genebra do banco HSBC esteve envolvida num escândalo internacional de sonegação de impostos. “Um funcionário que trabalhou no HSBC por oito anos pegou toda a movimentação financeira irregular e entregou a três MPs, o da Suíça, o da Itália e o da França”, diz o jurista Luiz Flávio Gomes, estudioso do assunto e doutor em Direito pela Universidade Complutense de Madrid. Graças ao intercâmbio de depoimentos e provas entre os Judiciários dos países, o HSBC sofreu condenações

na França, na Bélgica e nos Estados Unidos. Outro caso recente foi a prisão, na Suíça, de dirigentes da Fifa suspeitos de corrupção, após uma investigação levada a cabo pela polícia americana.

No Brasil, a Operação Lava Jato vem inovando não apenas ao empregar métodos inspirados na Operação Mãos Limpas – que desarticulou os esquemas de corrupção na Itália ao longo dos anos 1990. Na semana passada, a Procuradoria-Geral da República de Portugal anunciou que a força-tarefa da Lava Jato fez um pedido de cooperação internacional. Desde o tempo do mensalão, a polícia portuguesa investiga casos de corrupção envolvendo brasileiros, com ramificações em Portugal. Agora, a Lava Jato quer unir as duas pontas, mensalão e petrolão. E também tem operado em colaboração com o Ministério Público da Suíça. “A Lava Jato já virou um caso de estudo”, diz o advogado penal Mauro César Arjona.

Na semana passada, os procuradores suíços confirmaram que as investigações da Lava Jato estão no caminho certo. Elas rastrearam as contas da Odebrecht no exterior (*leia a partir da página 36*). “Pelo relato das autoridades suíças e do-

cumentos apresentados, há prova, em cognição sumária, de fluxo financeiro milionário, em dezenas de transações, entre contas controladas pela Odebrecht ou alimentadas pela Odebrecht e contas secretas mantidas no exterior pelos dirigentes da Petrobras”, afirmou o juiz Sergio Moro em seu despacho. Na sexta-feira, dia 24, os presidentes de duas das maiores construtoras do país, Marcelo Odebrecht, da Odebrecht, e Otávio Marques de Azevedo, da Andrade Gutierrez, foram denunciados à Justiça sob acusação de corrupção, lavagem de dinheiro e formação de organização criminosa. A denúncia atinge ao todo 22 pessoas. Foi decretada também a quebra de sigilo das contas da Odebrecht no exterior.

Na reportagem que segue, ÉPOCA mostra, com exclusividade, as investigações em Portugal que revelam os primeiros indícios de uma conta no exterior que pode ter alimentado campanhas do PT. E mostra como as investigações sobre a Odebrecht, na semana passada, podem se desdobrar na Suíça. A colaboração entre a força-tarefa da Lava Jato e os investigadores europeus ainda tem muito o que render.

JORNAL GLOBAL

A LAVA JATO, AGORA, AVANÇA PARA O EXTERIOR



...A LAVA JATO TRA

A COLABORAÇÃO ENTRE A FORÇA-TAREFA E AUTORIDADES SUÍÇAS RASTREOU AS CONTAS DA ODEBRECHT - E PODE

Thiago Bronzatto e Filipe Coutinho

Em setembro de 2012, o publicitário mineiro Marcos Valério, condenado a 37 anos de prisão, deu um depoimento ao Ministério Público Federal. Na ocasião, falou de contas no exterior destinadas a saldar dívidas da campanha eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002. Referiu-se a uma conta específica, no banco francês Crédit Lyonnais, atual Crédit Agricole, que, segundo Marcos Valério, movimentou R\$ 7 milhões. Ainda de acordo com Marcos Valério, a história de tal conta envolvia o próprio Lula, o ex-ministro Antonio Palocci e o português Miguel Horta e Costa, ex-presidente da empresa Portugal Telecom. Em investigação conjunta com autoridades internacionais, a Polícia Federal brasileira descobriu que essa conta efetivamente existe. Seu número é 01-00685-000. Confirmadas as suspeitas, seria a primeira conta descoberta no exterior a servir campanhas do PT.

A denúncia de Marcos Valério levou a Polícia Federal a instaurar, em abril de 2013, o inquérito sigiloso 0431/2013 – o primeiro a investigar a existência de uma conta secreta associada à campanha de

Lula e com conexão com o mensalão (*leia ao lado*). Ao longo das investigações, a PF tomou uma série de depoimentos. Foram ouvidos, por exemplo, os cantores Zezé Di Camargo e Luciano, que atuaram em shows na campanha de Lula em 2002, Palocci e, por três vezes, o ex-ministro da Casa Civil José Dirceu. Segundo Marcos Valério, o PT passou a fatura da dívida com a dupla sertaneja para a Portugal Telecom pagar em 2005. Após acionar as autoridades suíças em busca de informações da conta secreta, a Polícia Federal recebeu neste ano uma informação nova. A correntista responsável pelas transações financeiras era uma empresa chamada Motil Partners. Sediada apenas no papel em Londres e representada por laranjas, a Motil Partners já apareceu em relatórios de inteligência da PF associada a uma offshore que integrou a mesma estrutura de lavagem de dinheiro usada pelo doleiro Alberto Youssef no caso Banestado. Foram os primeiros indícios da veracidade dos relatos do publicitário Marcos Valério, operador do mensalão.

Em janeiro deste ano, o executivo português Miguel Horta e Costa, da Portugal Telecom, respondeu a diversas perguntas

enviadas pelos investigadores brasileiros. A Polícia Federal o interrogou por meio de carta rogatória remetida às autoridades de Lisboa, conforme documento obtido pela reportagem de ÉPOCA. O ex-presidente da Portugal Telecom negou que tenha utilizado uma subsidiária em Macau para quitar débitos de campanhas do PT, usando a conta suíça. A partir desses primeiros indícios, as investigações continuam. Lula, Palocci, Dirceu e Miguel Horta e Costa negaram em depoimento as acusações de Valério.

O caso da conta ilustra dois desdobramentos da investigação com os quais a força-tarefa da Lava Jato trabalha atualmente. O primeiro é a conexão entre petrolão e mensalão. O segundo é a necessidade de cooperação crescente com autoridades e policiais da Suíça e de Portugal. Essa colaboração deve se estreitar cada vez mais. Na semana passada, a Procuradoria-Geral da República portuguesa divulgou uma nota afirmando que contribui com as autoridades brasileiras na investigação da Lava Jato e no processo do mensalão, identificado sucintamente como caso da “PT” – sigla pela qual a Portugal Telecom é conhecida ►

BALHA LÁ FORA...

ESCLARECER PONTOS OSCUROS DO MENSALÃO, COMO UMA CONTA SECRETA NUM BANCO FRANCÊS

INVESTIGAÇÃO
O ex-presidente
Luiz Inácio Lula
da Silva. O
inquérito contra
ele (abaixo)
é de 2013

Trata-se de inquérito civil instaurado com a finalidade de apurar o suposto envolvimento do ex-Presidente da República, **LUIS INÁCIO LULA DA SILVA**, em operações que envolviam a lavagem de dinheiro no caso mensalão (Ação Penal 470/STF).

Assim, dada a identidade de objetos e encontrando-se pendentes a obtenção de extrato e demais documentos da conta 01-00685-000-100 mantida no Credit Lyonnais, **Genebra/Suíça**, assim como a oitiva de MIGUEL ANTÔNIO IGREJA E COSTA a ser realizada em **Portugal**, determino o acautelamento dos autos até a conclusão das respectivas diligências.

na Europa. “Existem investigações em curso relacionadas com a PT, as quais se encontram em segredo de justiça”. O comunicado se seguiu a uma reportagem do jornal português O Público que mostra o quanto as investigações envolvendo os personagens envolvidos no mensalão continuam quentes em Portugal. De acordo com a reportagem, a polícia portuguesa continua apurando a operação de venda das ações da Portugal Telecom na Vivo para a espanhola Telefónica. A linha de investigação, segundo o jornal, é se o negócio foi costurado pelo ex-ministro José Dirceu, investigado na Lava Jato e condenado no mensalão, e também pelo ex-presidente Lula. Na época da transação, em 2010, o ex-primeiro-ministro português José Sócrates não queria vender a fatia acionária da Portugal Telecom na Vivo. Diante desse impasse, segundo as investigações, a solução apresentada pelo Planalto foi oferecer uma participação societária na Oi para a Portugal Telecom. Assim, dizem os investigadores, foi feita uma troca de ações. Agora, surgem suspeitas de propinas para políticos brasileiros e portugueses para a concretização do negócio.

Lula pode entrar na mira dos investigadores. O jornal O Globo mostrou, com base em telegramas do Itamaraty, que o ex-presidente fizera lobby em favor da Odebrecht em Portugal. Nos documentos de 2013, o líder petista pede para que o primeiro-ministro do país, Pedro Passos Coelho, desse uma atenção especial aos interesses da companhia baiana na privatização da Empresa Geral de Fomento (EGF). Em abril ÉPOCA revelou que Lula é investigado pelo Ministério Público Federal do Distrito Federal por tráfico de influência internacional em prol da Odebrecht em países onde a construtora possui obras financiadas pelo BNDES.

O fruto mais notório da colaboração entre a força-tarefa da Lava Jato e as autoridades estrangeiras veio a público na sexta-feira da semana passada: o rastreamento das contas da Odebrecht na Suíça. Ele levou a que o juiz Sergio Moro desse segunda ordem de prisão ao dono da empresa, Marcelo Bahia Odebrecht, e aos executivos Rogério Santos de Araújo, Márcio Faria da Silva, Cesar Ramos

As suspeitas dos procuradores suíços e brasileiros levam a procedimentos o

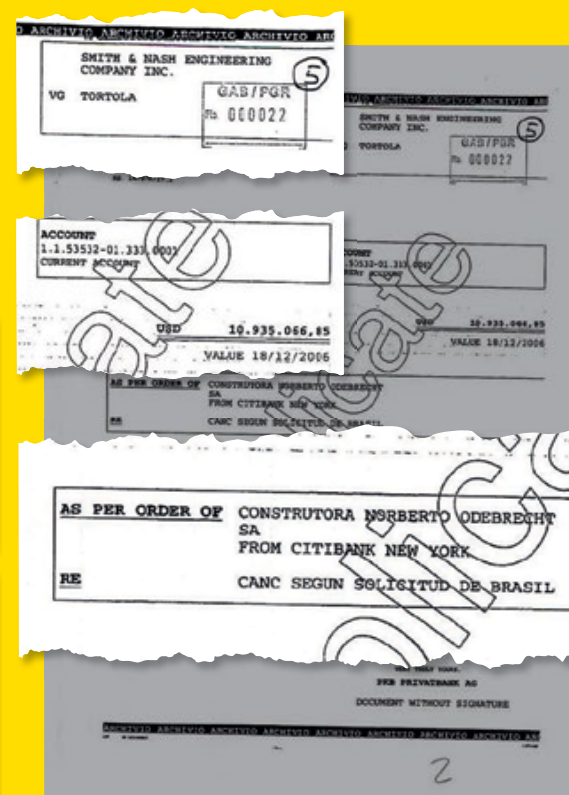
A VIAGEM INTERNACIO



1

A Odebrecht cria uma empresa no exterior...

De acordo com a investigação, a empreiteira tinha uma rede de empresas fora do Brasil. Na Suíça, havia ao menos cinco: **Smith & Nash**, **Arcadex**, **Havinsur**, **Golac Project** e **Sherkson**



2

...e envia dinheiro para essa filial...

Numa transferência, a Smith & Nash foi abastecida com **quase US\$ 11 milhões**. No total, entre entradas e saídas, passaram pelas contas secretas da Odebrecht US\$ 290 milhões

Rocha e Alexandrino Alencar. Nos bastidores da empreiteira, a complexa rede de contas no exterior alimentada por offshores registradas em diferentes países era considerada uma blindagem contra investigações conduzidas por autoridades brasileiras. Ao pedir pela segunda vez a prisão do empresário Marcelo Odebrecht, o Ministério Público Federal apresentou provas sobre o esquema que, até agora, a empreiteira negava de forma incisiva. Os documentos, enviados pela procuradoria da Suíça, mostram todo o caminho do dinheiro, desde a criação de offshores da Odebrecht até as transferências para contas controladas por diretores da Petrobras (*leia acima*). Em despacho, o juiz Sergio Moro, que conduz a investigação da Lava Jato, afirmou: “Assim, pelo relato das autoridades suíças e documentos apresentados, há prova, em cognição sumária, de fluxo financeiro milionário, em dezenas de transações, entre contas

controladas pela Odebrecht ou alimentadas pela Odebrecht e contas secretas mantidas no exterior por dirigentes da Petrobras.” No total, entre entradas e saídas de dinheiro, passaram pelas contas secretas da Odebrecht US\$ 290 milhões.

De acordo com a investigação, a empreiteira abasteceu cinco offshores em bancos na Suíça: Smith & Nash, Arcadex Corporation, Havinsur, Golac Project e Sherkson Internacional. Diversos documentos levam inclusive a logomarca da Odebrecht e a assinatura de um dos diretores, Hilberto Silva. Para fechar o círculo, a procuradoria na Suíça enviou aos investigadores da Lava Jato a relação das offshores criadas por diretores da Petrobras, com direito às cópias dos passaportes entregues ao banco que abriu a conta, e registros do fluxo financeiro entre as firmas de fachada alimentadas pela Odebrecht e as contas dos diretores da estatal. A investigação conseguiu assim mapear

NAL DO DINHEIRO

omuns no que seria o pagamento de propina da Odebrecht para a Petrobras



3

...que, por sua vez, passa o dinheiro a outra empresa...

As filiais da empreiteira brasileira fizeram transferências com motivos indefinidos. As beneficiárias eram empresas com funções nebulosas – entre elas, a Milzart e a Sagar

4

...cujo proprietário é um diretor da Petrobras

Documentos mostram que a Milzart era de Renato Duque, e a Sagar de **Paulo Roberto Costa**. A investigação mapeou US\$ 16 milhões em pagamentos entre 2007 e 2011

US\$ 16 milhões em possíveis pagamentos de propina a diretores da Petrobras como Paulo Roberto Costa (Abastecimento), Renato Duque (Serviços) e o gerente Pedro Barusco, entre 2007 e 2011.

Há muito ainda a descobrir sobre o destino do resto da fortuna que, suspeitam os procuradores, a Odebrecht movimentou. Segundo Moro, com base nos documentos enviados pelos suíços, “a conta em nome da offshore Arcadex Corporation, que tem como beneficiária econômica a Odebrecht, realizou depósitos milionários na conta em nome da Milzart Overseas controlada por Renato Duque”. Quando Paulo Roberto Costa e Pedro Barusco disseram que receberam propinas da Odebrecht no exterior, a maior construtora do país negou “veementemente” qualquer relação com os fatos. Após a prisão de executivos e do presidente do grupo, Marcelo Odebrecht, a companhia divulgou um comunica-

do nos jornais no dia 22 de junho negando as acusações. Não explicou os fatos. Preferiu atacar os investigadores da Lava Jato.

Essa data não saiu da cabeça do juiz Sergio Moro, da 13ª Vara da Justiça Federal do Paraná e responsável por julgar o escândalo do petróleo. Um mês e dois dias depois, ele deu a resposta: “Ocorre que, no curso das investigações, surgiram elementos supervenientes que reforçam a relação entre a Odebrecht e o pagamento de propinas no exterior”, escreveu ele em seu despacho do último dia 24 de julho. “O Grupo Odebrecht faltou com a verdade, no comunicado publicado nos principais jornais do país, quanto à afirmada falta de vínculo com o pagamento da propina no exterior.” Pelas novas provas encontradas, Moro decretou um novo pedido de prisão preventiva contra o presidente da Odebrecht e mais quatro ex-executivos. A respeito da fundamenta-

ção de seu pedido, o juiz da Lava Jato cita um fato que chama de “perturbador”. Em anotações encontradas no celular do executivo, há referências a “dissidentes PF” e “trabalhar para parar/anular” a investigação. Além disso, Moro reitera que um e-mail enviado por Marcelo Odebrecht em que cita a expressão “sobrepço” denota que o presidente do grupo “estava integrado nas discussões dos negócios na área de Óleo e Gás, nas quais eram cometidos crimes”. Moro complementa: “Não se trata aqui de exigir a admissão dos fatos, mas, caso o dirigente do Grupo fosse estranho às práticas delitivas, a postura esperada seria a apuração interna dos fatos, o afastamento dos subordinados envolvidos em crimes e a admissão dos malfeitos, como forma de superação do episódio. Não foi essa a postura adotada pelo dirigente do Grupo”.

Em nota emitida nesta semana, a empreiteira foi concisa. “Os advogados da Odebrecht estão analisando os documentos.” Em entrevista coletiva na sexta-feira, dia 24, Tecio Iins e Silva, um dos advogados da Odebrecht, criticou a investigação. “Nesse processo é tudo escondido, não se tem acesso. A Justiça tem sido unilateral, parcial, dando mais força à acusação”, disse. Ele classificou a atuação do juiz Sergio Moro como “fora do padrão, no mínimo”.

As anotações de Marcelo Odebrecht em seus oito celulares, reveladas também na semana passada, devem igualmente alimentar a parceria entre brasileiros e suíços. Uma delas despertou a atenção dos investigadores: “MRF: dizer do risco cta suíça chegar campanha dela?”. MRF é, segundo a PF, as iniciais de Mauricio Roberto Ferro, advogado da empresa. Os investigadores acham que “ela”, no caso, pode ser a presidente Dilma Rousseff, com quem a Odebrecht colaborou na campanha eleitoral. Nas anotações, há siglas que remetem ao nome de políticos de diversos partidos. Na agenda de Marcelo, surgem ainda três registros de reuniões com um banqueiro de Genebra. As investigações da Lava Jato em sua fase internacional parecem estar apenas no começo. Dizer que sua crônica renderá um romance policial é dizer pouco. Provavelmente há material para uma minissérie. ♦

...CUNHA TRABALHA NAS FÉRIAS...

O PRESIDENTE DA CÂMARA SE DEFENDE NA JUSTIÇA. E O LOBISTA JÚLIO CAMARGO ESTÁ ENTRE OS ALVOS DA EMPRESA DE INVESTIGAÇÃO CONTRATADA PELA CPI DA PETROBRAS

NO ATAQUE
Eduardo Cunha
na Câmara e o
e-mail da Kroll.
O deputado
questiona o rumo
da Lava Jato

Thiago Bronzatto

Em 11 de março, às 18h44, a croata Snežana Gebauer, diretora-geral da empresa de investigação Kroll no Brasil, enviou à Comissão Parlamentar de Inquérito da Petrobras um e-mail com o título “CONFIDENCIAL – proposta”. A mensagem detalhava como a Kroll mobilizaria sua rede de 2.300 profissionais espalhada por 26 países para assessorar a CPI da Petrobras. A empresa britânica de investigação foi contratada sem licitação. O presidente da CPI, Hugo Motta (PMDB-PB) – representante informal do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ) na comissão –, disse que a Kroll faria “análise financeira” e “diagnósticos e auditoria em contratos da empresa Petrobras”. Tão logo fechou o acordo, Cunha decretou o sigilo sobre o contrato até 2020. ÊPOCA obteve, com exclusividade, cópia do contrato reservado com pessoas ligadas à Kroll. E descobriu que, entre os alvos prioritários da investigação, está o lobista Júlio Camargo, que disse à

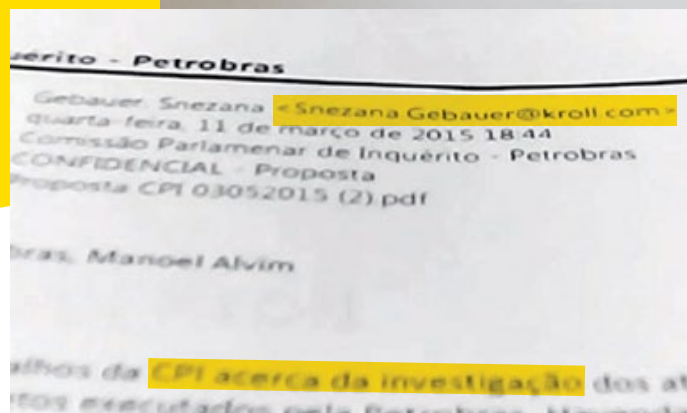
Justiça Federal que o presidente da Câmara pedia propina de US\$ 5 milhões. Segundo integrantes da Kroll ouvidos pela reportagem, Camargo entrou na lista de alvos prioritários da investigação quando se tornou claro que delataria Cunha.

De acordo com o contrato 2015/072.0, redigido em português e inglês, a Câmara desembolsou R\$ 1.180.139,40, numa operação registrada com o número 0005112015. As parcelas foram pagas em libras esterlinas, com uma cotação próxima de R\$ 5 – e foram calculadas de acordo com o item 6 do contrato, intitulado “honorários e despesas”, um dos motivos da decretação do sigilo. Nessa cláusula, a remuneração da Kroll varia de acordo com a experiência de seus profissionais envolvidos no caso: de diretor executivo, que custa 348 libras a hora, a analista, 64 libras a hora.

A investigação foi fatiada em seis partes. A primeira diz respeito à revisão e análise do documento. A segunda está relacionada à preparação de um plano investigató-

rio. A terceira envolve um mapeamento do perfil de 15 alvos, chamados de “sujeitos”. A quarta, levantamento de bens nos países. Na quinta etapa, serão feitas “entrevistas de fontes”, sem detalhar como isso funcionaria na prática. Por fim, um relatório final seria elaborado. Segundo ÊPOCA apurou, foi feito um acordo com a Kroll para que ela se concentrasse em quatro ou cinco alvos prioritários, a fim de dar mais agilidade à investigação e concluí-la até meados de setembro.

Na lista da CPI da Petrobras há três nomes óbvios: o ex-diretor da estatal Paulo Roberto Costa, o doleiro Alberto Youssef e o ex-gerente da companhia Pedro Barusco. Além desses, entraram na lista o ex-tesoureiro do PT João Vaccari Neto e o lobista Júlio Camargo, executivo que também disse que Cunha era sócio oculto do operador Fernando Soares, conhecido como Fernando Baiano. Ao rastrear os bens de Camargo no exterior, sobretudo aqueles que não foram declarados para a força-tarefa da Lava Jato, a CPI poderá





mostrar que o lobista mentiu – e assim colocar em xeque a sua delação.

Na semana passada, a advogada Beatriz Catta Preta, que defendia Júlio Camargo, renunciou à função. O motivo é que ela também se tornara alvo da CPI, por obra de um deputado peemedebista do Rio de Janeiro. Celso Pansera, chamado pelo doleiro e delator Alberto Youssef de “pau-mandado de Cunha”, apresentou requerimento de convocação de Catta Preta para que ela explicasse a origem dos honorários que recebeu. O juiz Sergio Moro, que conduz a Lava Jato, afirmou em despacho que não existem motivos para a convocação.

Enquanto isso, Eduardo Cunha trabalha nas férias para se defender na Justiça. Na segunda-feira, o presidente da Câmara recorreu ao Supremo Tribunal Federal (STF) para travar a investigação sobre ele no âmbito da Lava Jato no Paraná. Cunha argumenta que o depoimento feito pelo lobista Camargo não poderia ter sido feito na primeira instância, porque, por ser

deputado federal, tem foro privilegiado. A defesa de Cunha pediu, então, uma “decisão provisória”, para que o processo sobre corrupção em compras da Petrobras fosse remetido ao STF. Pediu também que fossem anuladas eventuais provas produzidas enquanto o processo estivesse no Paraná. O presidente do STF, Ricardo Lewandowski, decidiu que Moro não poderá julgar a ação em que Cunha é citado, antes de explicar ao STF como o depoimento de Camargo rendeu acusações contra o deputado.

Existe outro desafeto do presidente da Câmara na lista de investigados da Kroll: o presidente do grupo Schahin, Milton Schahin, também fornecedor da Petrobras. Em entrevista ao jornal *O Globo*, Schahin disse que foi perseguido por Cunha e seus aliados, devido a uma disputa travada com o empresário Lúcio Bolonha Funaro. “Temos uma pendência muito grande com Funaro, e a ligação de Cunha com ele é muito conhecida”, disse Schahin.

Procurado por *ÉPOCA*, o deputado Eduardo Cunha disse por meio de sua assessoria que a decretação do sigilo do contrato da Kroll é uma precaução da Diretoria Geral da Câmara, porque há uma cláusula que “responsabiliza judicialmente a Casa por eventuais vazamentos”. A assessoria do parlamentar ainda disse que Cunha não participou da elaboração do acordo com a Kroll, da lista dos investigados ou mesmo da convocação de qualquer pessoa para depor na CPI, porque essas são atribuições exclusivas da comissão, que é independente. Sobre as acusações de Youssef, afirma: “Cunha não tem ‘pau-mandado’”. Por fim, a assessoria diz que Cunha já prestou depoimento à CPI e se “colocou à disposição para voltar quantas vezes forem necessárias”. A respeito das acusações feitas por Camargo, o advogado do presidente da Câmara, Antonio Fernando de Souza, diz: “Vamos demonstrar que é mentirosa a delação de Júlio Camargo e que não há nenhum elemento probatório que vincule o parlamentar a esses fatos”.

Procurada, a Kroll disse que “não comenta sobre a identidade de seus clientes ou detalhes de suas investigações”. O deputado Hugo Motta afirmou que a lista dos investigados é secreta para evitar vazamentos que prejudiquem as apurações e que a escolha dos suspeitos foi feita “com base nos indícios destacados pelas investigações”. Já o deputado Celso Pansera disse que não tem como objetivo prejudicar a Lava Jato e que a advogada Beatriz Catta Preta criou uma cortina de fumaça em torno da própria renúncia. “Ela tem o direito de sair do caso, e eu tenho o direito de dizer ‘que negócio é esse?’”, diz o parlamentar.

Além da peleja jurídica e nos bastidores da CPI, Cunha enfrenta uma luta política: angariar seguidores em sua ruptura com o governo do PT. “O partido está partido”, diz o senador Ricardo Ferraço (PMDB-ES), que participou da campanha do tucano Aécio Neves. Parte do PMDB disse, na semana passada, que o rompimento de Cunha era um ato isolado. Outras alas favoráveis à ruptura desde 2014 veem, agora, uma oportunidade. Só na volta das férias se saberá qual ala prevalecerá. ♦

Com Flávia Tavares

...ALCKMIN E DILMA SE ABRAÇAM...

A PETISTA QUER ISOLAR CUNHA. O TUCANO QUER SER PRESIDENTE EM 2018. A APROXIMAÇÃO ENTRE AMBOS SE TORNOU UM JOGO DE GANHA-GANHA

Aline Ribeiro, de Piracicaba

Um dia após obter a menor aprovação da história dos presidentes brasileiros na pesquisa CNT/MDA, Dilma Rousseff participou da inauguração de uma fábrica de etanol em Piracicaba, São Paulo. Apesar da impopularidade, Dilma era só sorrisos. Atendeu a pedidos e cantou o hino do time da cidade, o XV de Piracicaba. Transitava em território amigo – Rubens Ometto, presidente do conselho da companhia anfitriã, a Raízen, é um aliado histórico do PT. Mesmo assim, o cerimonial do evento foi precavido. Ao anunciar as autoridades que subiriam ao palco, chamou a presidente junto com o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), numa tentativa de evitar vaia a ela. No interior de São Paulo, Alckmin reina. A estratégia funcionou. Ambos foram recebidos com palmas.

Apesar da crescente tensão entre o PT e o PSDB, o governador tucano fez gentilezas variadas à presidente petista, diante de uma plateia numerosa. Puxou assunto com Dilma mais de uma vez. Falou com ela ao pé do ouvido. Saudou-a no começo de seu discurso. “É uma alegria recebê-la em nosso Estado”, disse. Ao final de sua fala, demonstrou apoio valendo-se da frase em latim que aparece no brasão do Estado de São Paulo – “pro



SÓ SORRISOS
Dilma e Alckmin
na inauguração
em Piracicaba.
O encontro foi
cheio de gentilezas

Brasilia fiant eximia”, ou “pelo Brasil, faça-se o máximo”. E completou: “Conte conosco para trabalharmos juntos pelo nosso Brasil, presidente”. Nem parecia o mesmo Alckmin que, na convenção nacional do PSDB, semanas antes, criticara duramente o partido rival. Na ocasião, Alckmin disse ter ficado claro que “o PT não gosta dos pobres” e criticou o governo federal pela concentração de poder.

A aproximação entre Dilma e Alckmin é um jogo de ganha-ganha para ambos. Dilma quer isolar o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Vai acenar com cargos e verbas aos peemedebistas que continuarem no governo e lucra ao se aproximar dos opositores mais brandos. Alckmin segue uma conta política clara: atrair recursos para São Paulo e ampliar as próprias chances de vitória na eleição presidencial em 2018. Depois de um *deficit* de arrecadação de cerca de R\$ 700 milhões em maio, o go-

verno paulista segue sem atingir as expectativas de receita. Alckmin disputa com os senadores tucanos Aécio Neves (MG) e José Serra (SP) o posto de candidato à Presidência pelo PSDB. Alckmin sabe que um eventual impeachment da chapa de Dilma e seu vice, Michel Temer, com convocação de nova eleição, não o favorecerá. Nesse cenário, o candidato tucano seria Aécio Neves.

No dia 16, começou no tucanato paulista – acredite se quiser – uma articulação para salvar Dilma. Os apoiadores do plano previam que Cunha se voltaria contra o Planalto ao se tornar alvo da investigação Lava Jato. Naquela noite, o deputado estadual Campos Machado, líder do PTB e antigo aliado de Alckmin, discorreu sobre seu plano. “Será um movimento contra o ‘quanto pior, melhor’. Vamos convocar os líderes dos movimentos sociais para barrar o impedimento da presidente”, afirma Machado. Diante da sugestão, Alckmin, bom tucano que é, não concordou nem discordou. Machado, que se diz especialista em “questões alckminianas”, interpretou o silêncio como anuência. “Sei que ele gostou da ideia.” ♦

O presente perfeito para o dia a dia dos pais

Na compra do iPhone 6, seu smartphone usado pode valer até R\$ 1.500,00* de bônus e você ainda ganha R\$ 200,00** em acessórios.



iPhone 6

www.lojaiplace.com.br

TM e © 2015 Apple Inc. Todos os direitos reservados. Promoção válida de 24/07 a 10/08/2015, ou enquanto durarem os estoques, apenas nas lojas físicas da iPlace. * No iPlace UpGrade só serão aceitos smartphones listados no site ou tabela da loja, o programa é válido apenas para as lojas físicas. O valor do bônus poderá variar conforme avaliação do modelo de smartphone e seu estado de conservação. O maior valor do bônus de R\$1.500,00 é referente ao iPhone 5s (64GB), em ótimas condições de uso e só será concedido mediante a avaliação de um de nossos colaboradores. ** O bônus de R\$200,00 em acessórios é válido somente no ato da compra.



...E JOAQUIM LEVY

SOFRE E OS BRASILEIROS SOFREM JUNTO. O PROLONGAMENTO DO AJUSTE FISCAL VAI SIGNIFICAR MAIS DIFICULDADES

José Fucs e Samantha Lima

O ministro Joaquim Levy, carioca da gema, adora a vela e o mar. Longe da mulher e de suas duas filhas, que moram nos Estados Unidos, Levy, de 54 anos, costuma navegar sozinho em seu pequeno veleiro pela Baía de Guanabara nos raros dias de folga de que dispõe. Isolado no meio do mar, com a silhueta do Rio de Janeiro no horizonte, ele pode meditar sobre as dificuldades que está enfrentando para superar as fortes turbulências que atingem a economia do país. Assim como em seus passeios náuticos, Levy parece cada vez mais solitário no governo, apenas sete meses depois de assumir o cargo, em janeiro.

Doutor em economia pela Universidade de Chicago, templo do liberalismo global, ele é um corpo estranho nas fileiras governistas. Tornou-se, desde o princípio, alvo preferencial de tubarões e lambaris do PT. Também no Congresso Nacional, onde a base de sustentação do governo se desintegrou, Levy tem enfrentado sérios obstáculos para aprovar – ainda que parcialmente – seus planos

de contenção de gastos e reequilíbrio das contas públicas. Para complicar, na semana passada, surgiu um sinal preocupante de que Levy pode estar perdendo força dentro do próprio governo. “O Joaquim parece aqueles comandantes de filmes de submarino na Segunda Guerra, que ficam submersos, quietos para não revelar sua posição”, afirma Benny Parnes, ex-diretor do Banco Central e sócio da gestora de recursos SPX, do Rio de Janeiro. “O problema é que os destroyers são da própria marinha dele.”

Defensor de um ajuste mais duro, para que o país possa sair mais rápido do purgatório, Levy sofreu um duro golpe numa questão crucial: o tamanho da poupança que o governo deve fazer para pagar os juros da dívida pública – conhecida entre os economistas como *superavit* primário – e para evitar o aumento acelerado de seu nível de endividamento. Temeroso de que o anúncio de uma redução na meta de *superavit* primário aprovada no começo do ano pelo Congresso – de 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB) em 2015 – passasse a mensagem equivocada de

que o ajuste nas contas públicas foi para o brejo, Levy queria mantê-la inalterada. Ao final, porém, diante das evidências de que o governo não conseguiria cumprir a meta, mesmo com o corte de R\$ 70 bilhões em gastos anunciado em maio, acabou prevalecendo a posição dos ministros Nelson Barbosa, do Planejamento, e Aloizio Mercadante, da Casa Civil, de cortar drasticamente o *superavit*.

Depois de Levy ter dito dias antes que isso seria “uma ilusão” e que o governo “não pode deixar o barco bater nas pedras”, a presidente Dilma Rousseff decidiu encaminhar desde já ao Congresso a redução da meta deste ano para mero 0,15% do PIB – o equivalente a apenas R\$ 8,7 bilhões, ante os R\$ 66,3 bilhões previstos anteriormente. Além disso, o governo quer obter uma licença para fechar suas contas de 2015 com até R\$ 17,7 bilhões no vermelho, caso algumas receitas extras previstas para este ano não se concretizem. Pretende também reduzir as metas do *superavit* de 2016 e 2017, de 2% do PIB para 0,7% e 1,3% do PIB, respectivamente. Para dourar a pílula ►

SOFRE

PARA O PAÍS



NO MEIO DA
TURBULÊNCIA
**O ministro
Joaquim Levy.**
Ele parece estar
só em sua luta
para ajustar as
contas públicas

e mostrar que o ajuste não ficou para trás, o governo anunciou que fará um corte adicional de R\$ 8,6 bilhões nas despesas, o que é quase nada diante da magnitude do rombo existente em suas contas. “O cenário piorou muito em relação ao que se esperava no final do ano passado”, diz o economista Mansueto de Almeida. “O ajuste fiscal hoje ficou muito mais difícil que há seis meses.”

A justificativa oficial para o corte do *superavit* foi que, com a recessão, que pode levar a uma contração de 2% no PIB em 2015, houve queda significativa da arrecadação federal, de quase 3% no primeiro semestre em relação ao mesmo período de 2014. Para complicar, houve ainda expansão dos gastos, puxada por “jabutis” introduzidos pelo Congresso nas medidas de ajuste, pela necessidade de quitar as contas em atraso de anos anteriores e pelo crescimento

de 5% a 7% acima da inflação nas despesas da Previdência Social. Acabou, assim, vencendo a tese de que o *superavit* proposto inicialmente era, na verdade, uma miragem.

Para Levy, conhecido como “mão de tesoura” por sua ação implacável em defesa do equilíbrio fiscal ao longo de sua trajetória no setor público, a decisão foi seu maior revés desde que aceitou o desafio de reverter a “herança maldita” que Dilma 1 deixou para Dilma 2. “Foi a mais séria derrota que ele teve nesse governo”, afirma o economista Alexandre Schwartzman, ex-diretor do Banco Central (BC). “Ele estava tentando evitar o inevitável, mas a imensa maioria das pessoas já tinha chegado à conclusão de que não daria para cumprir a meta.”

O impacto das mudanças nas contas do governo será dramático. A dívida

pública, que deveria começar a cair já a partir do ano que vem e chegar em 2018 em 60,4% do PIB, segundo os dados oficiais, agora só cairá em 2018 e chegará ao final do mandato de Dilma em 65,6% do PIB (*leia o gráfico*). Se as previsões se confirmarem, logo mais o Brasil deverá ultrapassar a Índia, cuja dívida pública está em queda, e chegar ao topo da lista dos países emergentes mais endividados do mundo.

A redução da meta tem o mérito de dar mais transparência às dificuldades da política fiscal. Mesmo assim, as projeções do governo estão muito aquém das previsões do mercado financeiro. Um estudo realizado pelo departamento econômico do Itaú Unibanco estima que a dívida pública do Brasil deverá ultrapassar os 70% do PIB em 2018 – quase 5 pontos acima das previsões do governo. Não por acaso, a medida foi

CENÁRIO COMPLICADO

Segundo economistas, sem ajuste estrutural os problemas vão continuar

ARMANDO CASTELAR

Economista do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre)/FGV



ILAN GOLDFAJN

Economista-chefe do Itaú Unibanco



MARCOS LISBOA

Presidente do Insper



PAULO LEME

Presidente do Goldman Sachs no Brasil



A REDUÇÃO DA META DE SUPERAVIT PRIMÁRIO SIGNIFICA QUE A RECESSÃO SE PROLONGARÁ?

Poucos achavam que a meta seria realizável. E ainda se descobriu que tanto a pedalada quanto a queda na arrecadação foram mais graves do que se esperava. Mais importante do que a redução da meta é a demonstração de que o esforço fiscal vai continuar

Não. A recessão vai se prolongar porque os problemas herdados do passado são maiores do que pensávamos

A redução da meta é consequência e não causa das graves dificuldades pelas quais passamos. Tivemos um problema de diagnóstico no começo do ano sobre o tamanho do desafio. Isso só se resolve com aumento da carga tributária ou com um ajuste fiscal severo

Ainda estamos nos dez primeiros minutos do jogo. Os resultados desfavoráveis dessa primeira fase do ajuste ainda estão por vir

O DESEMPREGO VAI AUMENTAR?

Se os empresários perceberem que o governo vai continuar com o esforço fiscal no médio prazo, o impacto vai ser pequeno

Sim, deve aumentar seguindo a recessão

Sim, a crise é profunda. Os gastos públicos crescem acima do PIB. Nos últimos anos, foram concedidos benefícios sem o cálculo dos impactos

Por mais dramáticos que sejam a contração da economia e o crescimento da taxa de desemprego, ainda não chegamos ao fundo do poço

HÁ RISCO DE O BRASIL CAIR NA AVALIAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE RISCO?

A mudança fiscal é nítida desde o início do ano. Mais uma vez, o que valerá é se o governo vai conseguir mostrar que, apesar da queda da meta, o esforço fiscal será mantido

Com *superavits* menores a trajetória da dívida piora, o ajuste é prolongado e a melhora é postergada para o futuro mais distante. Há também mais risco para a nota do Brasil

As agências vêm a reboque dos fatos. Do ponto de vista estrutural, as contas públicas têm um problema severo. Ou inventamos uma reforma, ou ela vai se impor

As agências de rating reconhecem a mudança na condução da economia. Mas, se o que foi feito for interrompido, o risco de perda do grau de investimento aumentará

mal recebida pelos investidores. O dólar subiu. Na Bolsa de Valores, o índice Bovespa caiu para o menor patamar desde março.

O Brasil está sob a ameaça de perder o grau de investimento na classificação do risco de sua dívida pública – o que significará o encarecimento do crédito para o país. Mesmo sem o rebaixamento do país, o custo do financiamento da dívida já está subindo. “O Brasil só não perdeu ainda o grau de investimento porque as agências de rating confiam no Joaquim Levy”, diz Mansueto de Almeida.

A recessão, cujo capítulo mais perverso é o aumento do desemprego, que já alcança 6,9% da população ativa, de acordo com o IBGE, deverá se prolongar. O economista Eduardo Gianetti prevê como cenário mais provável que a recessão dure os quatro anos do mandato de Dilma. “As crises anteriores, como a crise cambial de 1999, a de 2001, com o apagão, a de 2002 e 2003, com a eleição do ex-presidente Lula, e a crise global de 2008 e 2009 duraram de dois a três trimestres, e em cerca de cinco trimestres o PIB tinha voltado ao nível de crescimento”, afirma. “É muito difícil isso acontecer agora, pois estamos numa situação bem mais grave.”

Antes da redução da meta, Levy já vinha enfrentando uma série de contratempos. Há dois meses, quando o governo definiu o corte de R\$ 70 bi em suas despesas, já havia prevalecido a proposta de Nelson Barbosa, de um corte menor. Alegando uma gripe, Levy nem sequer acompanhou Barbosa na entrevista coletiva em que o governo anunciou a medida. Ex-secretário executivo do Ministério do Planejamento na gestão de Guido Mantega, no primeiro mandato de Dilma, o heterodoxo Barbosa é mais afinado ideologicamente com a presidente – e tem com ela uma intimidade de que Levy não dispõe. Neste ano, segundo a agenda de Dilma, ela teve 22 audiências com Nelson Barbosa e apenas nove com Levy. Para muitos analistas, Barbosa parece estar ampliando seu espaço no governo na mesma proporção que Levy o está perdendo.

Levy também foi voto vencido na criação do Plano de Proteção ao Em-

RELAXAMENTO FISCAL

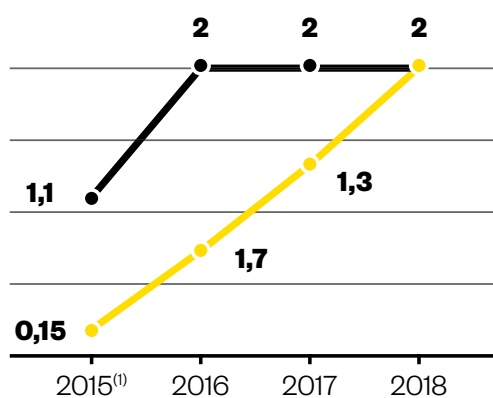
O governo reduziu as metas de *superavit* primário. Com isso, a dívida pública vai dar um salto

● Como eram ● Como ficaram

A POUPANÇA CAI...

As metas de *superavit* primário antes e depois do corte anunciado pelo governo na semana passada

Em % do PIB

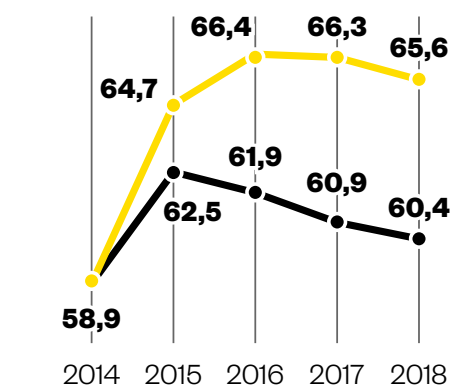


(1) Com uma brecha para fechar o ano com *deficit* de 0,3%

...E A DÍVIDA CRESCE

As estimativas para a dívida bruta federal antes e depois do corte do *superavit* primário

Em % do PIB



Fontes: Ministérios da Fazenda e do Planejamento

prego, com o uso de recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). O mesmo aconteceu quando o governo tentava encontrar uma alternativa ao fim do fator previdenciário, aprovado pelo Congresso. Segundo relato de participantes da reunião, Levy era a favor do veto puro e simples da proposta, em vez da adoção de uma solução intermediária, que acabou prevalecendo. “Estou aqui tentando encontrar uma solução. O que

you quer que eu faça, Levy?”, disse Dilma ao ministro durante a reunião.

Apesar dos indícios, Levy nega o clima de Fla-Flu no governo, em especial entre ele e Barbosa. Desta vez, mesmo depois de defender a manutenção da meta original de *superavit*, ele esteve ao lado de Barbosa no anúncio da medida e disse que ela não significa que o ajuste fiscal acabou. “Não é uma mudança de rota, é um ajuste de velas, porque os ventos mudaram”, afirmou, com uma metáfora de quem sabe diferenciar tsunamis e marolinhas. Um de seus auxiliares na Fazenda disse a ÉPOCA que a rixa entre Levy e Barbosa é “lenda e especulação”. A informação foi confirmada pelo executivo de um grande banco. “O problema dele não é no Executivo, é no Congresso.” Levy esperava que a aprovação das medidas de ajuste fiscal levasse quatro meses, mas já se passaram seis meses e ainda falta votar o fim das desonerações. Para tentar acelerar a tramitação do ajuste, ele se envolveu diretamente com a negociação política e tem tomado café da manhã, almoçado e jantado com os parlamentares. Isso não impede que os principais líderes do PMDB vejam Levy como um operador financeiro e não um formulador de política econômica.

Um financista que conhece bem Levy diz que as divergências entre os ministros da Fazenda e do Planejamento são “irrelevantes”. “O Levy não queria assumir a redução da meta, porque tinha esperança que o Congresso ainda votasse no primeiro semestre o fim das desonerações tributárias adotadas nos últimos anos”, disse. Em sua visão, qualquer especulação sobre uma possível saída de Levy do governo não tem base na realidade. “O Levy diz que as duas palavras-chave para superar a crise são perseverança e paciência. Ele tem a obsessão de deixar um legado e não tem a menor intenção de abandonar o barco.” Tomara que esteja certo. Apesar de sua receita amarga para a economia, Levy é, hoje, a principal âncora de que o Brasil dispõe para atravessar a tempestade e para chegar a um porto seguro que abra novas perspectivas de desenvolvimento. ♦

Com Flávia Tavares e Marcelo Sperandio

Boris González Arenas, de Havana

No ato de hasteamento da bandeira cubana em frente à sede da nova embaixada de Cuba em Washington, na segunda-feira, dia 20, o chanceler cubano Bruno Rodríguez declarou: “É grande o desafio, porque nunca houve relações normais entre Estados Unidos e Cuba, apesar de um século e meio de intensos e enriquecedores vínculos entre os dois povos”. O discurso de Rodríguez tentou reforçar a lenda de que a atitude política dos Estados Unidos em relação a Cuba sempre foi de oposição à soberania da ilha. Por isso, nunca teria havido uma relação “normal”, e os únicos vínculos enriquecedores são os estabelecidos entre seus povos, não entre seus governos.

“Normal” é sempre um critério de avaliação duvidoso. Ainda assim, a aproximação diplomática entre Estados Unidos e Cuba, iniciada em dezembro e referendada na semana passada com a abertura da embaixada cubana em Washington e da embaixada americana em Havana, depois de mais de 54 anos de congelamento de relações, gerou uma excitação poucas vezes vista dentro de Cuba e entre os cubanos no exílio. Uma geração de jovens que nunca viveu ou comungou dos ideais da Revolução de 1959 se deslumbra agora com a possibilidade de entrar em contato com a cultura americana.

Trata-se de um evento histórico, mas é preciso ir devagar. Não é a primeira vez que há excitação por causa de uma aproximação entre Cuba e Estados Unidos. Em 1977, durante a Presidência de Jimmy Carter (1977-1981), os dois governos também iniciaram uma distensão diplomática. Na ocasião, suas seções de interesse dialogaram por um curto período e estabeleceram intensas relações. O resultado mais comovente foi a per-

missão concedida a milhares de cubanos que haviam fugido para os Estados Unidos a visitar seu país de origem. Com uma saga de êxitos pessoais e bens materiais acumulados, aqueles cubanos se encarregaram de exaltar o sonho americano diante de uma população entorpecida por mais de 20 anos de castrismo. Esse movimento resultou, dois anos depois, em 1980, no Êxodo de Mariel. Na ocasião, do mesmo porto em que hoje se constrói, com dinheiro brasileiro, a mais ambiciosa iniciativa econômica do governo do ditador Raúl Castro, saíram para os Estados Unidos, em apenas seis meses, mais de 125 mil cubanos.

A semente do sonho americano germinou entre muitos cubanos. Hoje, não são poucas as crianças cubanas que dizem que, quando crescerem, querem ser estrangeiras. Há um fascínio de boa parte da juventude cubana pelas possibilidades oferecidas pelo paraíso do consumo, do fast-food às roupas, das inovações tecnológicas às universidades. A oferta é ilimitada. Se levarmos em consideração que os Estados Unidos têm uma política especial de acolhimento de imigrantes cubanos, dá para imaginar o nível de encantamento que a população cubana tem em relação aos Estados Unidos.



O fascínio

O reatamento das relações diplomáticas entre Estados Unidos e



LONGA ESPERA
Um cubano aguarda o
hasteamento da bandeira
de Cuba na embaixada,
em Washington. É
hora de aproveitar a
brecha e avançar em
direção à democracia

característica dos Castros. O regime castrista quer uma aproximação “controlada” com os Estados Unidos – da qual ele quer extrair vantagens econômicas, mas sem abrir mão do controle político. É uma empreitada em que o castrismo corre alguns riscos. Nos últimos 50 anos, o antagonismo com os americanos tem sido um dos alicerces com o qual o regime busca justificar sua eternização no poder. Ao promover o reatamento das relações diplomáticas com os Estados Unidos, Raúl Castro pode estar agindo como as primeiras picaretas que derrubaram o muro de Berlim.

Ainda é um grande enigma se a estratégia castrista vai funcionar. Até agora, um dos primeiros efeitos dessa reaproximação foi reacender nos jovens cubanos a ansiedade em abandonar a ilha. Muitos receiam que o reatamento das relações diplomáticas termine com as facilidades que possuem para obter permissão de residência nos Estados Unidos, quando imigram para lá. Uma pesquisa feita em Cuba pela idônea consultoria Bendixen & Amandi mostrou que 67% dos jovens cubanos desejam sair do país. Em uma entrevista ao jornal *Cubadebate*, controlado pelo regime castrista, Antonio Aja Díaz, diretor do Centro de Estudos Demográficos da Universidade de Havana (Cedem), afirmou que 38 mil jovens decidem abandonar Cuba todos os anos. A migração de jovens fez disparar o envelhecimento da população. Segundo dados do censo populacional, os cubanos com 60 anos ou mais ultrapassam os 19%. Cuba é o segundo país com a população mais idosa nas Américas, atrás apenas do Canadá.

A mesma pesquisa da Bendixen & Amandi, tornada pública em abril deste ano, trouxe outros dados que causaram surpresa. A popularidade do presidente Barack Obama em Cuba é maior que ►

americano

Cuba expõe a ansiedade dos cubanos em dizer sim aos ianques

Mickey Mouse e Pato Donald devem ser bem acolhidos em uma ilha onde o personagem de desenho animado mais popular é Elpidio Valdés.

Elpidio é um aguerrido e bigodudo oficial rebelde, que conduz suas tropas sempre para a vitória sobre o Exército da Espanha, metrópole de Cuba nos tempos coloniais. Criado em 1970 por Juan Padrón, um desenhista cubano, Elpidio costumava ser onipresente em Cuba. Hoje, ele é menos famoso que no passado. Mesmo assim, as aventuras de Elpidio Valdés ainda são exibidas com furor, para incutir o patriotismo nas crianças e apresentar a soberania

como um exercício de defesa até a morte. Para entender a decisão do governo cubano de restabelecer as relações diplomáticas com os Estados Unidos, não se deve esquecer de uma coisa: depois de cinco décadas de enclausuramento, o regime castrista tem pouco a oferecer para uma população que vive em permanente estado de sacrifício – e há muitas razões para que os cubanos deixem o país. Para continuar tendo uma tropa para mandar, Elpidio Valdés necessita que seja o Pato Donald que venha até Cuba, e que seus soldados deixem de desertar do batalhão.

Mas o suicídio político não é uma



a de Raúl Castro e de seu irmão Fidel. Embora tenha sido visto com simpatia pelos cubanos desde o começo de seu mandato, a popularidade de Obama disparou com o anúncio da reaproximação em dezembro passado, aprovada por 97% da população, segundo a pesquisa. Ela foi feita de forma discreta em um país onde o governo não tolera nenhum tipo de oposição e exerce controle feroz sobre os críticos.

Para a oposição cubana, a nova situação também representa um desafio. As relações diplomáticas foram restabelecidas sem um compromisso democrático por parte do regime castrista. Para críticos do regime, é preciso aproveitar essa brecha para trabalhar com o máximo de intensidade e tentar obter a maior quantidade possível de conquistas políticas. Há muitas e diferentes abordagens. Enquanto o escritor Leonardo Padura, autor de *O homem*

que amava os cachorros, manifestava o desânimo de muitos cubanos que esperavam ver resultados concretos de maneira imediata, o músico e poeta Silvio Rodríguez, convidado para a cerimônia de hasteamento da bandeira de Cuba em Washington, propôs trocar o antigo lema oficial castrista, “Cuba sí, yanquis no” (Cuba sim, ianques não), por “Cuba sí, yanquis también” (Cuba sim, ianques também).

ATRAÇÃO

1. Três gerações de cubanos em Havana. Ao se vestir, os mais jovens copiam os rappers americanos 2. Uma cubana com a bandeira dos Estados Unidos pintada nas unhas 3. Rapazes usam o celular para entrar na internet 4. A bandeira dos Estados Unidos como bandana na cabeça de duas jovens cubanas

Enquanto a confrontação era a norma, poucos tinham dúvida de que o restabelecimento das relações diplomáticas seria uma grande façanha. Não há dúvidas de que os Estados Unidos são essenciais em qualquer projeto de nação de Cuba. A reaproximação diplomática com os Estados Unidos foi o mais extraordinário passo dado por Raúl Castro em seus nove anos de governo. Mas agora, na nova situação, aos poucos vai ficando claro também que a responsabilidade pelo futuro de Cuba não é só dos Estados Unidos, mas recai cada vez mais sobre os próprios cubanos.

A imprensa oficial de Cuba, é claro, não reproduziu as manifestações de Padura e Rodríguez. O castrismo procura manter a velha prática de ditar os discursos que devem ser reproduzidos pelos cidadãos. Um discurso cansativo e sem matizes, que as palavras do chanceler cubano apenas procuraram atualizar. ♦



ESTÚDIO GLOBO

Dia dos Pais GUIA DE COMPRAS

Escolhemos presentes especiais para o seu pai ficar ainda mais feliz no dia dele e encontramos uma oportunidade irresistível pra você: **BENEFÍCIOS VISA PLATINUM** para sair tranquilo na hora de ir às compras!

MOTO 360

R\$ 1.099,00

Loja:
www.lojaoficialmotorola.com.br
Telefone: (11) 4002-1244

Encontrou este produto mais barato? Com **Visa Platinum**, você pode receber de volta a diferença.*



Referência: 01.08.0269

SIDE WALK

R\$ 219,00

Loja:
www.sidewalk.com.br/
contato@sidewalk.com.br



Referência: 9011700225

FLOYD - GLOSS BLACK

POLARIZED GRAY

R\$ 359,90

Loja HB:
www.hb.com.br
SAC: 11 4591-8610

Seu presente foi roubado ou quebrou? Se comprou com **Visa Platinum**, fique mais tranquilo, pois você pode receber o custo do reparo ou ter a substituição do produto.*



Novo Moto X

R\$ 1.499,00

Loja:
www.lojaoficialmotorola.com.br/
Telefone: (11) 4002-1244

Comprando com **Visa Platinum**, seu pai também pode ganhar **garantia estendida** que duplica em até 1 ano a garantia do fabricante.*



*Existem restrições. Consulte os termos e condições em visa.com.br/visaplatinum. A Visa não é seguradora e esses seguros são oferecidos pela AIG Seguros do Brasil S.A.



Compre mais tranquilo: agora, com **Visa Platinum**, você tem seguro nas suas compras.



Agora, comprando com **Visa Platinum**, você pode ganhar até um ano de garantia estendida.

VISA

Platinum

BRASILIO SALLUM JR.

“Não há condições políticas para um impeachment”

Estudioso da crise que culminou na queda de Collor, o sociólogo diz que não existe uma articulação consistente que leve ao afastamento da presidente

Guilherme Evelin e Vinicius Gorczeski

O sociólogo Brasílio Sallum, professor titular da Universidade de São Paulo (USP), estudou minuciosamente o processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor, o primeiro na história da América Latina. Seu estudo acaba de sair na forma de livro pela editora 34, com orelha assinada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, num momento mais que oportuno. A palavra impeachment está de volta, na boca até da presidente Dilma. Como escreve Fernando Henrique, a tese de Sallum é que o processo de impeachment de Collor inaugurou o presidencialismo de coalizão – e o sistema, gestado para dar estabilidade política ao país, sofre agora percalços consideráveis. Pessimista em relação ao futuro imediato do país, Sallum não vislumbra o impeachment de Dilma nem saídas fáceis para a crise.

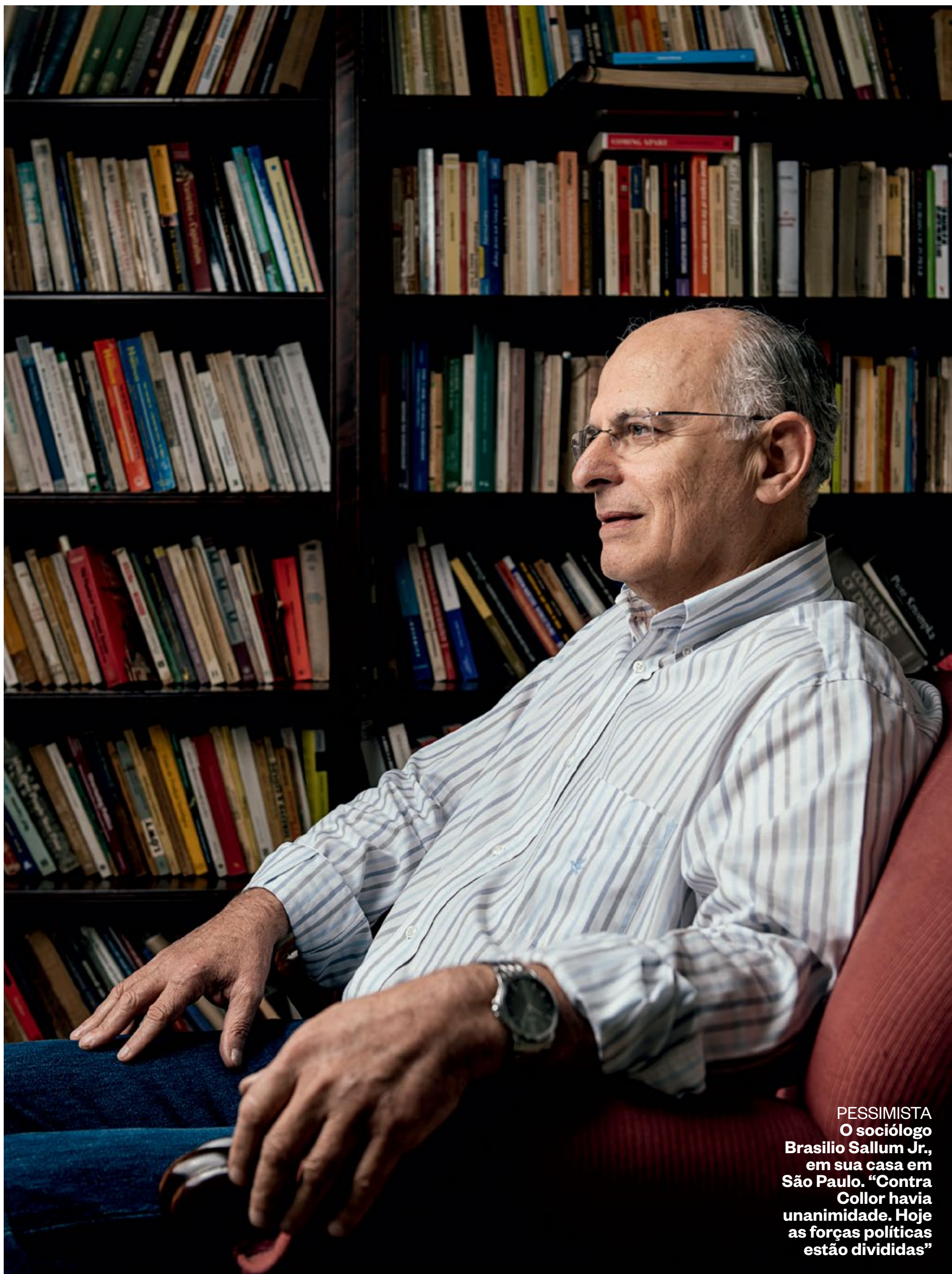
ÉPOCA – Alguns opositores da presidente Dilma Rousseff apostam que uma mobilização popular em agosto poderá ser o gatilho para detonar um processo de impeachment. No caso do impeachment do ex-presidente Fernando Collor, houve uma mobilização importante nas ruas. Com Dilma, isso poderá se repetir?

Brasílio Sallum Jr. – Contra o governo Collor, havia um processo de mobilização, que se manifestava em iniciativas da CUT, da CNBB, da OAB. Era uma mobilização razoável, mas não muito extensa. Até que surgiram as revelações do Pedro Collor dizendo que o PC Farias era o testa de ferro do presidente. Elas foram uma espécie de estopim de um barril de pólvora que estava crescendo. A demanda popular é importante porque ela dá legitimidade ao impeachment. Mas só a mobilização popular não basta. Depois dessas

denúncias, houve uma articulação político-partidária do PT, do PSDB e do PMDB. Um pedido de CPI parado no Congresso ganhou força, e ela foi instaurada, somando-se à articulação da sociedade até então sem força. Contribuiu ainda a fundação do Movimento Ética na Política. Essa coalizão política foi fundamental, porque é preciso obter dois terços de votos da Câmara para que o processo de impeachment avance para julgamento no Senado.

ÉPOCA – O que tornou possível aquela coalizão contra Collor, apesar dos interesses políticos divergentes de partidos que depois acabariam se tornando rivais?

Sallum Jr. – A gente acabava de sair de um processo de democratização, que tinha produzido a democracia como valor. Grupos como OAB e CNBB elaboraram a campanha pelo impeachment do Collor com essa retórica. Não havia experiência de impeachment na América Latina até então. Alguns políticos que participaram de todo aquele processo tinham muita cautela em relação ao que poderia acontecer no país se Collor fosse afastado. Só explicitaram a demanda por impeachment ao receberem a documentação contendo provas. A preocupação com a preservação da democracia era um elemento de unidade da coalizão. A articulação avançou também porque os parlamentares foram convencidos não apenas de que o presidente Collor não tinha mais condições de governar, mas também de que o próximo presidente – àquela ocasião o vice Itamar Franco – conseguiria articular uma coalizão que não os excluísse. Quarenta por cento do Congresso sustentava o governo Collor. Para quebrar essa resistência, não bastava dizer que Collor recebeu recursos ►



PESSIMISTA
O sociólogo
Brasílio Sallum Jr.,
em sua casa em
São Paulo. “Contra
Collor havia
unanimidade. Hoje
as forças políticas
estão divididas”

do PC Farias. A dinâmica política pede que o grupo que sustenta o presidente se desloque, e ele se deslocou em torno de uma coalizão do Itamar. O Collor atuava de um jeito que parecia que o Congresso não tinha relevância. O impeachment foi uma afirmação do Legislativo. Quando Itamar entrou, ele demorou para montar ministério e, quando o fez, fez um governo de coalizão, mostrando que o Congresso era relevante. Esse elemento foi chave.

ÉPOCA – O senhor vê a possibilidade de repetição de uma coalizão contra Dilma?

Sallum Jr. – Ainda não vejo essa possibilidade. As pessoas que pedem impeachment agora têm um problema. A presidente foi reeleita. Há uma discussão jurídica sobre se este governo e o anterior são uma coisa só e, portanto, se um crime noutro governo pode levar à perda do atual mandato. É preciso resolver, primeiro, essa questão. Outra questão-chave é saber para qual lado essas forças que pensam o impeachment se deslocarão. É preciso haver alguma coalizão partidária qualquer. Contra o Collor, você tinha um processo de unanimidade. Os grupos estavam mobilizados numa só direção. Hoje, há uma divisão. Temos uma fragmentação de demandas, vários coletivos, mas todos sem diretrizes e sem elementos para o qual as forças se polarizem. Existe um conjunto de partidos e parlamentares que tem derrotado o governo sistematicamente. Nem sempre pelos melhores motivos. Esse é um exemplo da gravidade da nossa crise. Você tem uma situação em que os agentes parecem não ter um destino comum, nem ao menos horizontes em disputa. Os agentes, os partidos, as forças políticas não desenham um futuro que seja atraente e que force uma articulação em prol disso. Nem governo nem ninguém aponta um horizonte para além dessa crise. Daí resulta uma boa dose da desesperança sobre nosso futuro.

ÉPOCA – Essa falta de horizontes se deve à falta de grandes lideranças políticas?

Sallum Jr. – Estamos no fim de uma época, da ascensão do movimento de democratização que produziu a estabilização política no Brasil. Esse grupo que vinha de longe ou morreu ou foi atingido pela corrupção e se retirou da vida pública. Ele é substituído por uma nova geração, sem lideranças de peso, em todos os partidos. Parte das lideranças do PT está presa. Metade do PSDB envia cartas para a Câmara contra o projeto do “distritão”, e outra vota a favor desse projeto. Há uma dificuldade de gestão e articulação dentro dos próprios partidos. No processo do Collor, os partidos e suas lideranças foram muito hábeis em esperar que o fruto amadurecesse. Mas hoje, por enquanto, não vejo amadurecimento político suficiente, nem um elemento óbvio que resulte em impeachment. Não significa que não haja no futuro. Mas é preciso haver um grupo que vislumbre e atraia aliados para isso.

“
**Nem governo
nem oposição
desenham
hoje um futuro
que seja
atraente**”

ÉPOCA – Na orelha de seu livro, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso escreveu que o impeachment deu forma ao presidencialismo de coalizão. Hoje, estamos assistindo ao colapso desse sistema?

Sallum Jr. – Não acho que seja uma crise do presidencialismo de coalizão, mas desta coalizão. Temos um sistema que funciona sob a liderança e a autoridade do presidente. Quando ele perde a autoridade, o sistema não funciona direito. A liderança que o presidente exerce é quase insubstituível. Isso, infelizmente, falta à presidente Dilma Rousseff. Ela não consegue produzir uma diretriz entre os aliados. Isso produz uma desorganização do processo legislativo e de gestão pública muito forte. A perda de autoridade tem a ver com o jeito que a campanha eleitoral foi tocada, muito aquém dos padrões desejados. Houve mentira. Da forma como foi obtida a vitória, criou-se um enorme ressentimento. A própria presidente é culpada por isso. No comício da vitória, ela não falou o nome do adversário. Depois, ela resolveu se envolver na disputa da presidência da Câmara e arrebatou a coalizão.

ÉPOCA – Dilma tem condições de se recuperar e terminar bem seu mandato?

Sallum Jr. – Ela tem tempo para isso, mas não sei se ela tem capacidade. A gente não sabe que gato vai sair dessa toca. No fundo, não depende só dela. Depende do conjunto das forças e como elas se organizam. E não sabemos quanto tempo vai demorar o processo recessivo que vivemos. Outro problema é que a presidente tem uma dificuldade de gestão e claramente não se educou na arte de fazer política. Isso torna muito difícil a saída.

ÉPOCA – O senhor não vê então saída para essa crise?

Sallum Jr. – Não há crise que não seja superada. O processo político vai produzir alternativas. Mas não sou otimista de que serão imediatas. Nem sei que direção ela vai tomar. A crise que vivemos é maior que aquela do Collor, mais pesada, complexa e complicada, e as saídas são menos óbvias e menos fáceis de vislumbrar. Há duas razões principais: a falta de autoridade da presidente e a falta de projeto para o futuro. Há uma polarização entre liberais e desenvolvimentistas que não ajuda a apontar uma saída da crise. Vamos fazer ajustes, mas qual a nossa meta? Para onde vai o país? Agora não é mais a democracia que está em jogo. É uma reorientação do país no cenário internacional e num mundo novo que surgiu dos anos 1980 para cá. Estamos imaturos para discutir essa nova situação do capitalismo mundial, em que não podemos mais nos fechar em nossos próprios territórios. A maioria dos desenvolvimentistas professa um nacionalismo muito defensivo como forma de enfrentar a crise. Ou bem mudamos essa visão e nos tornamos competitivos no mercado mundial, inovando na indústria, ou vamos encolher a cada dia. Em vez de nos defender das vicissitudes do mundo, poderíamos participar ativamente de sua construção. Isso daria um horizonte. ♦

A MEDIDA DA GRANDEZA.



NOVAK DJOKOVIC



Seiko 5 Sports
Automatic

SEIKO

DEDICADA À PERFEIÇÃO

IDEIAS

OBSERVADOR DO JORNALISMO



UMA HISTÓRIA EM SINTONIA COM AS RUAS

Ao completar 90 anos, *O Globo* continua a lapidar sua marca de distinção na imprensa brasileira: um jornalismo de qualidade, mas não elitista



MODERNIZAÇÃO
A redação de *O Globo*, em 1925, com o fundador Irineu Marinho (em destaque), à mesa. Inovador, o jornal rompeu com o aristocratismos de uma imprensa voltada para a elite

Aluizio Maranhão

Lançado em 29 de julho de 1925, *O Globo* tem raízes antigas. Para além dos 90 anos que completa agora. Elas se fixam na experiência que o jornalista niteroiense Irineu Marinho começou a acumular no outro lado da Baía de Guanabara, ao passar a trabalhar, com 17 anos, como suplente de revisor na *Gazeta de Notícias*, do qual se tornou funcionário em 1893.

Irineu começava a construir uma carreira que serviria de fio condutor até fundar *A Noite*, o protótipo de *O Globo*. Uma consulta aos arquivos deixa evidente que, em *A Noite*, fundado em 1911 por Irineu e um grupo de profissionais, se fermentava um novo vespertino, a ser criado

em 1925 num pequeno sobrado do Largo da Carioca, no centro do Rio de Janeiro.

O DNA de *O Globo* foi lapidado na trajetória de sucesso de Irineu Marinho como profissional de redação e diretor de jornal, no início do século passado, até morrer 23 dias depois de lançar seu segundo diário. Os momentos de grandes transformações, acompanhadas de inevitáveis conflitos, por que passaram o Rio e o país naquele período plasmaram a visão de jornalismo de Irineu Marinho.

Enquanto transcorriam crises políticas naquela primeira fase da República, o Rio apresentava duas faces: de um lado, a belle époque, com ►



Aluizio Maranhão, 65 anos, é editor de Opinião de *O Globo*. Foi diretor executivo de ÉPOCA. Também foi diretor de redação do jornal *O Estado de S. Paulo*

REPORTAGENS QUE CONTAM A HISTÓRIA

Os últimos 90 anos do Brasil podem ser narrados a partir dos furos e das primeiras páginas de *O Globo*



1 **DIÁRIO** *O Globo* publicou em capítulos um relato sobre a marcha da Coluna Prestes pelo Brasil

2 **QUEDA** O jornal flagrou a rendição do presidente Washington Luís, deposto pela Revolução de 1930

3 **EXTRA** Em 1954, *O Globo* publicou dossiê sobre o atentado que levou ao suicídio de Getúlio Vargas

4 **LUZ NOS PORÕES** O jornal trouxe várias revelações sobre o atentado ao Riocentro, em 1981

5 **PROVA** No caso Collor, *O Globo* revelou as digitais de Paulo César Farias na compra de um carro



o prefeito Pereira Passos rasgando o velho centro para abrir avenidas, e, de outro, o povo, expulso de casas de cômodos e similares, derrubadas pelo “Bota Abaixo” empreendido pelo prefeito. Aduavam-se as sementes da favelização, outra característica que se fixaria na imagem da cidade. O Rio jamais deixou de ostentar este dualismo: da Cidade Maravilhosa e das “comunidades”.

Irineu queria romper a barreira do jornalismo voltado à aristocracia e fazê-lo passar a refletir sobre o que acontecia nas ruas, mas sem deixar de ser fonte de leitura para a elite. Era um jornalismo popular, sem ser popularesco. A cara deste Rio dual.

O modelo se revelaria certo à medida que a cidade se modernizava, e que a uma classe média constituída por servidores públicos da capital federal se somavam assalariados de diversas atividades privadas. Esse seria o perfil da grande maioria dos leitores do *Globo*.

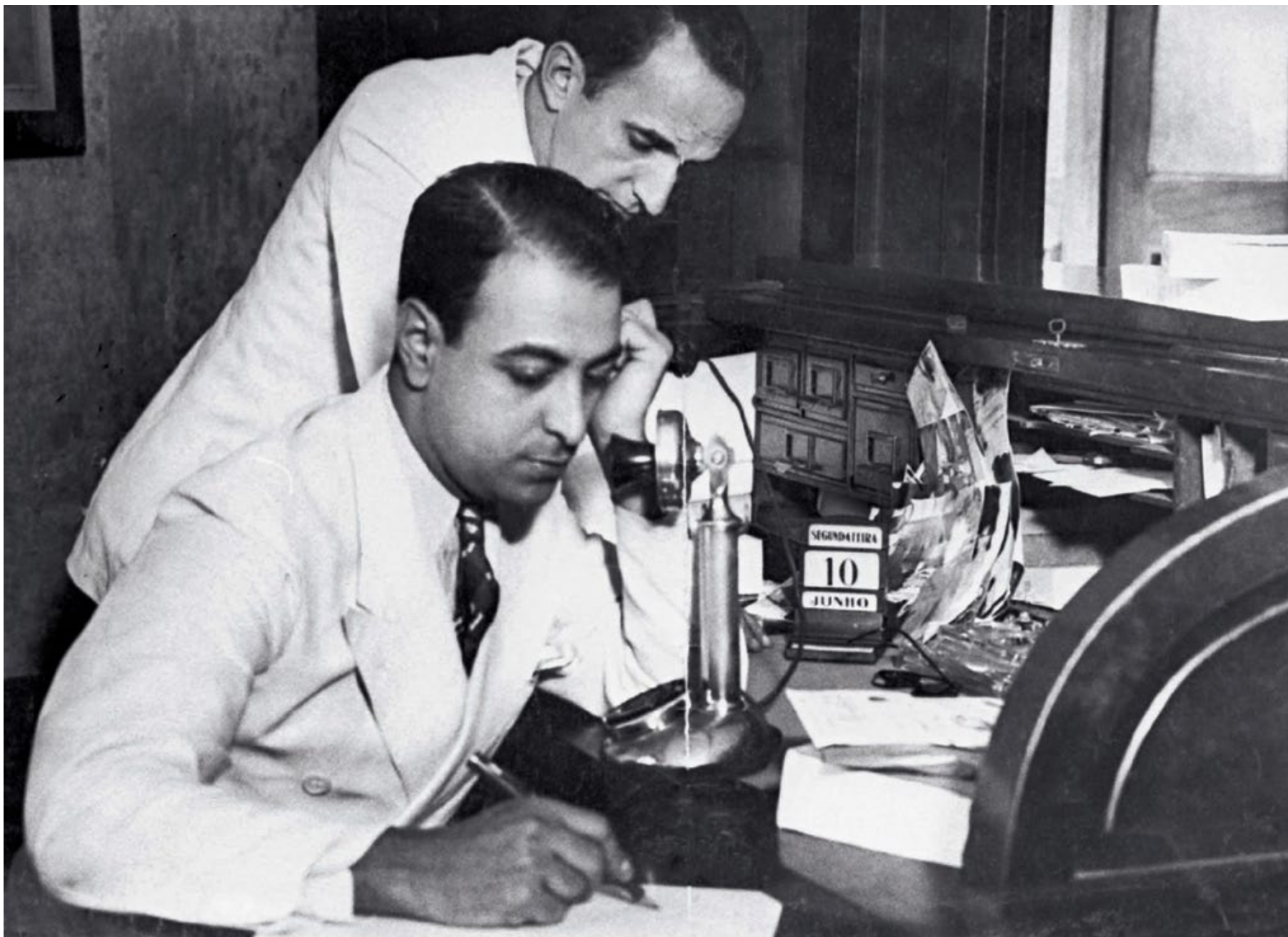
Em *A Noite*, Irineu Marinho e equipe executaram com êxito um projeto de modernização do jornalismo carioca. Perdido o jornal para sócios, a alternativa foi criar *O Globo*.

Para o novo jornal, Irineu levou a mesma fórmula: reportagem atuante nas ruas, gráficos, fotos destacadas, charges, ilustrações gráficas.

Logo na edição de lançamento, a primeira página do *Globo* trouxe características que acompanham o jornal nestes 90 anos: uma charge que simbolizava as despesas públicas derrotando as receitas, tema atual até hoje; reportagem investigativa sobre documentos relacionados à derrubada de Dom Pedro II, consultados nos arquivos da dinastia Habsburgo, em Viena; e ainda um infográfico com o salto na produção de automóveis (leia na página 56).

Também se destacava reportagem sobre um buraco de rua no bairro do Engenho Novo. O próprio jornal o taparia. *O Globo* sinalizava naquela primeira edição extrema atenção com a cidade. O próprio nome da editoria que cuida do assunto é sugestivo: Rio. Nos demais jornais costuma ser simplesmente Cidade. Esse foco fechado sobre a cidade faz com que *O Globo* há décadas desenvolva promoções em torno do Rio. Como os primeiros desfiles competitivos de escolas de samba, a partir de 1933, uma ligação com o Carnaval que se renovou em 1972, com o Estandarte de Ouro, prêmio para as escolas e seus destaques. Também na década de 1970, surgiu o Projeto Aquarius, responsável por organizar apresentações de música clássica ao ar livre que atraem multidões, e assim por diante.

A Noite, em 1915, publicou durante quatro meses um folhetim escrito por Lima Barreto. Em *Numa e a ninfa*, o escritor fez críticas a políticos



e a jornalistas que serviam aos poderosos, dentro do entendimento que Irineu tinha do jornalismo independente, financiado apenas pelo lucro derivado do sucesso junto aos leitores.

O convívio de intelectuais, escritores, poetas com as redações acompanha a história dos veículos de imprensa. Pelo *Globo*, já passaram grandes talentos: entre outros, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Elsie Lessa, José Lins do Rego, Roberto Campos, Eugênio Gudin, Guimarães Rosa, Otto Lara Resende, Rubem Braga, João Ubaldo, Fernando Sabino.

A tradição se mantém. Hoje, apenas nas duas páginas de Opinião publicadas diariamente, se revezam entre 30 e 40 assinaturas, no decorrer de um mês, com diversas periodicidades. Há, ainda, outros vários colunistas e articulistas distribuídos pelo resto do jornal.

O relato da vida real é insuperável como fator de atração de leitura. Dois anos depois de lançado, em 1927, *O Globo* publicou em capítulos uma espécie de diário da Coluna Prestes, escrito pelo deputado gaúcho João Baptista Luzardo. Em 1924, jovens tenentes haviam se rebelado contra o presidente Artur Bernardes, no Rio Grande do Sul, e, depois de

derrotados por forças do governo, se deslocaram para Mato Grosso e se exilaram na Bolívia, com Luiz Carlos Prestes à frente. Luzardo, conhecedor da história do movimento por dentro dele, tanto que chegou a ser preso em 1925, escreveu a crônica daquela marcha, publicada pelo *Globo*.

O próprio Roberto Marinho é personagem de um caso de busca incessante pela exclusividade. Morto o pai, Roberto Marinho preferiu deixar o jornal sob a direção de Eurycles de Mattos, braço direito de Irineu, e continuar a se adestrar na redação. E foi como repórter que, em outubro de 1930, ficou à espera do presidente deposto Washington Luís, nos portões do Palácio Guanabara. O carro levando o presidente preso, sentado ao lado do cardeal Sebastião Paes Leme, para o Forte de Copacabana, precisou parar por um instante ao sair do Palácio, o que permitiu ao fotógrafo registrar de forma muito nítida a cena. Isso só foi possível porque Roberto Marinho colocara galhos de árvore na rua para deter o carro. A foto ocupou mais da metade da primeira página da edição das 20 horas daquele 24 de outubro (*ao lado*). Em maio do ano seguinte, com a morte de Eurycles de Mattos, ele assumiu o jornal. ►

REPÓRTER
Roberto
Marinho, ao
telefone, na
sede do *Globo*,
em 1935. Antes
de dirigir
o jornal, ele
aprendeu a
buscar a notícia



ESPÍRITO
CARIOCA
**Leitores com
O Globo na
praia. A atenção
com os assuntos
do Rio de
Janeiro é
prioridade
do jornal desde
o lançamento**

São incontáveis as contribuições do jornalismo para os arquivos da história. Outro registro para compêndios foi a cobertura do conflito armado entre forças paulistas e tropas do governo Getúlio, no Vale do Paraíba, na chamada Revolução Constitucionalista, em 1932. São Paulo, base da Velha República, se insurgira contra Vargas. O governo provisório não só contrariou a base política paulista com a nomeação de interventores representantes do “tenentismo” sem trânsito no Estado, como demorava a institucionalizar o novo regime por meio de uma Constituinte. Os paulistas, então, pegaram em armas, depois de uma repressão violenta a uma manifestação, com a morte de estudantes. Uma consulta ao Acervo do *Globo*, pelo site do jornal, confirma a importância, não só política, mas militar, daquele conflito. Até hoje há trincheiras cavadas na região de Taubaté e redondezas.

Agosto de 1954 jamais será esquecido. No início do mês, um atentado contra Carlos Lacerda, político de oposição a Getúlio Vargas, planejado dentro da guarda pessoal do presidente, deflagrou grave crise político-institucional. O pistoleiro, Climério Euribes de Almeida, da segurança do presidente, errou o alvo e matou o major-aviador Rubens Vaz. A Aeronáutica abriu um inquérito na Base Aérea do Galeão, prisões foram feitas, inclusive do chefe da guarda, Gregório Fortunato. A crise se aprofundou e Getúlio cometeu suicídio. Em setembro, *O Globo* publicou edição extra com base no inquérito. Título da edição: “O livro negro da corrupção”. Um documento histórico.

A imprensa, com alguma razão, costuma ser

criticada por abandonar assuntos, não acompanhar desdobramentos de notícias. Um exemplo oposto aconteceu com a cobertura feita pelo *Globo* do desaparecimento no Pacífico da piloto americana Amelia Earhart, em 1937, quando tentava dar a volta à Terra. Batedora de recordes, Amelia jamais foi encontrada, nem destroços do avião.

Vinte e três anos depois, em 1960, o jornal noticiou que a americana teria morrido como espiã. A pretexto de dar apoio ao voo, a Marinha americana deslocou uma força-tarefa para a região, e teria aproveitado para mapear instalações militares japonesas. Tudo, supostamente, em combinação com Amelia. E dez anos depois, em 1970, *O Globo* voltou ao assunto: ex-oficiais da Força Aérea americana revelaram que a piloto estaria viva, com 72 anos, morando em Nova Jersey. Uma reportagem que se estendeu por 33 anos.

Em grande medida, o peso de um jornal se deve a suas reportagens, ao noticiário exclusivo que publica, aos “furos”, no jargão das redações. Como na cobertura do atentado ao Riocentro, cometido por agentes do DOI-Codi, órgãos de repressão política da ditadura militar, em maio de 1981. O jornal publicou fotos do capitão Wilson Machado ferido, sendo atendido, desacordado, no Hospital Miguel Couto. Ele e o sargento Guilherme do Rosário, morto pela bomba que levavam no carro, tinham a missão de atacar um show em comemoração ao Dia do Trabalho, organizado por grupos de esquerda. Eram os porões do regime agindo contra a abertura política. O jornal revelaria, ainda, que no carro Puma de Machado havia mais duas bombas.

São inúmeros os “furos” de reportagem. A abertura política avançou e, ainda no governo do presidente-general João Baptista Figueiredo, foi enviado ao Congresso o projeto de anistia política. *O Globo* o antecipou. Assim como revelou que o cheque com o qual foi comprado um Fiat Elba para o então presidente Fernando Collor levou a assinatura de um dos laranjas de PC Farias. Estava decretado o virtual impeachment do presidente. Seria questão de tempo, como foi.

Um dos grandes personagens nestas nove décadas de história tem sido o repórter. E continuará sendo, mesmo com toda a revolução tecnológica em curso no mundo, em particular nos meios de comunicação. Pois quanto maior o vozerio na internet, com milhões de informações cruzando a rede de computadores, sem que se saiba ao certo se são verdadeiras ou falsas, mais importante fica o repórter que pratica o jornalismo profissional, base em que se assenta o mais valioso patrimônio de um veículo de imprensa, a credibilidade – em qualquer meio, impresso e digital. ♦



O **Movimento Empreenda** chega ao quarto ano renovando seu compromisso de encorajar e capacitar os empreendedores brasileiros com reportagens em 12 títulos da Editora Globo, vídeos, eventos com empreendedores de sucesso, um prêmio pioneiro e uma iniciativa para aproximar startups de investidores-anjo. Neste ano, o Movimento terá por tema o incentivo à exportação. Conheça, engaje-se, compartilhe.

www.movimentoempreenda.com.br

MANIFESTO

2015

É hora de pensar grande.

O tamanho de nosso país, quase um continente, não pode definir as fronteiras dos negócios.

Empresas nascem para crescer, conquistar territórios e novos consumidores.

Estejam eles por perto ou a centenas de quilômetros.

Hoje, transações acontecem em qualquer língua, a toda hora e em qualquer lugar.

Mercados não são mais locais, e sim globais.

E neles circulam mais de sete bilhões de pessoas.

Todas conectadas.

É hora de mostrar que os produtos e serviços *made in Brazil* têm competitividade e criatividade.

E, por isso, valem muito.

Assim como tem muito valor a capacidade de inovação dos brasileiros.

Uma nação de empreendedores não deve estreitar seus limites.

E nem se acanhar diante de crises e casos de corrupção.

Porque, daqui a pouco, esses episódios também serão passado.

A economia é feita de ciclos incessantes, que vêm e vão.

Os bônus que nos foram dados são passageiros também.

É preciso agarrar, agora, a chance de ser um *player* do tamanho que merecemos.

O país não pode desperdiçar a exuberância demográfica, a vitalidade dos jovens empreendedores e as novas janelas de oportunidade que se abrem em todos os continentes.

É hora de simplificar regras. Enxergar longe. Explorar o novo.

E exportar.

Frederic Zoghaib Kachar

Diretor Geral da Editora Globo

UMA INICIATIVA DA EDITORA GLOBO COM O COMPROMETIMENTO DE:



PARCEIRO EDUCACIONAL:

Insper

Eles exportam e driblam a crise

Neste ano, o Brasil deverá ter mais de 10 mil pequenos e microempresários vendendo para o exterior

Graziele Oliveira e Marcos Coronato

Desde os 9 anos de idade, o recifeense Túlio Caraciolo adorava jogar videogame. “Minha mãe colocava a mão no aparelho para saber se estava quente demais e se eu estava jogando por mais tempo do que ela permitia”, diz Caraciolo, hoje sócio na Manifesto Game Studio, uma desenvolvedora de games. A empresa faz parte do Porto Digital, um polo de inovação e economia criativa no Recife, apoiado pelos governos estadual e municipal. A pequena empresa vende para clientes nos Estados Unidos e no Japão. A fatia exportada corresponde a 60% do faturamento. “Antes, fazíamos jogos para o consumidor final. Se desse errado, o prejuízo era nosso”, diz Caraciolo. “Hoje, produzimos jogos sob demanda para grandes empresas, que os distribuem.” Vão para o exterior os jogos, vêm para o Brasil dólares, empregos, conhecimento e experiência.

A história de Caraciolo já foi mais comum entre empreendedores no Brasil. Em 2007, o país chegou ao auge de cerca de 12 mil pequenos e microexportadores. O número caiu nos anos se-

guintes – e agora volta a crescer. No primeiro semestre de 2015, avançou cerca de 13% o número de pequenas e microempresas que fizeram alguma venda ao exterior, pelas contas preliminares da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex). No ano passado inteiro, o crescimento foi 8% em relação a 2013, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Neste ano, o país deverá voltar a ter mais de 10 mil pequenas e microexportadoras. Isso beneficia todo brasileiro, mesmo o que não trabalha nessas empresas.

As vantagens trazidas pelos exportadores apresentam-se de várias formas. Uma, evidente, é o número direto de empregos. Nos Estados Unidos, as vendas ao estrangeiro feitas por pequenas e microempresas respondem por 4 milhões de empregos, de acordo com um relatório de 2011 do governo americano (e os Estados Unidos se consideram fracos nessa seara, em comparação com países europeus). O relatório afirma que as pequenas e microexportadoras pagam melhores salários. O economis-

ADAPTADA
Clélia Angelon,
da Sury, no
depósito em São
Paulo. Ela
pesquisou novos
ingredientes e já
exportou henna
para a Índia





Esta reportagem faz parte
do Movimento Empreenda.

**Participe, inspire-se
e empreenda**

www.movimentoempreenda.com.br

ta italiano Claudio Fassio, do Centro de Inovação da Universidade de Lund, na Suécia, avaliou fenômeno similar em cinco países europeus (Alemanha, Espanha, França, Itália e Reino Unido). Concluiu que, nos casos de ganho mais modesto, as pequenas e microexportadoras passam a inovar apenas para fabricar em maior quantidade e com menor custo o que já produziam. Nos melhores casos, essas empresas aprendem algo novo, ao lidar com clientes e concorrentes no exterior, e criam produtos e serviços diferentes.

Luiz Barretto, presidente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), afirma que o efeito se repete no Brasil. Os empreendimentos que brigam por nichos do mercado externo exercem efeitos sobre uma cadeia de criação de empregos, qualificação e aumento de renda. Em geral, para vender ao mercado externo, pequenos e microempresários precisam adaptar sua forma de trabalhar – como investir em profissionais que dominem outro idioma, pesquisar necessidades de mercado e tornar mais eficientes as áreas de compras e vendas. “Uma empresa que se prepara para o mercado internacional cresce, trabalha com carteira assinada e exige mais daqueles com quem trabalha”, diz Barretto. Quando uma empresa faz as adaptações listadas por Barretto, torna-se mais produtiva, oferece salários mais altos e novidades ao mercado. Logo, ela influencia o entorno e “poliniza”, com boas ideias e práticas, os concorrentes, fornecedores e clientes.

Uma dessas criadoras de novidades é Clélia Angelon, cofundadora da Surya, uma marca de cosméticos orgânicos e ►



veganos em São Paulo. Clélia vende para o exterior há 18 anos e seus produtos já chegaram a mais de 20 países. O feito recente de que mais se orgulha foi exportar henna para a Índia, em 2014. Ela diz ter aprendido muito com os consumidores americanos, exigentes e atentos. Na fórmula de seus xampus, precisou substituir conservantes, óleos minerais e perfumes sintéticos por ingredientes naturais e de origem vegetal. Também teve de mudar o jeito de trabalhar o administrador Evandro Weber, diretor da Weber Haus Cachaçaria, em Ivoti, Rio Grande do Sul. Ele exporta cachaças artesanais desde 2007 e precisou de certificados internacionais variados, de controle de qualidade, segurança no trabalho

BOA HISTÓRIA
Hugo Galindo,
Henrique Meyrelles
e Luiz Eduardo
Rocha, no estúdio
da Zerezes, que
fabrica óculos
no Rio de Janeiro.
Exportar, para
eles, é natural

e responsabilidade ambiental. O que fez mais diferença foi a rastreabilidade, que dá ao consumidor a possibilidade de acessar informações sobre o produto, do cultivo da cana ao embarque para o exterior. “Imagina um cara do interior, que mal sabia se comunicar em inglês e, de repente, está na China”, diz.

Haveria mais casos assim, não fosse a combinação ingrata de dois cenários ocorridos desde os anos 2000. No primeiro deles, até 2011, o Brasil contou com um ambiente de confiança, com muito crédito para quem quisesse abrir ou expandir negócio próprio e com exposição favorável no exterior (o que beneficiava as marcas nacionais). Mas esse cenário incluía também um real



valorizado, que encarecia tudo o que era produzido no Brasil. Desde 2011, estamos em outro cenário, com o real bem mais barato em relação ao dólar, o que facilita as vendas ao exterior. Mas a mudança veio com uma crise bravíssima, que piora a imagem do país no mundo e mina a confiança de empresários e consumidores. Parte dos microempresários pensa em exportar só agora, como reação à crise no mercado interno. Fazer uma virada dessas às pressas, como correção de rota, é uma proeza.

Trata-se de um vício comum no Brasil, por causa da vastidão do mercado interno, com a quinta maior população do mundo e cerca de 150 milhões de habitantes em famílias com poder de

O RETORNO DAS PEQUENAS

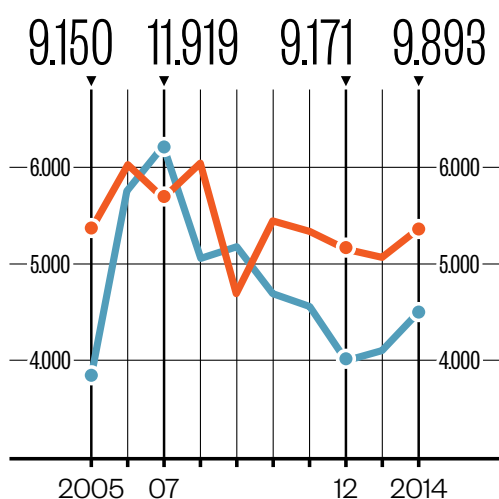
O número de microexportadoras volta a crescer

- Pequenas empresas
- Microempresas

NO RUMO CERTO

O número de pequenas e microexportadoras ainda não voltou ao topo, mas cresce rapidamente

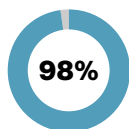
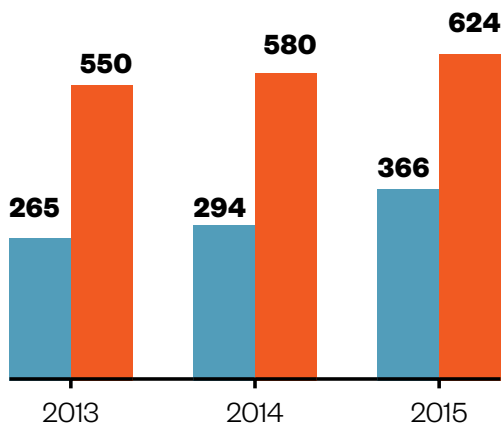
Número de empresas



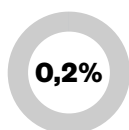
AVANÇO RECENTE

No primeiro semestre, continuou a crescer o número de pequenas e micro que vendem ao exterior

Número de empresas



dos negócios, no Brasil, são pequenas e microempresas – são 4,9 milhões de empreendimentos. Dessas, atualmente, nem 10 mil exportam. Entre as pequenas e micro elas são apenas



consumo. Essa tendência se revela especialmente destrutiva quando a economia interna vai mal ou passa por ajustes, como agora, diz o economista Roberto Giannetti, especialista em comércio exterior e presidente da Kaduna Consultoria. “Atender às exigências do mercado externo não é um processo rápido. Exige dedicação e empenho do empresário”, afirma Giannetti.

O empreendedor Hugo Galindo, da Zerezes, fez bem em evitar o vício do provincianismo. Sua empresa fabrica armações de óculos sofisticadas, com tiragem limitada, a partir da reciclagem de peças de madeira. Galindo e os sócios fundaram o negócio em 2011 e vêm lidando com clientes dos Estados Unidos, do Japão e de Portugal. “Nunca tivemos problemas em exportar pequenas quantidades, mas agora estamos entrando num mundo de grandes vendas, que não conhecíamos”, diz. Os empreendedores vêm criando um site em inglês e organizam uma rede de distribuição própria, a fim de se tornar independentes de representantes no exterior. “Não batemos de frente com óculos de madeira baratos. Os nossos têm uma história, do local de onde veio a madeira até como ela foi lixada. Se o público desconhece isso, não compra”, diz. Fez certo, e vem ganhando projeção.

Igor Brandão, coordenador na Apex, acredita que vem se tornando mais comum esse perfil de empreendedor, que não usa exportação apenas como tentativa de lidar com economia ruim e real desvalorizado, e sim como visão de negócio. “Percebo que os empresários vêm planejando cada vez mais para o momento e buscar o mercado internacional, desde o momento em que abrem a empresa, o que é ótimo”, afirma. Mesmo com os dados animadores, o país ainda tem muito a avançar. Podemos celebrar nossas 10 mil pequenas e microexportadoras, mas a Itália tem 350 mil. Cabe ao governo diminuir barreiras e simplificar a legislação para quem quer conquistar o mundo. E cabe a cada empreendedor pensar: o que fazer de diferente para conquistar mais um pedaço do mundo? ♦

Com Gabriel Lellis e Harumi Visconti

Fontes: Apex e MDIC



SEU NEGÓCIO MAIS FORTE

O MOVIMENTO EMPREENDA REAFIRMA
SEU COMPROMISSO DE PRODUZIR
CONTEÚDO RELEVANTE PARA ENCORAJAR
E CAPACITAR EMPREENDEDORES

Com o comprometimento de



Parceiro educacional

Insper

PRODUTIVIDADE ACELERADA

O Movimento Empreenda tem um conjunto de 55 ferramentas para os empreendedores usarem no cotidiano de seus negócios e se tornarem mais eficientes. Muito didáticos, os materiais estão divididos em seis categorias: estratégia e gestão, finanças, marketing e vendas, pessoas, operações e tecnologia e legal e tributário. Cada área tem ferramentas clássicas e modernas, com abordagens simplificadas para micro e pequenos negócios. www.movimentoempreenda.com.br



SÉRIE DE REPORTAGENS

Como parte do compromisso assumido de encorajar e capacitar os empreendedores, as 12 revistas da Editora Globo se unem para publicar uma série de 54 reportagens que destacam iniciativas de negócios no Brasil e no mundo. Neste time de publicações estão Autoesporte, Casa e Comida, Casa e Jardim, Crescer, Época, Época Negócios, Galileu, Globo Rural, Marie Claire, Monet e QUEM. Todas capitaneadas por Pequenas Empresas & Grandes Negócios.

Parceiros institucionais



EMPREENDEDOR
DE SUCESSO



2015

PEQUENAS
Empresas
&
GRANDES
Negócios

PRÊMIO EMPREENDEDOR DE SUCESSO 2015

Se é na crise que surgem as oportunidades, algumas empresas estão conseguindo superar o momento complicado na economia brasileira e crescem em ritmo acelerado. Se sua empresa está nesse seleto grupo, fique atento às inscrições para o Prêmio Empreendedor de Sucesso 2015. Mais informações em www.empreendedordesucesso.com.br.



Os limites dos economistas

Economistas costumam ter obsessão pelo crescimento. A divisão entre aqueles à direita e à esquerda se pauta apenas pela melhor forma de atingi-lo. Para uns, o Estado deve se envolver não só para disciplinar o mercado, mas exercer o papel central na geração de riqueza. Para outros, cabe ao mercado a posição de protagonista, e só investimentos privados, livres das amarras impostas pelos governos, garantem a fortuna de empresas e países. Desenvolvimentistas, defensores da intervenção estatal, na certa criticarão o ajuste promovido pelo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, nas contas do governo. Liberais, paladinos do livre mercado, o verão como insuficiente e criticarão a redução da meta fiscal anunciada na semana passada. Mas ambos justificam suas posições com base no mesmo objetivo: o crescimento da economia. E se estivessem errados? E se crescer – rápido e a todo custo – não devesse ser a razão primordial de qualquer política econômica? Essa questão provocativa vem sendo formulada há algum tempo por um dos mais preparados e bem-sucedidos economistas brasileiros, André Lara Resende. Ele a expõe de diferentes formas em boa parte de seus ensaios publicados na imprensa ou em artigos acadêmicos, reunidos no livro *Os limites do possível*.

Como economista, o jovem Lara Resende especializou-se no estudo da inflação. Depois de voltar de seu doutorado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em 1979, passou pela academia, pelo mercado financeiro e pelo governo. É conhecido como um dos artífices do único plano de estabilização econômica que deu certo na série de iniciativas fracassadas ao longo dos anos 1980 e 1990, o Plano Real. Suas ideias estão muito distantes da ingenuidade idílica ou do cinismo crônico, responsáveis pelo nível sofrível do debate econômico no Brasil. Lara Resende é aquele personagem que nos faz tanta falta na cena pública: um intelectual de primeiro time. Alguém que leu, estudou, viveu, conquistou dinheiro, poder – e nem por isso julga ter resposta para tudo ou ser dono da verdade. Não há, em seus textos, nenhuma fímbria das ideias pedestres que estamos acostumados a ler em artigos sobre economia nos jornais ou na internet. Mais que isso, Lara Resende é letrado, escreve em português claro, tem um raciocínio cristalino e quase sempre compreensível ao leigo. Quando recorre à teoria ou aos termos do economês, tem a sensatez de pedir desculpas e de explicar por quê. Só isso já faz de seu livro uma exceção.

O principal, claro, são suas ideias. Duas questões, diz ele,

desafiam os economistas contemporâneos. A primeira é a desigualdade. Seus artigos chamam a atenção para o limite de um modelo econômico baseado apenas no crescimento, que amplia a distância entre quem tem e quem não tem. Lara Resende argumenta que ter mais renda não significa ter necessariamente uma vida melhor. Mas não faz uma crítica ingênua, muito menos marxista. “Uma coisa é defender a redução da desigualdade em nome de um ideal de justiça social ou de empatia com os menos favorecidos, outra é defendê-la com base na evidência empírica de que ela reduz o bem-estar não apenas dos mais pobres, mas de todos, inclusive os ricos”, escreve no primeiro ensaio, publicado em 2011, bem antes da histeria em torno do francês Thomas Piketty.

A segunda questão são os limites físicos do planeta Terra. Lara Resende considera abundantes as evidências de que é impossível manter o ritmo de crescimento do século XX, simplesmente por causa do esgotamento dos recursos naturais e do custo oculto da poluição, expresso nas mudanças climáticas. Esse custo, diz, não é incorporado aos preços, pois o meio ambiente é um caso que os economistas chamam de “falha de mercado”. Seria razoável, para ele, estabelecer freios ao crescimento, de modo a disciplinar o uso dos recursos finitos. “Todos perdem numa sociedade materialmente ambiciosa, especialmente as gerações futuras”, escreve.

Com erudição sofisticada, Lara Resende tenta conciliar seu tom “neoesquerdista” à defesa do capitalismo e do livre mercado. Não faz uma defesa bocó da pobreza igualitária ou da vida bucólica.

Sua limitação é de outra ordem. Muito embora reconheça que a tecnologia possa mitigar alguns problemas, ele no fundo não acredita na inovação. Duvida do alcance da revolução digital ou do efeito que ela ainda poderá ter na produtividade, no nosso modo de vida ou no meio ambiente. Cita, para defender seu ponto de vista, estudos do economista americano Robert Gordon, especialista em produtividade. A verdade é que ninguém ainda decifrou direito o efeito da revolução digital na economia. Pode ser que Lara Resende tenha razão. Ou não. Em 2003, quando entrevistei Gordon, ele me disse uma frase que tem pouco de original, mas muito de sábio: “Qualquer jovem de 18 anos sabe mais sobre computadores que seus pais”. ♦



LIVRO DA SEMANA

Os limites do possível

André Lara Resende

Portfolio-Penguin

2013

288 páginas

R\$ 50

Helio Gurovitz é jornalista hgurovitz@edglobo.com.br (e-mail)

@gurovitz (Twitter) <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/> (web)

O amor acabou? Vire um fantasma

Na era digital,
terminar um
relacionamento
é tão fácil como
bloquear um perfil
no Facebook.
A psicologia explica

João Luiz Vieira e Júlia Korte,
com **Ana Helena Rodrigues**

A paulistana L.R. levou dois anos para conseguir encontrar um ex-namorado. Na verdade, ela supunha que ele era seu ex: ele nunca terminou o relacionamento. Apenas sumiu. Bloqueou o acesso de L. ao perfil dele no Facebook e no Skype. Deixou de responder aos e-mails. “Para rastreá-lo, recorri até a um detetive particular”, diz L. Por décadas, situações como a vivida por L. eram conhecidas como o clássico caso “saiu para comprar um cigarro e nunca mais voltou”. Bastava dizer isso para que se entendesse o motivo do término: unilateral, com direito a ares de mistério. As avós diriam que o pretendente tomou chá de sumiço. Os amigos explicariam o comportamento numa gíria: “Levou um perdido”. Agora, há um novo termo para designar o sempre doloroso e inexplicável sumiço voluntário de quem se ama: levar um ghosting. O ator americano Sean Penn é uma das vítimas mais recentes. Sua ex – agora ele já tem certeza – namorada,

a atriz Charlize Theron, usou a estratégia nada digna para terminar o relacionamento de dois anos. Ela simplesmente parou de atender as ligações dele.

A expressão, originária da palavra inglesa “ghost”, que significa fantasma, faz uma brincadeira com a invisibilidade do parceiro. “Quem dá o ghosting fica com o bônus de um fim sem constrangimentos e justificativas”, diz o psicólogo Breno Rosostolato. “A pessoa vai desaparecendo aos poucos, não apenas da vida real, como também da vida virtual.” Em co-

mum com almas do outro mundo, o ghosting tem o mesmo potencial para assombrar quem cruza seu caminho. A julgar pelo que psicólogos e terapeutas têm escutado nos consultórios, não faltam almas penadas a vagar por aí, principalmente nas redes sociais. “Minha amostragem clínica sugere que esse comportamento é mais frequente entre os jovens”, diz o psicólogo Walter Mattos, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Nos últimos meses, ele escutou relatos semelhantes de alguns dos pacientes que atende.

A proliferação de aparições fantasmagóricas é um oferecimento da maior invenção tecnológica do último século, a internet. “As relações estão mais efêmeras”, diz a psicanalista Regina Navarro Lins, autora de *O livro do amor* (Editora Best Seller). “Da mesma maneira com que se conecta, deleta-se.” Paira uma sensação de que os relacionamentos são menos sérios porque, na maior parte do tempo, ►

Oi! Cadê você?? 😬



SEM CERIMÔNIA

Celebridades que adotaram estratégias pouco leais na hora de terminar um relacionamento. Também acontece com elas



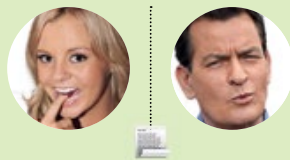
POR FAX

Em 1994, espalhou-se a versão que o ator **Daniel Day-Lewis** teria mandado um fax para a atriz francesa de **Isabelle Adjani**, quando soube que ela estava grávida dele. Queria terminar. Isabelle nega



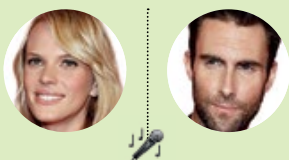
ÚLTIMA A SABER

A atriz **Laura Dern** só descobriu que o namorado **Billy Bob Thornton** se casara com outra, em 2002, ao regressar para casa após uma filmagem. Era Angelina Jolie



POR MENSAGEM DE TEXTO

Uma mensagem de texto, assinada pela atriz pornô **Rachel "Bree" Olson**, avisou ao ator **Charlie Sheen** que eles estavam terminando o romance, em 2011



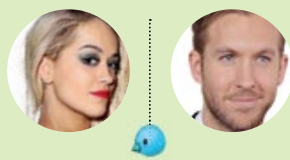
NO MICROFONE

Em 2012, a modelo **Anne Vyalitsyna** contou aos jornalistas primeiro e depois para o namorado, o vocalista do Maroon 5 **Adam Levine**, que o relacionamento terminara



TRÊS PALAVRAS

O músico **John Mayer** mandou uma mensagem singela para a atriz **Jennifer Aniston**, em 2013: "É isto – o fim". Jennifer, antes traída por Brad Pitt com Angelina Jolie, nega



PELO TWITTER

O DJ **Calvin Harris** usou a rede social, em 2014, para comunicar à namorada, a cantora **Rita Ora**, que tudo tinha chegado ao fim. Flagrado com outras, escreveu: "Desejo tudo de melhor para ela"

são construídos em um ambiente virtual, como bate-papos pelo WhatsApp ou pelo Facebook. Daí o desprendimento de praticar o velho perdido (agora, em velocidade 4G). "A pessoa pensa: se não precisou colocar energia na aproximação, por que deveria colocar no afastamento?", diz Mattos, da Unifesp.

Conseguir um parceiro ficou mais fácil, graças a aplicativos como o Tinder. Escolhem-se as pessoas que interessam (com base, principalmente, na aparência física), com um simples deslizar de dedos sobre a tela do celular. Essa agilidade mina a importância dada ao relacionamento. "Estamos saindo da era do estado civil para o status civil", diz o antropólogo Michel Alcoforado, autor de uma pesquisa sobre como os jovens usam o Tinder. "É uma lógica semelhante à do consumo. Você só entra em contato com a pessoa quando está a fim."

Pode até dar certo trabalho desapare-

cer sem deixar vestígios digitais de sua existência. É preciso mudar o perfil do Facebook, bloquear o (potencial) ex-parceiro no WhatsApp e no Skype, excluí-lo do Instagram, fechar o acesso dele a seu Twitter e a qualquer outra rede social. Mas, ainda que demande certo esforço cortar os laços virtuais, a estratégia é muito eficaz. Quem ousaria insistir num relacionamento depois de levar tamanha bloqueada? Difícil ser mais claro que isso numa conversa cara a cara, em que lágrimas, apelos e sentimentos podem atrapalhar a missão.

Nem todos que começam relacionamentos pela internet terão a mesma atitude. A rede só dá um empurrãozinho para que as pessoas com tendência a fugir de conflitos adotem a decisão prática (para elas) de desaparecer. A psicologia sugere que esse tipo de personalidade tende a não confiar nos outros, a minimizar as próprias emoções e a evitar in-

timidade. Freud explica. "Elas costumam ter dificuldade para falar coisas mais duras, não sabem lidar com as reações alheias ou não conseguem se colocar no lugar do outro", diz a psicóloga Ana Carmen de Freitas Oliveira, da Universidade Mackenzie, em São Paulo.

É comum esquecer que a foto do aplicativo é de uma pessoa de verdade, com sentimentos. E que o término virtual dói tanto quanto o ao vivo. É uma dor antiga, daquelas que inspiram poetas e músicos há séculos. E muito real. Estudos científicos sugerem que a intensidade do sofrimento emocional se compara à de uma dor física e que o fim de um relacionamento é semelhante a uma crise de abstinência de drogas. Pesquisadores da Universidade Rutgers, nos Estados Unidos, descobriram que a visão da pessoa amada estimula as mesmas áreas cerebrais, ligadas ao sistema de recompensa, que a cocaína.

Cura para a dor de amor ainda não há. Só o tempo, ainda que possam restar marcas. Mas há maneiras de diminuir o trauma da rejeição. E uma delas é evitar a tentação de apertar o botão "bloquear". Pesquisadores americanos da Universidade do Kansas avaliaram o fim de vários relacionamentos e constataram o que todo mundo intui – mas faz questão de esquecer para não enfrentar a situação. Términos baseados em conversas francas e diretas, além de serem um sinal de maturidade, estão associados a menos impactos emocionais para quem recebe o fora. "Usar estratégias diretas reduz os resultados negativos posteriores à dissolução, como episódios de depressão e violência", escreveram os cientistas no artigo publicado em 2012.

A paulistana Andreza Delgado, de 19 anos, passou por um rompimento traumático nesses moldes. Um dia, o namorado de oito meses simplesmente parou de atender suas ligações. Eles haviam enfrentado um período difícil, após ela perder um bebê ainda no começo da gestação. "Fiquei depressiva, e ele não sabia lidar com a situação", diz Andreza. Após o sumiço, chegou a encontrar com o ex na rua. Ele se escondeu atrás de um poste. Da história, Andreza leva uma única certeza. "Alguém que resolve tudo indo embora, sem explicações, realmente não merece nenhum espaço em minha vida." ♦

**VENHA PARA A
MAIOR COMPETIÇÃO
DE EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL DO
MUNDO E ESCOLHA
A PROFISSÃO QUE
MAIS TEM A VER
COM VOCÊ.**


worldskills
São Paulo 2015 

Apresentado por

SAMSUNG

LOWFAT

MAIS DE
60
PAÍSES
PARTICIPANTES

50
PROFISSÕES

MAIS DE
1.200
COMPETIDORES

O SENAI e a CNI trazem para o Brasil a WorldSkills São Paulo 2015, um megaevento que acontece pela primeira vez na América Latina. Venha conhecer jovens do mundo inteiro mostrando suas habilidades em dezenas de profissões da carreira técnica e escolha a sua.

- **TRY-A-SKILL**
Simula o dia a dia de várias profissões.
- **CYBER**
Exposições interativas, jogos educativos, food trucks e muito mais.
- **PONTO DE CONHECIMENTO (KNOWLEDGE SPOT)**
Simuladores 3D, vídeos e tudo sobre as profissões.
- **FESTIVAL SESI DE ROBÓTICA FLL**
Competição com robôs de Lego® para solucionar desafios da vida real.
- **EXPOSIÇÃO DE UNIDADES MÓVEIS SESI E SENAI**
Escolas de educação profissional que levam cursos até os mais distantes locais do país.
- **E TEM MUITO MAIS**
Conference Programme, WorldSkills Village e o Espaço SENAI, uma verdadeira imersão interativa no mundo da educação profissional e da inovação na indústria.

Não perca. Entrada gratuita.
De 12 a 15 de agosto de 2015,
no Anhembi.

Saiba mais:
www.escolhafuturo.com.br

 **Baixe o APP e fique
por dentro de tudo.**

Correalização

Realização


Iniciativa da CNI - Confederação
Nacional da Indústria


worldskills


Iniciativa da CNI - Confederação
Nacional da Indústria

ELZA BERQUÓ

“O sexo é um direito das mulheres na velhice”

A demógrafa identifica um novo comportamento nas mulheres acima dos 60 anos. Elas dançam, viajam, fazem ginástica – e algumas iniciam relacionamentos homossexuais

Graziele Oliveira

A população brasileira vem envelhecendo e, entre os que ultrapassam os 60 anos, as mulheres são maioria. A demógrafa Elza Berquó, de 83 anos, uma das fundadoras do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), é uma estudiosa desse contingente da população. Em um de seus estudos, a pirâmide da solidão, ela mostra que existem muitas mulheres sem parceiros na faixa acima dos 60 anos, e atribui isso à regra cultural segundo a qual as mulheres se relacionam principalmente com homens mais velhos. Nesta entrevista, ela diz que nessa faixa etária existem também muitas mulheres homossexuais, como as personagens de Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg na novela *Babilônia*.

ÉPOCA – Mulheres bissexuais ou lésbicas, que escondem isso durante a vida toda, podem assumir relacionamentos homossexuais com mais facilidade na velhice?

Elza Berquó – Elas podem. Mas não precisa ser uma pessoa que não tinha saído do armário. Essa mulher pode ter sido casada, tido filhos. Então, encontra outra e tem alguma química entre elas. E aí pronto! A velhice não é um momento em que permitiu a elas sair do armário. Foi o momento em que elas reconheceram que podiam. A outra mulher não está esperando que você seja uma beldade, porque a velhice é perversa mesmo com relação ao físico. Não tem como. Então você tem de estar bem

com você e com o mundo, produzindo sua vida e fazendo coisas de que você gosta.

ÉPOCA – O que a senhora achou do beijo gay protagonizado pelas atrizes Nathalia Timberg e Fernanda Montenegro na novela *Babilônia*, da TV Globo?

Elza – Essas duas estão dentro daquele perfil que eu falei. Acho que são atrizes muito valentes. Tiveram a coragem de ser personagens dessa cena. Aquilo que vai na televisão é recolhido daquilo que está aparecendo na sociedade, e vice-versa. Então, já deve haver situações, em número tal, em que mulheres idosas estão vivendo juntas e se amando. Fiz um estudo com a Universidade do Texas sobre uma nova novela da Globo em que ia surgir um novo tipo de homem – um que não é machista, não é gay e não mata a mulher quando ela o trai. Chamava-se *O rei do gado* (1996). Um nome simbólico porque gado tem chifres, não é? O personagem de Antonio Fagundes era um novo homem que estava surgindo na sociedade. Era um homem com uma sensibilidade e compreensão que não precisa matar uma mulher por adultério. Meu segundo marido era exatamente esse tipo de homem sensível. Agora, acho que está surgindo um novo tipo de mulher idosa na sociedade. As coisas estão acontecendo, e a novela é feita para você se reconhecer lá, para você não se sentir a última perdida no ►



A NOVA IDOSA
A demógrafa Elza
Berquó na sede do
Cebrap, em São
Paulo. “A novela é
feita para você se
reconhecer lá,
para validar vidas”

mundo. Então isso valida muitas vidas. Esse é o papel da televisão.

ÉPOCA – Essa cena sofreu muitas críticas negativas. O que a senhora achou da reação das pessoas?

Elza – Muitas pessoas viram lá o que não tiveram coragem de fazer e têm medo de mostrar-se a si mesmas. E as que veem aquilo com naturalidade ainda são uma minoria. Mas que já está acontecendo, por isso foi para a novela. Ninguém inventa um caminho na novela. Ela tem de cobrir o que está acontecendo na sociedade e dar alguns passos para ver se a sociedade quer aquilo ou não.

ÉPOCA – Há especialistas que dizem que as pessoas nascem gays. É possível que as pessoas se tornem homossexuais na terceira idade?

Elza – Não acredito que alguém nasça gay. As pessoas nascem com seus cromossomos XX e XY. Agora, o que você pode ter é um ambiente. A relação com a mãe é um dos elementos condutores de comportamentos de filhos que se manifestam como homossexuais. Isso vai aparecendo ao longo da vida. O ambiente, o contexto familiar, as carências. Ninguém nasce assim. Ninguém nunca comprovou que o gênero é definido ao nascer. O sexo sim.

ÉPOCA – Esse argumento de que o meio influencia a orientação sexual da pessoa serve para justificar tentativas de evitar que crianças convivam com gays, por exemplo.

Elza – Eu digo que o ambiente familiar tem uma influência. Principalmente da mãe, porque o menino precisa se identificar ao pai, e não à mãe. Às vezes a mãe não solta esse filho dela, como se ele ainda estivesse dentro dela. Isso tem muito a ver. Agora, ver casais homossexuais na televisão não muda o gênero de ninguém. Só se for alguém que ainda não teve coragem de se assumir.

ÉPOCA – Se o ambiente familiar for tão importante para a formação da pessoa, a senhora acredita que uma criança adotada por casal gay teria uma chance maior de se tornar homossexual também?

Elza – O ambiente familiar é a criação da mãe! Eu acho uma maravilha que um casal gay adote. Essa criança deve saber desde logo que ela tem duas mães ou dois pais e pronto. Porque todo mundo esconde que a criança é adotada, e em todos os casos tem de dizer depois. Eu não conheço nenhum estudo que mostre que crianças adotadas por casais gays, de mulheres ou de homens, têm maior chance de se tornar gays também.

ÉPOCA – Em geral, as mulheres vivem mais do que os homens. Essa é uma das razões da solidão feminina na velhice?

Elza – Quando produzi a pirâmide da solidão, mostrei que, pela regra cultural, a mulher se casa com um homem na mesma idade ou mais velho. Se você pegar um homem de 30 a 35 anos, ele pode escolher as mulheres na faixa dele ou abaixo. Em alguns casos, até estamos convivendo com gente que mora, vive ou casa com homens dez anos mais jovens – e aí há moedas de troca, como a mulher ter mais dinheiro do que ele. São trocas até legítimas. Mas sempre haverá esse desequilíbrio. Isso porque a mulher vai escolher ou ser escolhida por homens mais velhos, que são poucos. E os homens escolhem as mais jovens do que eles, que são muitas. Há um *superavit* de mulheres. Mas essas mulheres parecem estar se sentindo muito bem. Elas vão para a ginástica, para a dança, viajam, tiram férias, vão num cruzeiro e vão indo...

ÉPOCA – Por que, depois dos 60 anos, as mulheres parecem não ter mais direito ao sexo?

Elza – Direito essas mulheres têm, resta saber se há gente disponível. Pelo que nós estamos vendo, não há tanto. Acontece que, no sexo, você pode se satisfazer de várias maneiras. Pode ter companhias amigáveis sem sexo. Eu tive dois casamentos. De um eu me separei e do outro enviei, há sete anos, e, realmente, a falta que você sente é de um companheiro, o resto você sublima de outra maneira. O companheiro no cotidiano e na forma de ver o mundo, isso faz muita falta. Existe gente que consegue resolver e arruma outro, não é? Depende de cada um. Eu acho que não há limite para nada. Se está com alguma necessidade sexual, pode se arrumar de alguma forma. Agora saiu uma droga para a mulher que seria uma espécie de Viagra feminino, pois a libido da mulher pode cair. Vejo o futuro muito promissor para todas as idades, para o sexo e tudo mais.

ÉPOCA – A cultura brasileira valoriza bastante o corpo saudável e bonito. Como é possível uma mulher envelhecer bem nesse ambiente?

Elza – Valoriza, e muito. Eu acho que esse tipo de comportamento não vai mudar. Se você olhar para o tapete vermelho, as mulheres estão cada vez mais deslumbrantes e, se não o são, são fabricadas para ser. Então é uma concorrência difícil. Quando trabalhei com a pirâmide da solidão, cheguei a dizer que seria interessante para as mulheres bem mais velhas poder viver com outras. Isso porque o desgaste físico é das duas, então tudo bem. Agora, com o homem não. O homem jamais toleraria esse desgaste, a menos que a mulher tenha envelhecido com ele. O homem não sente libido nenhuma por uma mulher idosa. Mas conheço vários casos de mulheres solucionando isso numa relação homossexual. Isso não é inviável. ♦

“
Há um *superavit*
de mulheres,
mas vejo um
futuro promissor
para todas
as idades”

Ogilvy



FLYTECH

INSPIRADO NOS CAÇAS MILITARES.
PRECISO E FEITO EM TITÂNIO
PARA MAIOR LEVEZA E RESISTÊNCIA.
MAIS QUE ESTILO, PERFORMANCE.



ORIENT
JAPAN

www.orientnet.com.br

fotos dos relógios meramente ilustrativas www.flytech.orientnet.com.br



facebook.com/orientrelogios



@orientrelogios REF: MBTTC008

PRODUZIDO NO
POLO DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA



Linda, loura e ninfomaniaca



Assim será Ninfa, personagem de **Roberta Rodrigues** em *A regra do jogo*, nova novela das 9 de João Emanuel Carneiro, que estreia no dia 31 de agosto no lugar de *Babilônia*. “Ninfomania é uma doença, assunto sério, as pessoas sofrem”, diz ela. Roberta começou a gravar e está se aprofundando na questão da compulsão sexual com o auxílio de uma psicóloga. Na trama, a personagem fará parte de um grupo de funk comandado por MC Merlô, vivido por Juliano Cazarré, com quem ela viverá cenas tórridas. “A Ninfa não sabe que tem a doença”, diz. “Sou bem compulsiva por sexo, e isso me consome bastante, mas não chego a sofrer. Toda vez que chego ao extremo, paro. O bom é que estou namorando e sou ‘Ninfa’ de um homem só.”

A DIVA VEM AÍ

Faltando pouco mais de um mês para a chegada de Sophia Loren ao Brasil, seus agentes procuraram os produtores da mostra de cinema italiano *Bellissima*, da qual ela será estrela máxima, para alinhar a lista de exigências. Sophia se hospedará na suíte presidencial do hotel Unique. Quer um maquiador e um cabeleireiro à disposição.

SALVE SOPHIA

Um representante da empresa que cuida do seguro de vida de Sophia chegará para inspeções no hotel, nos locais que ela visitará e nas ruas que percorrerá – de carro blindado, evidentemente.

QUE CRISE?

Sessenta e três por cento dos quartos dos hotéis quatro e cinco estrelas da idílica Ilha de Capri, na Itália, são ocupados por brasileiros nesta alta temporada de julho.

COISA DE GRINGO

A marca-sensação de moda praia no verão europeu e americano deste ano é a Frescobol Carioca, que faz sucesso não só pelas raquetes, como pelos microbiquínis. Detalhe: são três lojas... em Londres.



Dias de rock, bebê

Mulher de Adam Levine, vocalista e guitarrista do grupo Maroon 5, a top namibiana **Behati Prinsloo** é capa da edição de agosto da *Vogue Brasil*. Nos dias 17 e 18, trará suas malas – de grife, naturalmente – para o Brasil pela primeira vez. Ela é a estrela de um jantar da marca francesa Louis Vuitton para 60 convidados na reabertura e expansão da loja do Iguatemi e de um almoço na casa da diretora de estilo da revista, Donata Meirelles. Behati e Adam se conheceram durante as filmagens do clipe da canção “Animals”, da banda dele. A modelo interpreta uma estrela de rock num dos editoriais da revista, fotografado em Nova York, ao qual ela chegou de bicicleta, sozinha, sem entourage ou babás. Garota cool, essa.

Nasce uma atriz

Sua estreia nas novelas já foi, de cara, na base do escândalo, como a prostituta Stephanie, de *Verdades secretas*. Mas, book rosa à parte, **Yasmin Brunet** tomou gosto pela arte de atuar. “Quero estudar e aprimorar minha interpretação. Tudo é novo, um aprendizado, mas também estou emprestando para a personagem um pouco da minha história com moda, da minha vida de modelo”, diz ela. Para compor o papel, Yasmin conta que fez laboratório com prostitutas de luxo da vida real. “Esse contato me fez abrir os olhos e me livrar de vários preconceitos.” Com o sucesso na TV, Yasmin acaba de ser convidada para substituir Alessandra Ambrósio como garota-propaganda da Schutz. O projeto de adotar um filho com o marido, o também modelo Evandro Soldati, foi adiado. “Queremos adotar sim, mas qualquer coisa relacionada a filho será no futuro. Não está dando tempo de nada.”

Em forma

Depois de mais de um mês internado para controlar o diabetes, **Cauby Peixoto**, de 84 anos, retomou a agenda de shows. “Estou me sentindo muito bem e, segundo meu médico, passarei dos 90”, diz. Cauby acaba de gravar um novo CD, *A bossa moderna de Cauby*, só com canções da bossa nova, a ser lançado no final do ano. “Acho que com o tempo minha voz só melhorou.” Sobre os trechos picantes do documentário sobre sua vida, em que contou sua iniciação sexual, ainda jovem, com outros rapazes, ele tergiversa. “Não me arrependo de nada. Estou muito bem, vivo confortavelmente e com muita paz. Meu estado civil é não sei, talvez, quem sabe.”





ENTREVISTA

Lucas Lucco
cantor

“Se eu fosse ruim demais, não me chamariam”

Fruído da geração virtual, **Lucas Lucco** começou a fazer sucesso após postar no YouTube alguns vídeos com suas músicas. Três anos depois, o cantor tem cerca de 300 milhões de acessos, mais de 11 milhões de fãs no Facebook e 4,5 milhões de seguidores no Instagram. Agora, ele comemora uma nova empreitada, sua estreia como ator na TV Globo, na nova fase da novela adolescente *Malhação – Seu lugar no mundo*.

ÉPOCA – Foi você quem se convidou para a novela?

Lucas Lucco – Estava fazendo o quadro “Dança dos famosos” e fiquei por dentro dos testes para as novelas. Soube de *Malhação* e fui lá como qualquer candidato: entrei na fila, fiz três testes e passei. Não tive privilégios. O engraçado é que os diretores me viram no vídeo e não tinham ideia de quem eu era. Isso me deixou feliz, porque passei por mérito próprio, e não por ser um cantor já conhecido. Se eu fosse ruim demais, não me chamariam.

ÉPOCA – Como será a estreia na TV?

Lucas Lucco – Vou viver o Uodson, um rapaz de coração enorme que ama a família e está sempre pronto para proteger e ajudar a mãe e o irmão. Fiz aulas de fonoaudiologia para perder o sotaque carregado e, cada vez que venho gravar, a produção manda cortar mais um pedaço do meu topete. Daqui a pouco fico careca.

ÉPOCA – A música pode estar perdendo um cantor?

Lucas Lucco – Tenho um trato com a produção: não posso mudar minha agenda de shows, fechada até meados de 2016. Então gravo de segunda



TOPETUDO Lucas aparou o cabelo para gravar *Malhação*. “Fiz três testes e passei”

a quinta-feira e, no fim de semana, caio na estrada.

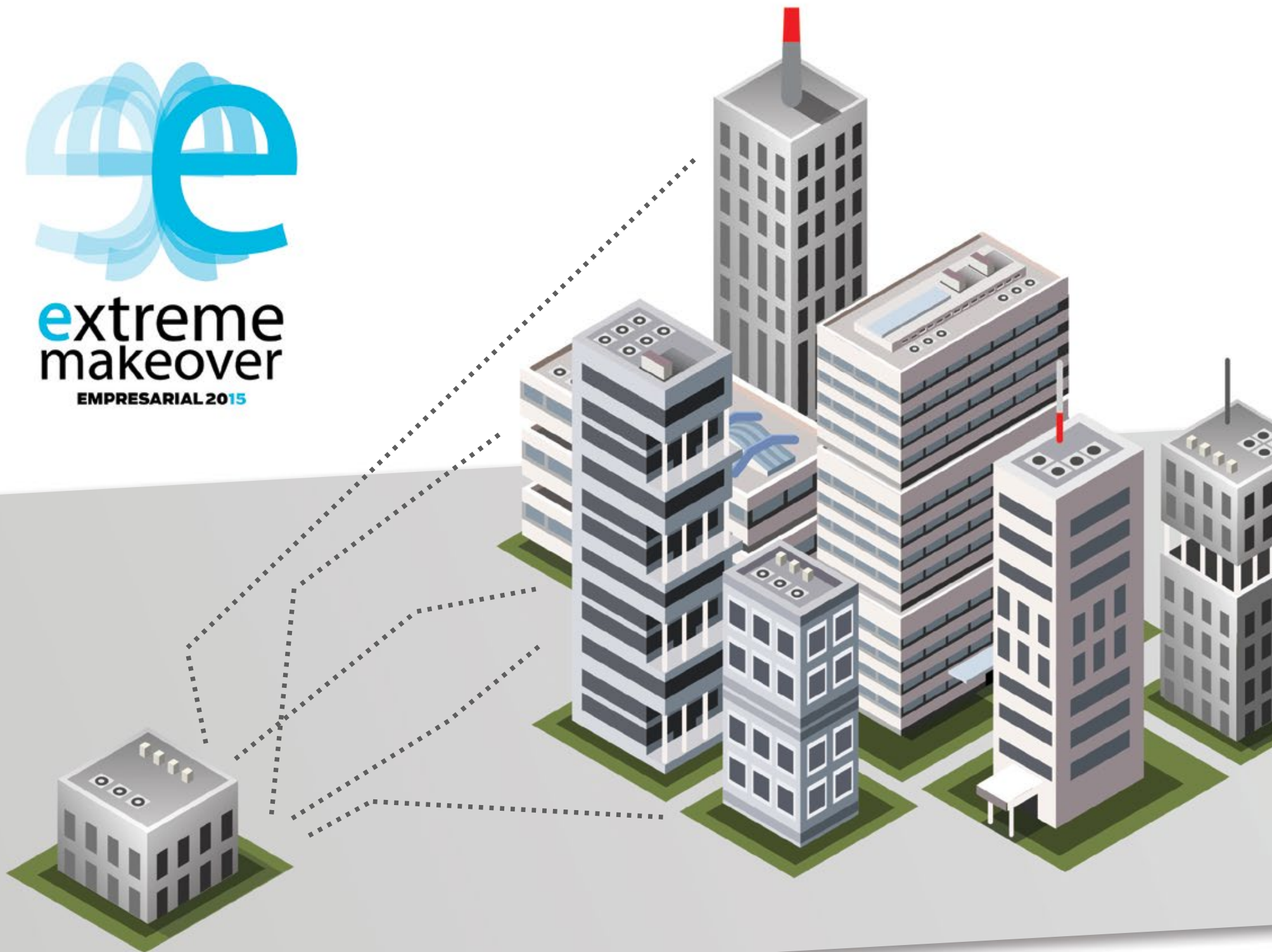
ÉPOCA – Já está rico?

Lucas Lucco – Ainda não, mas conquistei coisas que nunca imaginei, como dar emprego para 40 pessoas. Antes de ser conhecido, trabalhava num estúdio em publicidade e ganhava R\$ 300 por mês. Meu sonho não é ficar rico, mas conquistar coisas que eu almejava.

Nova maratona

Blogueira apaixonada por esportes, há dois anos a maratonista **Deborah Aquino** foi surpreendida com um diagnóstico nada fácil: era portadora de câncer de mama. “Fiquei desesperada e pensei: não vou ver minha filha crescer, meu casamento acabou”, diz. Ela teve de retirar o seio esquerdo e, por prevenção, tirou o direito também. Deborah já fez a reconstrução das mamas. Com a saúde restabelecida, foi convencida a contar sua história de superação em um livro, *Num piscar de olhos*. “Inicialmente, disse não ao convite da editora, mas, pelo blog, uma jovem me contou a história de sua tia, que não queria fazer a quimio”, diz Deborah. “Peguei o contato dela, liguei, ficamos conversando por quase duas horas. Foi o sinal de que precisava: tenho de ajudar outras pessoas.” Deborah retomou os treinos e em maio correu os 43 quilômetros da maratona de Boston.





A TRANSFORMAÇÃO QUE SUA EMPRESA PRECISA PARA CRESCER.

Se você ainda não inscreveu sua empresa no Extreme Makeover, não perca mais tempo! O projeto promove a transformação radical de 3 empresas selecionadas que receberão consultoria tecnológica, financeira e de gestão com os especialistas da Dell, FNQ e Claro. Descubra os segredos de uma administração eficiente e tenha acesso a estratégias de marketing e vendas. E mais: a evolução da sua empresa será publicada nas páginas e no site de Pequenas Empresas & Grandes Negócios.

Inscreva-se até 31 de julho em
www.extrememakeover2015.com.br
e mude o futuro da sua empresa.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:





WALCYR CARRASCO

Book rosa

Quando fui convidado para escrever uma novela inédita das 11 da noite para a Globo, eu não tinha ideia alguma na cabeça. Mas disse sim. Eu sou fascinado por desafios. Prometi uma ideia para dali alguns meses. Em geral crio de maneira intuitiva. Mas desta vez resolvi fazer diferente. Fui repórter durante boa parte da minha vida. O mundo fashion sempre me fascinou. Como jornalista, eu era especializado em comportamento e moda. Mas também sempre estive do lado glamouroso do mercado. Desfiles, tendências. Mas eu precisava de uma boa ideia e voltei ao meu passado de repórter. E pesquisei algo de que já tinha ouvido falar: o book rosa. Ou, como alguns preferem, ficha rosa. Ou seja, a modelo que aceita também prestar serviços sexuais ao cliente. Book azul no caso dos rapazes – também há clientela. Antes de mais nada, esclareço. Existe. Nem todas as agências fazem. Nem todas as modelos fazem. Mas muitas sim. Em geral meninas e garotos de boa aparência são garimpados pelos olheiros (ou scouters) em lugares distantes. Até algum tempo atrás, com 13 anos já estava bom. De um tempo para cá, internacionalmente se convencionou que modelos não podem ser tão jovens. Fotos de moda flertavam com a pedofilia. A idade média dos modelos aumentou. Mas, sim, 16 já está ótimo. O interior do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina é um celeiro para quem procura futuros modelos. A genética italiana-alemã é incrível. Mas no Ceará também há mulheres belíssimas. Muitas vezes, das pequenas cidades do interior, saem excursões de ônibus de jovens interessadas em ingressar no mundo da moda. Quem organiza cobra a viagem. De fato, a oportunidade existe. As grandes agências recebem, fazem um filtro. E, se gostam, contratam imediatamente. Uma das mais famosas modelos do mundo foi descoberta assim.

Trazidos por olheiros ou através de excursões, esses jovens são contratados. O que significa? Só que acabam de contrair uma dívida. São hospedados em cinco, seis, dez, em apartamentos. Pagam pelas vagas. Pagam por um book fotográfico. Com futuros trabalhos, óbvio. (Há falsas agências que só fazem books de incautos para ganhar dinheiro. Cobram e ficam na promessa.) No universo das agências profissionais, há catálogos de moda, eventos, desfiles. Distribuir amostras grátis de perfume em um shopping é trabalho de modelo, tanto quanto

desfile para uma grife. O dinheiro às vezes não chega. Mas há formas de fazer dinheiro, não?

Primeiro fui na internet. Descobri um Facebook de Book Rosa e outro de Ficha Rosa. Óbvios demais. Eu queria ir mais longe. Meu lado repórter falou alto. Todo jornalista sabe que existem pessoas que gostam de ser fonte. De dar notícias. Não sei por que, até se prejudicam. É a secretária que grava o próprio chefe fazendo maracutaia. O assessor que tira cópias de um documento e entrega ao repórter. Encontrei um dono de agência de língua comprida. Foi a minha casa. Servi pãozinhos de queijo e café, enquanto ele passava a tarde prejudicando o próprio negócio. Para minha surpresa, descobri que boa parte dos trabalhos de book rosa é paga não pelo, digamos, beneficiário. Mas pelo dono da empresa. Vejam

bem. A empresa faz um evento. Contrata as modelos. No trabalho delas (ou deles), está embutida a sequência, num fofo quarto de hotel. A agência dá nota fiscal. Tira comissão de 20%! Fica na verba do evento, o dono da empresa às vezes nem desconfia. Ah, sim, em convenções de políticos com frequência também sobram mulheres. Quem paga? Você, eu. O dinheiro não é entregue diretamente à jovem. Às vezes sim, mas é chamado de “presente”. E o que o dono da agência, ou booker, que programa os

trabalhos, mais costuma dizer é:

– Eu gosto de ajudar as modelos.

Em cima disso, sem preconceito, eu construí uma história. Voltei com minha ideia. Foi aprovada. Está aí *Verdades secretas*. E o país todo descobriu que existe o book rosa. Tornou-se comum falar nisso, e sabe-se como é o jogo para convencer uma garota a fazer. Sei de um empresário importante que chegou, há anos, a ser processado pela mãe de uma garota de 13 anos. Em agências menores fora do eixo Rio-São Paulo, muitas vezes milionários tornam-se sócios para ter melhor acesso às bonitas.

É raro saber de onde surge uma história. Desta vez ficou fácil. Da vida real. Tem gente furiosa comigo porque, repito, nem toda modelo faz, nem toda agência faz. Mas o book rosa existe. Essa é a verdade que eu escrevo e deixou de ser secreta. ♦

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

COM
4 MESES DE
ALUGUEL*
DESTA:

VOCÊ COMPRA
UMA DESTA:



De: R\$ ~~59,90~~
12X
Por: R\$ **49,90****
Total à vista
R\$ 598,80

moderninha

**A NOVA MAQUININHA
DO PAGSEGURO.**

• Sem aluguel • Sem taxa de adesão • Não precisa de celular • Frete grátis

Peça já a sua, acesse ou ligue:
pagseguro.com.br
4003-6624

Atendimento 24 horas, todos os dias da semana.

ACEITA AS PRINCIPAIS BANDEIRAS, INCLUINDO:



pagseguro
UOL

A maquininha sem aluguel.

*Preço total à vista da Moderninha: R\$ 598,80, equivalente a menos de 4 meses de custo médio mensal com taxa de adesão (R\$ 150,24) das máquinas GPRS dos concorrentes (Fonte: preços dos principais credenciadores em março/2015, coletados nos sites e por telefone.). **Preço promocional de 12X de R\$ 49,90 válido até o fim do estoque. Preço regular: 12X de R\$ 59,90. Consulte condições em pagseguro.com.br.

No estúdio com Keith Richards

ÉPOCA esteve na audição do primeiro álbum solo em duas décadas do guitarrista dos Rolling Stones. O som continua o mesmo. Mas Richards virou um vovô menos malucão

Sérgio Teixeira Jr., de Nova York, Nina Finco e Marcela Buscato

Alguns dos discos mais importantes da história do rock foram gravados no Electric Lady Studios, construído por Jimi Hendrix há 45 anos no bairro de Greenwich Village, em Nova York. As reverberações das paredes da enorme sala de gravação podem ser ouvidas em *Back in black*, do AC/DC, *Young americans*, de David Bowie, e *Combat rock*, do The Clash. Na terça-feira, dia 21, o estúdio teve um uso diferente. Cerca de 60 convidados, entre eles a reportagem de ÉPOCA, lotaram o espaço para ouvir em primeira mão *Crosseyed heart*, novo disco solo de Keith Richards, o lendário guitarrista dos Rolling Stones. Aos 71 anos, ele lançará em 18 de setembro seu terceiro álbum solo, quase 30 anos após o primeiro, *Talk is cheap*. O último, *Main offender*, é de 1992 – uma eternidade para os fãs, mas apenas um instante para quem está há 50 anos na estrada.

“Normalmente, estou trabalhando nesta sala”, disse Richards ao entrar no estúdio para a audição. “Hoje estou só circulando.” Na realidade, o guitarrista dos Rolling Stones mal conseguiu dar dez passos. Vestido com um paletó de pele de cobra, camiseta roxa e a obrigatória bandana na testa, Richards foi cercado por amigos, gente da indústria da música e jornalistas. Todos queriam

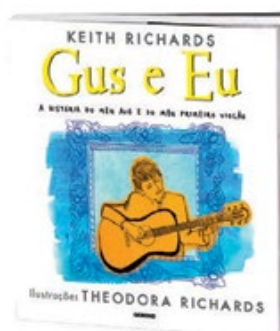
trocar uma palavra e apertar a mão do dono da cara enrugada mais famosa do mundo. Richards não tocou nem cantou. Parecia estar na sala apenas para emprestar à audição sua aura mística de lenda.

O roqueiro britânico conquistou o posto, ao lado dos Rolling Stones, ao incorporar o blues ao rock na década de 1960. Desde então, nenhum riff – as repetições da guitarra ao longo da música – foi mais o mesmo. “Richards é um guitarrista que valoriza os riffs, ao mesmo tempo que é competente nos solos”, diz Marcos Lauro, editor do site da revista *Billboard*. Esse equilíbrio continua presente em seu novo trabalho. Não há grandes surpresas musicais. A

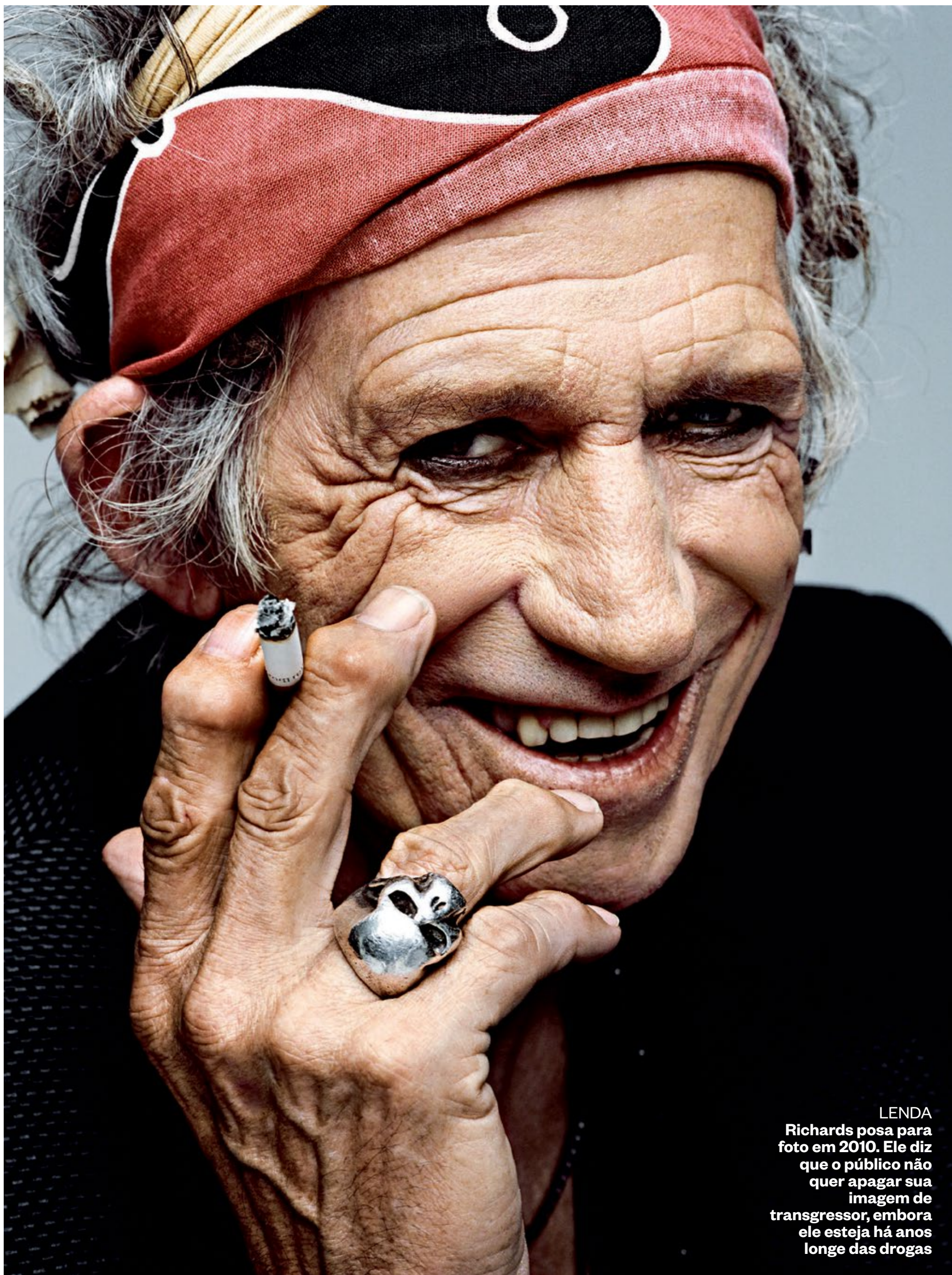
especialidade de Richards – misturar rock com ritmos negros americanos – está presente e é mais inspirada na faixa “Substantial damage”, a melhor do disco. No álbum, ele toca nove instrumentos, incluindo baixo na maioria das músicas. As participações especiais são poucas, mas notáveis: Bobby Keys, o saxofonista que tocava com os Rolling Stones e que morreu no ano passado, e a cantora Norah Jones. Nas faixas, o poder da guitarra é balanceado pela rouquidão de sua voz, cultivada ao longo de décadas regadas a álcool, cigarros e sabe-se mais lá o quê.

Parte significativa do fascínio exercido por Richards vem justamente desse sei mais lá o quê. Tão famosos quanto seus riffs foram seus vícios – hoje extintos, ele garante – em cocaína, mesalina, LSD e heroína. Ele ocupou por dez anos, durante a década de 1970 e começo dos anos 1980, o topo da lista de “estrelas do rock com maior probabilidade de morrer”. O ranking foi criado pela revista *New Musical Express*, uma publicação britânica. Mais que o chavão “lenda viva”, aplica-se a Richards o epíteto “lenda sobrevivente”.

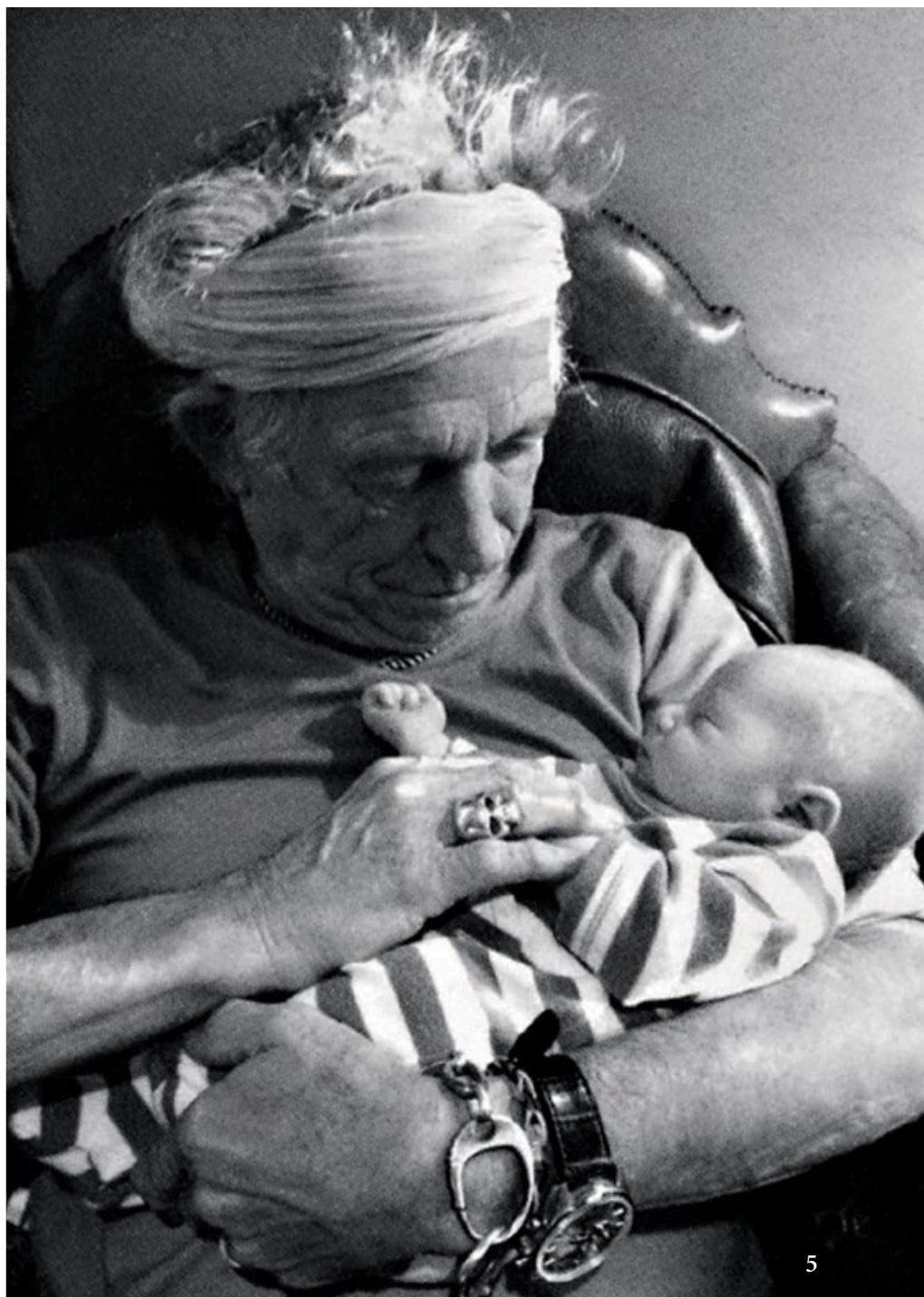
Em sua biografia *Vida* (Globo Livros, 672 páginas, R\$ 49,90), lançada em 2010, o guitarrista narra sua viagem pelo mundo das drogas. Ele diz que começou “a ►



NA ATIVA
O livro infantil *Gus e eu* e o novo álbum solo, *Crosseyed heart*. Depois de uma vida de extravagâncias, Richards continua produtivo aos 71 anos



LENDA
Richards posa para
foto em 2010. Ele diz
que o público não
quer apagar sua
imagem de
transgressor, embora
ele esteja há anos
longe das drogas



DO ROCK AO POP

1. Aos 4 anos, na primeira bicicleta **2.** Em 1962, quando os Rolling Stones começaram. Richards é o último à direita **3.** Em 1967, em um dos muitos julgamentos dos quais foi réu por causa das drogas **4.** Em 2007, como pai de Jack Sparrow, em *Piratas do Caribe 3* **5.** Com seu quinto neto, Otto

ficar chapado, um hábito da vida inteira” em 1965, quando passou a fumar maconha. Richards chegou a disfarçar as agulhas usadas para injetar heroína como prendedor das penas que adornavam seu chapéu – uma tática para conseguir passar pela segurança dos aeroportos. Para injetar a droga, visitava lojas de brinquedos e comprava aquelas injeções de mentira, que vêm nos kits de médico infantil. Bastava encaixar na seringa a agulha de brinquedo escondida no chapéu e aplicar o “veneno”, como chama a heroína.

Richards costuma justificar seu vício. Ele conta que as drogas lhe davam tranquilidade e energia para trabalhar em suas composições por dias a fio. Seu recorde foram nove dias acordado. “A heroína aumentava minha tendência a me

isolar”, escreve Richards em *Vida*. “Ela funcionava como um muro que levantei para me separar de todos os problemas diários.” Toda vez que sentia que o vício começava a atrapalhar o rendimento da banda, ele se desintoxicava. Os problemas com a polícia eram constantes. As autoridades tentavam acabar com a farra do roqueiro imoral. Em 1977, enquanto estava no Canadá, Richards foi indiciado por tráfico internacional de heroína. Acabou solto mediante o pagamento de uma fiança, mas ficou sem passaporte e com liberdade restrita ao hotel. O advogado Bill Carter interveio, pedindo à Casa Branca que deixasse Richards entrar nos Estados Unidos para se livrar do vício, alegando que ele tinha um problema médico. A estratégia deu

certo, e ele recobrou o direito de trabalhar no país após provar estar limpo.

Richards decidiu acabar com sua dependência de heroína em 1978, quando percebeu que não era mais dono da própria vida. “Eu havia me apegado tanto ao veneno que estava ficando impossível me mover pelo mundo e trabalhar.” Do vício em cocaína ele diz ter se livrado apenas em 2006, quando caiu de uma árvore durante um piquenique familiar nas Ilhas Fiji, na Oceania. Depois de passar por uma cirurgia na cabeça, o médico recomendou que ele nunca mais usasse cocaína. “Já cheirei tanto pó na vida que não senti a menor falta.”

Richards atribui sua sobrevivência a sua maneira racional (como se isso fosse possível) de usar drogas: apostava ►

fábio Jr.

NA TURNÊ

**O QUE IMPORTA É
A GENTE SER FELIZ**



07 DE AGOSTO

Meio de Pagamento
Preferencial



15% DE DESCONTO*
EXCLUSIVO: CARTÕES DE CRÉDITO CITI E DINERS CLUB
E CARTÕES DE DÉBITO CITI.

VENDAS
ticketsforfun.com.br

SUJEITO À TAXA DE CONVENIÊNCIA

copatrocínio



promoção



realização



t4f.com.br | fb.com/t4f | fb.com/citibrasil | twitter: @citibrasil

citibank
hall

AV. AYRTON SENNA, 3000 - RJ
VIA PARQUE SHOPPING

Classificação Etária: 16 anos. 14 e 15 anos acompanhados dos pais ou responsáveis legais. *Os benefícios são válidos somente para compras de ingressos realizadas com cartões de crédito Citi e Diners Club e cartões de débito Citi. O total de ingressos para esta promoção é limitado a 10% da capacidade da casa. O benefício de 15% de desconto não é cumulativo com outros descontos e ações promocionais. Desconto aplicável para diversos setores (camarote, pista, mesa, entre outros). Vendas de ingresso com desconto limitadas a 4 ingressos por CPF. ALVARÁ Nº 760413 DE 08/05/07. CERTIFICADO DE REGISTRO Nº503/14, VAL. 23/12/15 - LOTAÇÃO MÁXIMA 8870 PESSOAS.

apenas nas de boa qualidade e nunca aumentava a quantidade usada. O crítico de música britânico Nick Kent, que acompanhou de perto a carreira de Richards, diz que sua vontade de aproveitar a vida o impedia de se destruir completamente. “Richards nunca foi autenticamente destrutivo. Ele apenas adorava ficar alto”, escreveu no jornal britânico *The Guardian*.

Para os fãs, a vida desregrada de Richards funciona como uma catarse. “Ele personificou em seu comportamento seu estilo musical transgressor”, diz o crítico Pedro Só. Os abusos do roqueiro contribuíram para que ele se tornasse, aos olhos do público, um personagem da vida real. Sua influência chegou até a ficção. Ele foi a inspiração do ator Johnny Depp para o jeito entredebochado e desmiolado do pirata Jack Sparrow, em *Piratas do Caribe*. Em uma das sequências da série, Richards interpretou o pai de Sparrow. Difícil saber quem estava mais à vontade no papel de pirata: Richards ou Depp.

Richards tem consciência do fascínio que exerce. Diz achar engraçado o apego do público a sua imagem de doidão, ainda que hoje esteja longe das drogas. “As pessoas me fizeram este herói folclórico. Que Deus as tenha”, escreve Richards. “Farei o melhor que puder para atender a suas necessidades. Elas querem que eu faça o que elas não podem fazer. Dentro delas, há um Keith Richards vagando.” É possível. Afinal, quem não gostaria de ser um astro do rock que, aos 71 anos, continua na ativa?

Além de lançar um álbum solo, Richards está em turnê com os Rolling Stones. Na semana passada, a banda anunciou que passará por São Paulo no ano que vem. Richards ainda encontrou tempo para se tornar um vovô dos mais amáveis. Após o nascimento de seu quinto neto, Otto, Richards decidiu escrever para crianças. O resultado chegou às livrarias brasileiras agora em julho. Em *Gus e eu* (Globinho, 40 páginas, R\$ 36), Richards conta como seu avô, o velho Gus, transmitiu a ele seu amor pela música. “Que eu seja um avô tão bom quanto Gus foi para mim”, diz Richards. Não é que o mito doidão do rock se tornou um vovô maneiro? ♦



JAIRO BOUER

Por que ainda não erradicamos o HIV?

Até há pouco tempo, pensava-se que a única forma de acabar com a epidemia de aids seria a descoberta de uma vacina ou de alguma droga capaz de alcançar a cura. Depois de mais de três décadas de pesquisa, ficou evidente que essas metas são muito difíceis de ser alcançadas. A boa notícia é que hoje já é possível praticamente zerar a transmissão.

O Programa de HIV/Aids da ONU (Unaid) estima que, se algumas metas forem atingidas até 2020, a aids poderia deixar de ser uma epidemia global já em 2030. Para isso acontecer, é preciso que as pessoas façam o exame que aponta a contaminação e comecem o tratamento com o coquetel antirretroviral o mais cedo possível. Nesses casos, a carga dos vírus no organismo pode diminuir drasticamente, a ponto de reduzir de maneira significativa o risco de transmissão.

Na prática, essas medidas não são adotadas na escala necessária para acabar com a epidemia. Primeiro, porque há uma resistência de parte da população à testagem. Sem saber se estão contaminadas ou não, muitas pessoas seguem transmitindo o vírus. Em segundo lugar, muitos dos que sabem ser soropositivos resistem a começar o tratamento, esperando o momento mais crítico da doença. Em terceiro lugar, há a dificuldade de quem faz o tratamento de tomar os remédios todos os dias. Sem regularidade, é difícil zerar a carga viral, além de aumentar o risco de o vírus

se tornar resistente aos medicamentos. Um problema ainda mais sério é que muitos países não conseguem custear serviços médicos, remédios e exames de controle para a população.

Para reforçar o cerco contra o vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou um novo protocolo em que recomenda o uso de antivirais para todos os infectados pelo HIV, assim que o diagnóstico é feito. Essa medida já vale no Brasil desde dezembro de 2013. Outra estratégia é adotar um medicamento que reduz a chance de infecção, uma técnica chamada profilaxia pré-exposição. Essa medida já vale nos Estados Unidos, mas ainda está em fase de estudo no Brasil.

A ONU estima que mais de 15 milhões de pessoas recebem tratamento contra o HIV hoje no mundo todo. Cerca de 30 milhões de novos casos – e possíveis 8 milhões de mortes – foram evitados nos últimos 15 anos. Na contramão dessa tendência, o Brasil enfrenta dificuldades para reduzir essas taxas, e o número de casos novos não caiu na última década. Estima-se que 20% dos 735 mil brasileiros que têm o vírus desconhecem sua condição. São desafios importantes a ser vencidos, principalmente se considerarmos que o modelo de prevenção adotado no Brasil é tido como um modelo para o mundo. ♦

Jairo Bouer é médico formado pela USP, com residência em psiquiatria. Trabalha com comunicação e saúde
E-mail: jbouer@edglobo.com.br

VIII FÓRUM ABA DE MARKETING CULTURAL

DIA 4 DE AGOSTO

Objetivo:

Este evento discutirá o conjunto das atividades inerentes ao marketing cultural, incluindo a análise de estratégias vencedoras, modelos de gestão, legislação e apresentação de casos práticos de sucesso de investimentos nas mais variadas formas de expressão e manifestações da cultura brasileira. Serão debatidas também, as várias formas das empresas públicas e privadas investirem em Cultura, com retorno que garante consolidação de marcas, serviços e produtos. Este é o mais abrangente e diferenciado evento realizado no Brasil sobre Marketing Cultural e conta com a participação de renomados e experientes profissionais especializados no setor e de executivos de grandes empresas patrocinadoras da Cultura do País.

PALESTRANTES / MODERADORES:

- . **Marcelo Calero**, Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro e Comitê Rio 450
 - . **Isabel Werneck**, Comitê Rio 450
 - . **Mauro Maya**, Instituto Gandarela
 - . **Fernando Campos**, Aventura Entretenimento
 - . **Roberto Guimarães**, Oi Futuro
 - . **Dannon Lacerda**, Centro Cultural do Banco do Brasil RJ
 - . **Luciana Guilherme**, Fundação Getulio Vargas
 - . **Tais Reis**, Petrobras e ABA
 - . **Lúcia Helena Rodrigues**, ONS
 - . **Alena Aló**, BR Distribuidora
 - . **Adilson Xavier**, Produtora Zola
 - . **Simone Terra**, Sterra Consultoria, ESPM Rio e ABA Rio
 - . **Vilma Lustosa**, Festival do Rio
 - . **Carlos Campana**, Backstage
 - . **Flávio Machado**, Agência SRCOM
- e outros. Conheça a programação completa no site www.aba.com.br

Valor da Inscrição:

Associados da ABP, CENP, AMPRO RJ, ABAP Rio, Grupo de Mídia RJ: R\$ 700,00
Associados da ABA: R\$ 600,00
Demais interessados: R\$ 800,00
Estudantes de graduação: R\$ 400,00

Inclusos: Coffee-breaks e certificado online de participação. O conteúdo das palestras, liberado pelos palestrantes, será enviado por e-mail em até 10 dias úteis após o evento.

Informações e Inscrições:

21 2292-8399 | 11 3283-4588

www.aba.com.br

E-mail: eventos@aba.com.br

aline.abario@aba.com.br

Local:

Espaço Furnas Cultural
Rua Real Grandeza, 219 – Botafogo
Rio de Janeiro/RJ

Patrocínio Master:



PETROBRAS



INFOGLOBO:



Educação:



Apoio Especial:



Realização:



Apoio:



GIACOMETTI+



DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA



Cinema
2 horas

Tanquinhos mágicos

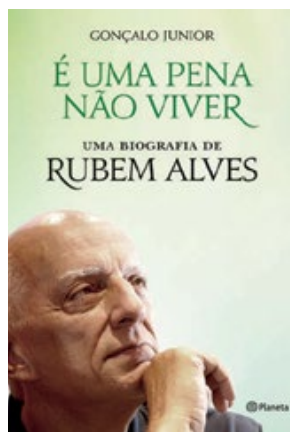
Magic Mike XXL é a continuação do sucesso com maior número de tanquinhos à mostra dos últimos anos. A sequência do filme de 2012 trata do reencontro dos colegas do, digamos, talentoso stripper Mike (Channing Tatum). Agora, são Richie (Joe Manganiello) e Ken (Matt Bomer) que querem se aposentar das tanguinhas e combinam um último grande show com o amigo Mike, aposentado há três anos. Eles fazem uma road trip até Myrtle Beach, em Miami, para preparar o espetáculo. Aproveite porque o filme não deverá ter muitas sequências. Tanquinhos se transformam em panças de cerveja em pouquíssimo tempo. **Estreia no dia 30/7.**



Livro
2 horas

Pregador da boa-nova

Rubem Alves (1933-2014) atuou como professor, escritor, filósofo, psicanalista. Poucos sabem que, antes de aplicar suas ideias à educação (queria que as escolas se parecessem menos com gaiolas), foi pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil. Essa parte de sua história é retratada em detalhes no livro **É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves**, de Gonçalves Junior. Alves queria que a igreja fosse mais sensível aos problemas dos mais pobres. Considerado subversivo pela ditadura militar e por pastores, trocou a teologia pela literatura e influenciou milhões. **Planeta, 496 páginas, R\$ 49,90.**



Mostra
2 horas

Clássicos ao ar livre

A mostra **Cine ao Ar Livre no CCBB** exibirá alguns dos clássicos do cinema mundial. As sessões acontecerão dentro do cinema do CCBB e, aos fins de semana, na área externa. O público poderá assistir a filmes que estão longe da telona há décadas, como *Monsieur Verdoux*, de Charles Chaplin, *Morangos silvestres*, de Ingmar Bergman, *Ladrões de bicicleta*, de Vittorio De Sica, e *Hiroshima meu amor*, de Alain Resnais. **CCBB, Brasília, até 16/8.**



TV
1 hora

O primeiro dia, 14 anos depois

A nova série do Netflix, **We hot American Summer**, é uma volta ao tempo. Em oito episódios, ela mostra o que acontece no primeiro dia do acampamento que fez sucesso no filme de mesmo nome lançado em 2001. Mesmo estando mais velhos, atores que participaram do filme há 14 anos, como Bradley Cooper, Paul Rudd e Amy Poehler, retornam para o seriado que promete render muitas risadas. **Estreia no dia 30/7.**



Exposição
2 horas

Da música para a fotografia

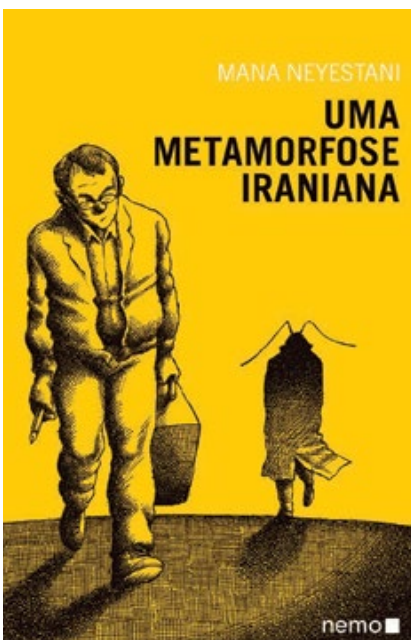
Na exposição **Faces**, o cantor Junior Lima, a eterna outra metade da dupla Sandy & Junior, revela fotografias clicadas por ele durante viagens por Brasil, Estados Unidos e Ásia (Tailândia, Laos, Camboja e Indonésia). A mostra é resultado do hobby do cantor, que ganhou força com o sucesso de seus cliques, feitos com o celular, postados em suas redes sociais. As imagens contam com intervenções em tinta acrílica e spray feitas pelo artista plástico e grafiteiro mineiro Dalata. **Luis Maluf Art Gallery, São Paulo, até 16/8.**



Quadrinhos
2 horas

Repressão ilustrada

Uma metamorfose iraniana é uma graphic novel de humor ácido, cheia de críticas à falta de liberdade de expressão e à opressão do sistema totalitário do Irã. As ilustrações narram a autobiografia de Mana Neyestani, que viu sua vida mudar após ter de passar cinco meses na prisão por causa de uma ilustração que desagradou ao governo. **Nemo, 208 páginas, R\$ 39,90.**



CD
1 hora

Zé canta Zé

Em seu novo CD, **Chão de giz – Zeca Baleiro canta Zé Ramalho**, o cantor Zeca Baleiro interpreta com seu jeito único grandes sucessos e músicas esquecidas do paraibano Zé Ramalho, que queria ser o Bob Marley brasileiro, mas está mais para Raul Seixas paraibano. No CD estão presentes “Chão de giz”, “Admirável gado novo” e “Beira-mar”. **Som Livre, R\$ 24,90.**

LIVROS

MAIS VENDIDOS

Não mais uma adolescente

No terceiro livro da coleção **Minha vida fora de série**, de Paula Pimenta, Priscila, agora com 19 anos, vê-se obrigada a encarar a vida adulta.



FICÇÃO

1	Cidades de papel John Green Intrínseca	88/1
2	Número zero Umberto Eco Record	4/4
3	Toda luz que não podemos ver Anthony Doerr Intrínseca	13/2
4	Se eu ficar Gayle Forman Novo Conceito	48/3
5	Feitiço da sombra Nora Norberts Arqueiro	1/*
6	Simplesmente acontece Cecelia Ahern Novo Conceito	24/7
7	Como eu era antes de você Jojo Moyes Intrínseca	19/9
8	Função ceo Tatiana Amaral Pandorga	1/*
9	O sol é para todos Harper Lee José Olympio	1/*
10	A Guerra dos Tronos – Vol. 1 George R.R. Martin Leya Brasil	104/6

NÃO FICÇÃO

1	Correr Drauzio Varella Companhia das Letras	8/1
2	Só por hoje e para sempre Renato Russo Companhia das Letras	2/2
3	Destrua este diário Keri Smith Intrínseca	82/4
4	Brasil Lília Moritz Schwartz; Heloisa Starling Companhia das Letras	10/3
5	O diário de Anne Frank Anne Frank Record	53/8
6	O capital do século XXI Thomas Piketty Intrínseca	33/7
7	1808 Laurentino Gomes Globo Livros	241/6
8	A teoria de tudo Jane Hawking Única	22/5
9	Sniper americano Chris Kyle Intrínseca	22/9
10	Sonho grande Cristiane Correa Sextante/GMT	111/10

INFANTOJUVENIL

1	A herdeira – Vol. 4 Kiera Cass Seguinte	11/2
2	Minha vida fora de série – 3ª temporada Paula Pimenta Gutenberg	4/1
3	O Pequeno Príncipe Antoine de Saint-Exupéry Agir	479/3
4	Eu fico loco Christian Figueiredo de Caldas Novas Páginas	23/4
5	Diário de um banana – Vol. 9 Jeff Kinney Vergara & Riba	16/5
6	A seleção Kiera Cass Seguinte	48/6
7	Guerra civil Stuart Moore Novo Século	4/*
8	A elite Kiera Cass Seguinte	21/10
9	Diário de um banana – Vol. 1 Jeff Kinney Vergara & Riba	59/8
10	A escolha Kiera Cass Seguinte	5/*

E-BOOKS

1	Grey E.L. James Intrínseca	6/1
2	A mágica da arrumação Marie Kondo Sextante	10/2
3	Pulsção Gail McHugh Arqueiro, RJ	3/3
4	Cidades de papel John Green Intrínseca	2/4
5	Segredos de uma noite de verão Lisa Kleypas Arqueiro, RJ	2/*

O número à esquerda indica há quantas semanas o livro figura na lista; à direita, sua posição na semana anterior. Consulte listas completas e fontes de pesquisa em epoca.com.br



RUTH DE AQUINO

O destrambelhado Cunha

Às vésperas das manifestações de agosto, às voltas com o “ajuste do ajuste” e o “arrocho do arrocho”, a presidente Dilma Rousseff ganha enfim um trunfo: a exposição de seu maior adversário. Ele se chama Eduardo Cunha, o destrambelhado presidente da Câmara. Em seu quarto, diante da penteadeira, Dilma deve se perguntar: “Espelho, espelho meu, existe alguém mais arrogante do que eu?”. “Sim”, responde a voz do espelho.

É inaceitável a pressão de Cunha sobre o Supremo Tribunal Federal (STF) para afastar da condução da Operação Lava Jato o juiz federal Sergio Moro. Cunha não gostou de ter vindo a público a delação que o envolveu em recebimento de propina milionária, em dólares, por contratos de navios-sonda assinados pela Petrobras. Tem direito de não gostar. Mas pedir a cabeça de Moro e exigir que a ação na Justiça Federal do Paraná corra em sigilo e seja conduzida pelo Supremo porque ele, Cunha, tem foro privilegiado... isso é moralmente discutível. No mínimo.

Também é inaceitável que, em seu rompante de diva, acreditando mesmo protagonizar a oposição a Dilma, Cunha tenha “rompido” com o governo federal. Esqueceu que é do PMDB e que faz par caipira com o presidente do Senado, Renan Calheiros, ambos detentores dos implantes capilares mais vistosos do Congresso? Não temeu desgostar Temer – o vice-presidente mais quietinho da história contemporânea? Ignorou seu cargo de presidente da Câmara e partiu para o vale-tudo, em vez de jogar xadrez? (Leia reportagem sobre Eduardo Cunha na página 40.) Isolou-se no mesmo dia em que o Congresso entrava em “recesso branco” de duas semanas, suspendendo todos os debates e trabalhos? Um desastre.

Tudo inaceitável. Mas previsível, para quem acompanha Cunha desde que presidiu a Telerj (entre 1991 e 1993) no governo de Fernando Collor, filiado ao PRN (Partido da Reconstrução Nacional) e ligado a PC Farias. Normal, não? Filiou-se ao PPB (Partido Progressista Brasileiro) em 1994. Cunha se uniu ao líder evangélico Francisco Silva, com quem trabalhou na Rádio Melodia. Um comunicador. Tornou-se aprendiz e afilhado fiel de Anthony Garotinho. Presidiu a Cehab (Companhia Estadual de Habitação) para Garotinho e foi demitido, em 2000, acusado de fraudes em contratos assinados em sua gestão. Foi eleito deputado pelo PPB em 2002 e, depois, pelo PMDB. Safou-se de todas as acusações

e sindicâncias contra ele até hoje no exercício do poder – licitações irregulares, desvios, achaques, favorecimentos. Responde a tudo em seu site. Ataca ferozmente quem o denuncia. Uma de suas frases mais conhecidas é: “O povo não está nem aí para o que eu digo, só pega a última frase”.

Quando eu dirigia o jornal carioca *O Dia*, em agosto de 1996, pude perceber como Cunha agia ao se sentir acuado. O episódio era prosaico. Não havia crime. Ex-presidente da Telerj nesse tempo – e fonte assídua e ardorosa de jornalistas –, Cunha foi parar com a ex-mulher, Cristina Dytz, numa delegacia da Barra da Tijuca, no Rio. O motivo tinha sido uma briga de casal. Vizinhos chamaram a PM porque Cunha estaria, aos gritos, tentando entrar no apartamento do condomínio em que Cristina morava com os filhos, sob o pretexto de apanhar documentos. Cunha tinha 38 anos, morava num apart-hotel, estava com a perna engessada e,

segundo se apurou, não queria pagar a pensão mensal de R\$ 18 mil para ela e os três filhos, depois de 12 anos de união. A PM levou o casal para a delegacia, com seus advogados, e o jornal publicou uma matéria curta. Até aí, nada. Mas Cunha fez de tudo para impedir a publicação. Telefonou primeiro para um editor, depois telefonou para o dono do jornal. A reportagem saiu. Cunha travou com o jornalista um diálogo pesado ao telefone. E o levou à Justiça. Perdeu, porque nada havia ali que configurasse difamação ou injúria. Apenas fatos.

Por seu temperamento e seu histórico de desavenças, Cunha é, portanto, o opositor “ideal” de Dilma porque joga a presidente e Lula nos braços de uma oposição mais sensata (leia reportagem sobre Dilma e Alckmin na página 42). Não é de espantar que Lula, às vésperas de manifestações convocadas para agosto, pró e contra Dilma, se aproxime do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Um Cunha em inferno astral, isolado pelo próprio PMDB, é tudo que Dilma precisa para tirar o holofote de cima da inflação de dois dígitos, do desemprego, do corte de R\$ 3,4 bilhões no programa de creches e pré-escola, da meta que não convence, das contas que não fecham.

Há quem peça, no Congresso, a renúncia de Cunha até que seja apurado seu envolvimento na Lava Jato. Enquanto isso, Dilma vai ao Nordeste para vender um Brasil que não existe a eleitores que também não existem mais. ♦

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA raquino@edglobo.com.br

*Existe atendimento
de emergência
em oncologia?
Agora existe.*



HOSPITAL

O Einstein inaugurou o primeiro pronto atendimento oncológico em um hospital geral no Brasil. Formado por uma equipe de enfermagem especializada e médicos oncologistas de plantão, esse novo serviço oferece maior segurança e conforto ao paciente oncológico em situações de emergência.

*Cada dia mais completo.
Cada dia mais Einstein.*

Responsável Técnico: Dr. Miguel
Cendoroglo - CRM 48.949 SP

www.einstein.br
Central de atendimento: (11) 2151-1233

MORUMBI

R. Ruggero Fasano, s/nº – Bloco A
De segunda a sexta, das 8 às 17 horas.



ALBERT EINSTEIN
SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA
Sua saúde é o centro de tudo.




FESTINA
Watches since 1902



Mark your time

Ⓢ Reprodução proibida. Preços válidos até 31/08/2015 ou enquanto durarem os estoques (prevalecendo o que ocorrer primeiro). FT00002787 – VENDAS: www.vivara.com.br ou 0800 77 44 999.

RELÓGIO MASCULINO
À vista R\$ 390.
Consulte o valor da parcela mínima.

VIVARA
vivara.com.br